



UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS – UFT
CAMPUS DE ARAGUAÍNA
CURSO DE MESTRADO EM LETRAS – LINGUA PORTUGUESA

IRONEIDE LOPES CAVALCANTE

**A LITERATURA SAI DA CASCA FORMANDO TIMES DE LEITORES E
ESCRITORES NA ESCOLA**

Araguaína – TO

2021

IRONEIDE LOPES CAVALCANTE

**A LITERATURA SAI DA CASCA FORMANDO TIMES DE LEITORES E
ESCRITORES NA ESCOLA**

Dissertação apresentada ao Mestrado Profissional em Letras - PROFLETRAS – Universidade Federal do Tocantins – UFT, Campus Araguaína. Área de concentração: Leitura e produção textual: diversidade, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Letras.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Valéria da Silva Medeiros

Araguaína – TO

2021

IRONEIDE LOPES CAVALCANTE

A LITERATURA SAI DA CASCA FORMANDO TIMES DE LEITORES E
ESCRITORES NA ESCOLA

Dissertação foi avaliada e apresentada à
UFT – Universidade Federal do Tocantins
– Campus Universitário de Araguaína,
Curso de Mestrado em Letras para
obtenção do título de Mestre e aprovada
em sua forma final pelo Orientador e pela
Banca Examinadora.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Valéria da Silva
Medeiros

Araguaína – TO

2021

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins

C376l Cavalcante, Ironeide Lopes.

A literatura sai da casca formando times de leitores e escritores na escola. / Ironeide Lopes Cavalcante. – Araguaína, TO, 2021.

119 f.

Dissertação (Mestrado Profissional) - Universidade Federal do Tocantins – Câmpus Universitário de Araguaína - Curso de Pós-Graduação (Mestrado) Profissional em Letras Ensino de Língua e Literatura, 2021.

Orientadora : Valéria da Silva Medeiros

1. Leitura. 2. Escrita. 3. Literatura. 4. Formação de leitores. I. Título

CDD 469

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

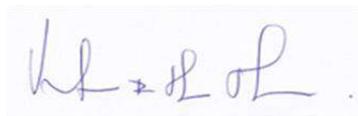
IRONEIDE LOPES CAVALCANTE

**A LITERATURA SAI DA CASCA FORMANDO TIMES DE LEITORES E
ESCRITORES NA ESCOLA**

Dissertação foi avaliada e apresentada à UFT – Universidade Federal do Tocantins – Campus Universitário de Araguaína, Curso de Mestrado em Letras para obtenção do título de Mestre e aprovada em sua forma final pelo Orientador e pela Banca Examinadora.

Data de aprovação: 23 / 03 / 2021

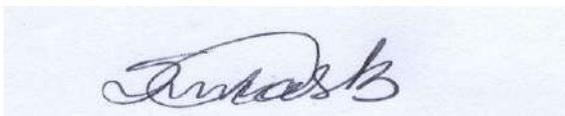
Banca Examinadora



Profa. Dra. Valéria da Silva Medeiros (presidente e orientadora)



Membro Externo: Profa Dra. Elisa Alencar IES: UFT



Membro Interno: Profa. Dra. Selma Maria Abdalla Dias Barbosa IES: UFT

Araguaína, 2021

Dedico este trabalho primeiramente a Deus, por ser o autor da minha vida, do meu destino e da minha fortaleza, aos meus pais José Carlos e Douracy, que são a razão da minha existência, meu esposo Pedro Lira, que sempre me apoiou em toda minha jornada e nunca me deixou faltar amparo, aos meus filhos Pedro Hítalo, Ytanno e Maria Joaquina, em especial a minha filha Paulina, que sempre me deu forças e nunca me deixou desanimar, a minha irmã Ironilde, que nunca me deixou faltar apoio para seguir, a minha diretora Urana, que muito contribuiu para que eu concluísse esse curso e as coordenadoras Alcione, Deuzirene, Lisleia e Tatiane pelo apoio que me proporcionaram nessa caminhada.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a minha Orientadora Valéria Medeiros, por ter orientado e contribuído com a escrita desta dissertação e todos os professores que compartilharam seus conhecimentos para ampliação dos meus neste curso, que é de suma importância na minha vida.

RESUMO

Essa pesquisa teve o intuito de investigar como e em que medida a literatura infantil que se enquadra no gênero conto, pode contribuir para a prática de leitura e escrita no processo de ensino e aprendizagem de Língua Portuguesa. Esse estudo foi realizado com a turma do 9º ano do ensino fundamental de uma escola pública estadual do interior do Estado do Tocantins. Essa investigação proporcionou ao aluno, por meio de uma proposta de intervenção pedagógica, a oportunidade de desenvolver seu hábito de leitura e ampliar sua capacidade de escrita, pela prática. Nessa proposta, o estudante teve momentos de reflexão sobre a identidade linguística cultural da comunidade onde vive, assim como a oportunidade de reconhecer e valorizar as variações linguísticas, tais como: a informal usada pelos indivíduos pouco letrados e destacada na oralidade nas histórias contadas e a linguagem formal usada no andamento da produção escrita sem deixar que uma supere a outra, sempre respeitando as variantes e prevalecendo as marcas da originalidade. O estudo ainda discorre sobre a teoria do conto, letramento literário e a importância da literatura para a formação leitora do aluno. A pesquisa utiliza como embasamento teórico textos de autores que pesquisam e discutem sobre o ensino de Literatura nas escolas e sua contribuição para a formação de leitores crítico reflexivos entre eles Candido (2004), Cosson (2016), Marcuschi (1946), Schneuwly (2004), Kiefer (2004), Gotlib (2004), Antunes (2003), Rojo (2012). Com essa discussão espera-se, contudo, colaborar para uma reflexão em torno do ensino de literatura, por meio de textos literários, de forma a proporcionar uma formação de leitores de literatura e, conseqüentemente, autores da construção de seus próprios conhecimentos.

Palavras Chaves: Leitura, Escrita e Literatura.

ABSTRACT

This research aimed to investigate how and to what extent children's literature for children can contribute to the practice of reading and writing in the process of teaching and learning Portuguese. This study was carried out with the class of the 9th grade of elementary school in a state public school in the interior of the State of Tocantins. This investigation provided the student, through a pedagogical intervention proposal, the opportunity to develop his reading habit and expand his writing capacity through practice. In this proposal, the student had moments of reflection on the cultural linguistic identity of the community where they live, as well as the opportunity to recognize and value linguistic variations, such as the informal one used by poorly literate individuals and highlighted in orality in the stories told and the formal language. used in the progress of written production without letting one exceed the other, always respecting the variants and prevailing the marks of originality. The study also discusses the short story theory, literary literacy and the importance of literature for the student's reading formation. The research uses with theoretical basis in texts by authors who research and discuss the teaching of Literature in schools and their contribution to the formation of reflective critical readers among them Candido (2004), Cosson (2016), Marcuschi (1946), Schneuwly (2004), Kiefer (2004), Gotlib (2004), Antunes (2003), Rojo (2012). With this discussion, however, it is expected to collaborate for a reflection around the teaching of literature through literary texts, in order to provide a training for readers of literature and consequently authors of the construction of their own knowledge.

Keywords: Reading, Writing and Literature

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1	Espirais da Pesquisa-ação	39
Figura 2	Espirais da Pesquisa desenvolvida	41
Figura 3	Roda de contação	62
Figura 4	Roda de contação	64
Figura 5	Mesa redonda para recontação	65
Figura 6	Atendimento individual	66
Figura 7	Atendimento individual	67
Figura 8	O grito misterioso	70
Figura 9	Apresentação	76
Figura 10	Apresentações	77

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	12
2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	15
2.1 O que é leitura.....	15
2.2 A Leitura como instrumento de inclusão social	16
2.3 O papel da Literatura na formação de leitores críticos e reflexivos	18
2.4 As práticas de leitura e de escrita no ensino de língua portuguesa	23
3. O conto.....	28
3.1 O Conto como ferramenta para o desenvolvimento da leitura e da escrita	30
3.2 Conto popular.....	32
4. Metodologia	38
4.1 A pesquisa-ação	38
4.2 Linha do tempo	41
4.3 Diagnóstico inicial	43
4.4 Caracterização da escola.....	47
4.5 Desenvolvimento da Proposta de intervenção pedagógica	48
4.5.1 Atividade 1 – Oralidade.....	53
4.5.2 Atividade 2 – Leitura	55
4.5.3 Atividade 3 – Roda de escuta das histórias contadas pelos moradores da comunidade	63
4.5.4 Atividade 4 - Escrita	64
4.5.5. Atividade 5 – Gramática.....	75
4.5.6 Atividade 6 – Dinâmica (Dramatização).....	76
5. ANÁLISE DOS RESULTADOS E CONSIDERAÇÕES FINAIS	78
REFERÊNCIAS	84
ANEXOS	87

1. INTRODUÇÃO

Essa pesquisa foi realizada com uma turma do 9º ano do Ensino Fundamental II de uma escola pública estadual do interior do Estado do Tocantins. Foi um estudo que proporcionou ao aluno por meio de uma proposta de intervenção pedagógica a oportunidade de desenvolver seu hábito de leitura e ampliar sua capacidade de escrita por meio da prática. Esse trabalho foi produzido e desenvolvido por mim, Ironeide, professora de escola pública, apaixonado pelo que faz, e tudo isso é fruto da minha experiência em sala de aula, mais especificamente, da minha inquietação e desejo de ajudar os alunos a terem outra visão acerca da sua vida escolar, de contribuir para qualidade do ensino na escola da qual faço parte. Além disso, o PROFETRAS vem para dar um impulso nesse meu anseio, o que me proporcionou uma ampliação de conhecimento significativa na minha vida profissional e pessoal.

Vive-se, hoje, numa sociedade em que a prática de leitura e escrita faz-se muito necessária à vida do indivíduo em seus contextos diários. E, percebendo a grande falta de interesse dos alunos em participar de atividades de leitura na sala de aula, foi pensado no desenvolvimento desta pesquisa, a qual visa, por meio de uma proposta de trabalho voltada para despertá-lo para o mundo da leitura, investigar cientificamente a falta de interesse dos alunos e desenvolver um plano de ação que inclui além de da prática de leitura a produção de contos baseada em histórias contadas por moradores da comunidade para tentar motivar os estudantes a praticar o ato de ler. Além disso, investigar as contribuições da literatura infantil na construção de leitores críticos-reflexivos capazes de se posicionar perante os diversos aspectos da sociedade.

Os alunos precisam ser colocados em situação de protagonistas na construção de seus próprios conhecimentos. Diante disso, surge a necessidade de elaboração de planos que efetivem esse posicionamento dos estudantes na participação de práticas de leituras diversas, visando atender suas necessidades. Essas práticas devem ser desenvolvidas com atividades dinâmicas que busquem despertar o interesse e a curiosidade de todos os indivíduos envolvidos no processo.

Esse estudo fez-se necessário para conhecer e identificar na prática os benefícios da literatura para a formação de leitores dentro do espaço escolar. A leitura literária como importante instrumento para o processo de aprendizagem

precisa fazer parte de todas as etapas da vida dos estudantes. Visto que, ela é capaz de nos transformar como indivíduo e tem a capacidade de nos ajudar a dizer o mundo e nos dizer a nós mesmos (COSSON, 2016, p. 46).

Com o objetivo de desenvolver o hábito de leitura por prazer, levar o aluno a se reconhecer como responsável pelos seus próprios conhecimentos e ser capaz de participar ativamente na construção da cidadania na sociedade na qual está inserido, criou-se esta pesquisa. Por meio dela, pretendeu-se obter os resultados esperados sobre as contribuições da literatura infantil, enquadrada no gênero conto, para a formação leitora dos estudantes. Nesta dissertação, entende-se por gênero textual, conforme Marcuschi

Refere os textos materializados em situações comunicativas recorrentes. Os gêneros textuais são os textos que encontramos em nossa vida diária e que apresentam padrões sociocomunicativos característicos definidos por composições funcionais, objetivos enunciativos e estilos concretamente realizados na integração de forças históricas, sociais, institucionais e técnicas. Em contraposição aos tipos, os gêneros são entidades empíricas em situações comunicativas e se expressam em designações diversas, constituindo em princípio listagens abertas. Alguns exemplos de gêneros textuais seriam: telefonema, sermão, carta comercial, carta pessoal, romance, bilhetes, reportagem, aula expositiva, reunião de condomínio, notícia jornalística, horóscopos, receita culinária, bula de remédio, lista de compras, cardápio de restaurante, instruções de uso, inquérito policial, resenha, edital de concurso, piada, conversa espontânea, conferência, carta eletrônica, bate-papo por computador, aulas virtuais, e assim por diante. Como tal, os gêneros são formas textuais escritas ou orais bastantes estáveis, histórica e socialmente situadas. (1946, p. 155).

Partiu-se do pressuposto de que, a literatura tem o poder de transformação do indivíduo e da própria sociedade e, segundo Cosson: “Isso ocorre porque a literatura é plena de saberes sobre o homem e o mundo.” (2016, p. 16).

A escola enquanto formadora de leitores deve buscar maneiras de oferecer aos alunos oportunidades de práticas de leitura cotidianamente de forma agradável e motivadora para que os estudantes sintam o desejo de expandir seu nível de leitura e de participarem das atividades aplicadas em sala de aula e extraclasse.

Essa pesquisa foi realizada mediante uma proposta de intervenção pedagógica com o uso da literatura infantil (Contos de fadas dos irmãos Grimm) para mobilizar os alunos a partir da prática leitora, à participação em roda de leitura, em apresentações teatrais, contação de histórias presenciais ou por meio de vídeos,

produção de contos e exposição de textos de sua autoria, despertar seu hábito de leitura e escrita, e motivá-los a assumir o lugar de ator principal de seu próprio saber.

Esse estudo visa exatamente colocar o aluno diante da experiência de viver algo que o faz ter uma visão além daquilo em que está acostumado, tirá-lo do mundinho em que vive e libertá-lo para uma nova experiência com o mundo da leitura e da escrita. Mostrar ao aluno o tamanho do caminho que ele pode e deve percorrer para atingir seus objetivos com plenitude e sabedoria, sofrendo menos frustrações na trajetória da sua vida.

Essa dissertação tem por objetivo geral investigar como e em que medida a literatura infantil pode contribuir para a prática de leitura e escrita no processo de ensino e aprendizagem de Língua Portuguesa. Identificar e compreender os benefícios da literatura infantil (contos) para a construção de leitores ativos. E, por que não escritores. Deste modo, a pesquisa tem como objetivos específicos:

1. Apresentar e desenvolver uma proposta de trabalho com literatura infantil (contos) com os alunos de 9º ano do Ensino Fundamental;
2. Estimular os alunos, por meio da prática de leituras na sala de aula, a desenvolverem seu potencial leitor;
3. Dramatizar textos lidos na sala de aula.
4. Reconhecer a importância da Literatura na sala de aula e respectivamente dentro da escola.
5. Produzir contos baseados em histórias contadas por moradores.

Nessa investigação foi utilizado como instrumentos metodológicos, questionário diagnóstico inicial visando identificar a relação dos alunos participantes da pesquisa com a leitura; proposta de intervenção pedagógica com o intuito de contribuir para o desenvolvimento do hábito de leitura e melhorar a capacidade de escrita, além de grupo de discussões para obter depoimentos, avaliar e analisar as apresentações feitas pelos alunos dos resultados alcançados.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 O que é leitura

A leitura e a escrita são duas habilidades da linguagem verbal. E a leitura em especial é a mais difícil e complexa, pois é um dos processos que compreende duas operações fundamentais: a decodificação e a compreensão.

Decodificação: é a capacidade que temos de identificar e traduzir símbolo para facilitar o nosso entendimento como leitor e escritores, desenvolvendo competências linguísticas que consistem no reconhecimento dos signos gráficos, nos tornando capaz de traduzi-los para a linguagem oral.

Compreensão: é a capacidade que temos de entender e captar os sentidos ou a ideia central dos textos escritos. A compreensão se dá através de um esforço cognitivo realizado durante a leitura. Ferreira, Luz e Remenche (2015, p. 155) afirmam que

Na leitura, os mecanismos de busca de informação acionados pelo leitor, bem como o reconhecimento do tema central, da metodologia e do marco teórico, constituem práticas de interação com gêneros que exigem dele não apenas a decifração dos signos verbais ou visuais inscritos na tessitura do discurso, mas uma prática dialógica e interdiscursiva que se impõe sobre o território do letramento.

Essa prática de interação do leitor com o texto lido ativa todos os mecanismos possíveis para o desenvolvimento do saber. Isso, como a firma a autora, vai além do decifrar códigos verbais ou visuais. Sendo assim, ler é entrar nas profundezas do nosso cognitivo, da nossa capacidade de interlocução. Para Solé (1998, p. 44),

Ler é compreender e que compreender é, sobretudo, um processo de construção de significados sobre o texto que pretendemos compreender. É um processo que envolve ativamente o leitor, à medida que a compreensão que realiza não deriva da recitação do conteúdo em questão.

A leitura é uma atividade na qual se leva em conta os experimentos e as informações do leitor, e exige bem mais que o conhecimento do fluxograma linguístico, uma vez que o texto não é simples invenção da codificação de um emissor a ser interpretado por um receptor apático. A autora afirma que:

A leitura é um processo de interação entre o leitor e o texto; nesse processo tenta-se satisfazer os objetivos que guia sua leitura. (...) os objetivos da leitura são elementos que devem ser levado em conta quando se trata de ensinar as crianças a ler e compreender (...). Para ler necessitamos, simultaneamente, manejar com destreza as habilidades de decodificação e apontar ao texto nossos objetivos, ideia e experiências prévias; precisamos nos envolver em um processo de previsão e inferência contínua, que se apóia na informação proporcionada pelo texto e na nossa própria bagagem, e em um processo que permita encontrar evidência ou rejeitaras previsões e inferências antes mencionadas. (1998, p. 22-23).

A leitura nada mais é que um artifício de captação do conceito essencial do palavreado escrito. E é somente por meio dela, que se forma um cidadão reflexivo, crítico, ativo, com consciência e autonomia, capaz de pensar e intervir no meio onde vive, transformando a realidade do seu meio social. Para Martins, (2007, p. 25) a leitura seria a ponte para o processo educacional eficiente, proporcionando a formação integral do indivíduo.

2.2 A Leitura como instrumento de inclusão social

A Leitura deve ser usada como um meio de inclusão social, pois proporciona ao estudante uma compreensão de mundo e de vida na sociedade, leva o indivíduo a reconhecer o seu espaço onde está inserido, tendo conhecimento dos seus direitos e deveres. Através da Leitura o aluno pode adquirir conhecimento amplo de sua própria cultura e das de outros povos, podendo assim, usufruir de uma vida digna e diversificada.

Na leitura de um texto o aluno deve buscar informações culturais para enriquecer seu conhecimento de mundo, o que a princípio, não é tarefa fácil, pois o aluno se concentra apenas em decifrar a palavra para poder dar sentido ao texto lido. O aluno precisa conquistar o hábito de ler textos nos seus diversos tipos e gêneros para adquirir facilidade na busca de informações significativas dentro do texto, e assim, ampliar os conhecimentos e desenvolver o hábito de leitura crítica. E a leitura crítica, segundo a concepção de Paulo Freire, não se esgota na decodificação pura da palavra escrita ou da linguagem escrita, mas implica a percepção das relações entre o texto e o contexto, pois linguagem e realidade se prendem dinamicamente (Freire, 1988:11-12). Sendo assim, ler criticamente significa entender primeiramente o contexto a que está relacionado ao assunto do texto, uma vez que texto sempre precede de um contexto. Lima, (2009) recomenda

... que o texto seja o centro do processo ensino-aprendizagem. O texto, em suas diversas modalidades e por meio de vários canais, ou seja, o texto escrito (impresso ou em tela) em diferentes gêneros, tipos e registros, oral falado, oral cantado ou oral teatralizado, deve ser apresentado ao estudante antes dos tópicos gramaticais. É necessário, também, conscientizar o estudante sobre elementos da tipologia textual, como gêneros, registros, tipos e etc.

O professor de Língua Portuguesa deve ter o cuidado e uma atenção especial em apresentar aos alunos esses elementos textuais, para que os mesmos comecem a ativar seus conhecimentos prévios sobre os contextos dos textos que serão lidos e trabalhados em sala. O docente precisa usar o texto como um instrumento essencial no seu processo de ensino e aprendizagem, colocar a disposição dos alunos as diversas modalidades de textos que existem, para que eles reconheçam que há uma infinidade de conhecimentos à sua disposição, e assim, desenvolver o interesse de aprender cada vez mais o que é desconhecido.

Numa sociedade competitiva em que vivemos, a escola deve preparar o estudante para a vida em sociedade. E a leitura é responsável por contribuir, de forma significativa nessa preparação, na formação do indivíduo, influenciando-o na análise da sociedade de forma geral, e sobre a vida em si mesma. Quando o aluno desenvolve seu hábito de ler, ele amplia seus horizontes e torna-se capaz de romper todos os limites do conhecimento. A esse respeito Yunes, (1995, p. 186) diz que

Ler significa descortinar, mudar de horizontes, interagir com o real, interpretá-lo, compreendê-lo e decidir sobre ele. [...] Ler para viver. Ler a vida. Ler para ampliar as expectativas, para associar ideias, para reinventar o mundo, a partir da condição pessoal. [...] Ler é, pois, interrogar as palavras, duvidar delas, ampliá-las. Deste contato, dessa troca, nasce o prazer de conhecer, de imaginar, de inventar a vida.

O professor tem um papel imprescindível nesse processo de preparação do aluno. **Silva** (2009) afirma que é papel do professor refletir coletivamente sobre sua bagagem cultural, cruzando novos horizontes, impenetrando e acionando o mecanismo de aprendizagem, a fim de integrar interdisciplinaridade e planejamento com harmonia e coerência. Sendo o responsável por fazer esse cruzamento de informações e criar situações de reflexão sobre o que os alunos já sabem e o que é aprendido no momento da discussão, o docente precisa refletir a sua prática em sala de aula buscando sempre aperfeiçoar a sua didática de acordo com a evolução do mundo globalizado.

O aluno precisa dessa instigação para ter vontade de aprender, poder conquistar o hábito de ler e assim se tornar um leitor fluente e ativo. Quando o leitor aprendiz realiza o processo de forma intensificada enriquecendo a leitura que faz, e principalmente seus conhecimentos, sem dúvida ele será um indivíduo ativo e influente na sociedade sendo capaz de contribuir para melhoria de todos que o cerca.

Hoje, a leitura é muito discutida nas escolas, no processo de ensino e aprendizagem, mas, infelizmente não é muito praticada pela sociedade brasileira, isso é fato. Apesar da propagação e das exigências do mundo do trabalho por profissionais multifuncionais, uma multifuncionalidade que só se consegue por meio de muita leitura, são ainda muito pouco os leitores no nosso país.

A leitura, embora ação corriqueira nos dias de hoje, sobretudo nas regiões urbanas, não é natural. Não lemos, comemos, respiramos ou dormimos. Para tanto, precisamos aprender o código escrito, socialmente aceito e a ter domínio sobre ele em todas as suas modalidades, quer práticas (como propagandas, receitas, notícias, informações, anotações quer estéticas (como narrativas e poemas) (AGUIAR, 1996, p. 23-24).

A leitura teria que ser uma prática social, pela a qual o indivíduo, ao praticar o ato de ler, imergisse no mundo de sentido das coisas, se tornasse algo típico das atividades humanas em sua grande dimensão. Pois, a leitura é um elemento fundamental para formação de indivíduo culto, racional e pensante. Para o Ministério da Educação (2008, p.39), a “leitura se insere num contexto social e envolve disposições atitudinais, capacidades à decifração do código escrito e capacidades relativas à compreensão, à produção de sentido”. Portanto, ela é sem dúvida um instrumento de inclusão social e que deve ser desenvolvida e trabalhada com intensidade dentro das escolas.

2.3 O papel da Literatura na formação de leitores críticos e reflexivos

Há muitos estudiosos que têm como foco de pesquisa o ensino de literatura e defendem que é por meio dela que conquistamos o conhecimento, aprendemos a conhecer nós mesmos e o mundo em que vivemos e nos reconhecemos como ser social dotado de sentidos, sentimentos e desejos de nos expressar. A leitura de textos literários é fundamental nas transformações vivenciadas por nós leitores. Cosson (2006, p. 17) afirma que

Na leitura e na escritura do texto literário encontramos o senso de nós mesmos e da comunidade a que pertencemos. A literatura nos diz o que somos e nos incentiva a desejar e a expressar o mundo por nós mesmos. É isso se dar porque a literatura é uma experiência a ser realizada. É mais que um conhecimento a ser reelaborado, ela é a incorporação do outro em mim sem renúncia da minha própria identidade. No exercício da literatura, podemos ser outro, podemos viver como os outros, podemos romper os limites do tempo e do espaço de nossa experiência e, ainda assim, sermos nós mesmos. [...]. A experiência literária não só nos permite saber da vida por meio da experiência do outro, como também vivenciar essa experiência.

Podemos comprovar isso quando lemos uma obra literária, sem perceber mergulhamos no mundo vivenciado pelos personagens, participamos dos mesmos sentimentos e emoções, é incrível a sensação que sentimos enquanto leitor. Barthes (1997, p. 28) que discute sobre a natureza do fenômeno literário da aproximação do ser com o mundo em que vive, “A literatura se vale, primordialmente, da palavra, que, sem se condicionar a uma imagem, cria imagens outras, de acordo com o leitor, na acolhida do próprio mistério do existir”.

Para Cosson: “No ensino fundamental, a literatura tem um sentido tão extenso que engloba qualquer texto escrito que apresente parentesco com a ficção ou poesia” (2016, p. 20). O importante é levar em consideração a compatibilidade entre a temática e a linguagem que atendam aos interesses de todos, aluno, professor e a escola de forma geral.

É por meio da Literatura que podemos adquirir conhecimentos históricos e termos a oportunidade de vivenciar o passado, expandir a consciência do leitor com narrativas e personagens distantes de sua realidade, que existiram no passado, além do enriquecimento vocabular que é de suma importância para o crescimento intelectual dos alunos. O ensino da literatura pode ser o estudo mais necessário para a vida em todos os aspectos da sociedade em que vivemos e fora dela. Segundo Candido (2004, p. 16), “Não há povo e não há homem que possa viver sem ela, isto é, sem a possibilidade de entrar em contato com alguma espécie de fabulação.” O ser humano vivencia momentos que englobam a realidade e o imaginário, tanto que, às vezes, se confunde com o que é verdadeiro e o que é imaginário. Ainda de acordo com o autor, “a literatura é o sonho acordado das civilizações.” (2004, p. 17)

Sendo assim, podemos dizer que a literatura ativa a inteligência do indivíduo, uma vez que é capaz de levá-lo a lidar com sabedoria diante dos

problemas da sociedade, e a se questionar sobre a relação entre o real e o que quer aplicar à sua realidade, além de questionar sobre seu entorno social. Por isso, é um instrumento poderoso. Nesse sentido, Candido afirma que a literatura confirma e nega, propõe e denuncia, apóia e combate, fornecendo a possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas que a vida nos obriga a enfrentar. Ele afirma ainda que

[...], ela não é uma experiência inofensiva, mas uma aventura que pode causar problemas psíquicos e morais, como acontece com a própria vida, da qual é imagem e transformação. Isso significa que ela tem papel formador da personalidade, mas não segundo as convenções; seria antes segundo a força indiscriminada e poderosa da própria realidade. Por isso, nas mãos do leitor o livro pode ser fator de perturbação e mesmo de risco. (Candido, 2004 p. 18)

O papel da literatura na formação do cidadão vai além daquilo que as convenções impostas pelo sistema sugerem, pois ela tem o poder de desenvolver o potencial reflexivo do leitor e conseqüentemente o leva a agir de forma sábia e inteligente diante do que a vida lhe proporciona. Portanto, o livro é uma arma poderosa capaz de deter os males da ignorância e libertar os leitores para uma vida mais feliz e sem obscuridade no seu meio social, capaz de cumprir seu papel de cidadão ativo dentro e fora da sua comunidade.

Quando se ensina literatura para os alunos, podemos dizer que estamos de certa forma aplicando neles anticorpos simbólicos e o deixando imunizado contra a ignorância. Com isso, eles tornam-se mais resistente a aceitar aquilo que às vezes lhes é imposto injustamente pelo sistema de corrupção social. O ser humano vive em constantes frustrações em sua vida diária, e uma forma de se libertar dessas angústias é buscar a solidariedade dos textos literários que com seus recursos semânticos e linguísticos nos proporciona certo tipo de amparo e ampliação da visão sobre o mundo de forma geral e sobre nós mesmo.

A literatura, por instituir situações que abrangem problemas humanos e por provocar a afetividade dos indivíduos, é concebida, pois, como núcleo gerador de solidariedade e como uma energia tanto libertadora das tensões quanto libertadora das restrições da vida comum e rotineira. (Saraiva, 2006, p. 39)

Diante disso, a escola não pode abrir mão dessa parceria com a literatura e usá-la como instrumento facilitador de toda trajetória de formar bons leitores, porque ela excede o presente, o real e leva o aluno a se reconhecer como sujeito de sua própria existência. De acordo com a autora, “a função da literatura transcende, então,

a de provocar prazer, ainda que este também esteja presente no ato de ler.” Com isso, o leitor se torna capaz não só de compreender sua subjetividade no mundo, mas de se enxergar como ser social capaz de transformar sua realidade.

O papel da escola na formação do leitor crítico-reflexivo, o ensino e a aprendizagem da leitura dentro do espaço escolar englobando escola, professor e o uso dos textos/livros didáticos e o aluno. Essa discussão terá como base (Coutinho; Azevedo, 2007, p.40) que afirma que

[...] a leitura não pode ser só responsabilidade da aula de Português. Terá que ser uma responsabilidade partilhada para orientação do gosto e do encantamento pela leitura e pela literatura. Compreende que a leitura é tarefa comum a todas as áreas, é o passo inicial para este compromisso.

Dionísio (2000, p. 40) que também fala desse compromisso que existe da escola com a leitura, diz que “Contexto de leitura em vários planos e com objetivos, a escola, apesar de especializada pelos objetivos e prática que promove, estabelece com outros contextos relações de interdependência muito forte.” A escola precisa desenvolver práticas que atenda às necessidades sociais. No entanto, essas práticas nem sempre se concretizam sobre os diversos contextos de uso dos indivíduos.

O professor deve ser um eterno pesquisador em busca de conhecimento e melhoria da sua prática em sala de aula, levar aos alunos algo que proporcione a melhoria de suas vidas enquanto ser social na prática. Todo profissional da educação deve ter consciência que o conhecimento profissional prático está sempre em evolução, o que significa que está aberto a mudanças constantes. Pois, o mundo em que estamos inseridos principalmente para os professores que são os responsáveis pela formação do indivíduo, está continuamente em desenvolvimento acelerado. Nunes e Luz, (2016), diz que

[...] o professor é competente e capacitado para formular questões relevantes no âmbito da sua prática, para identificar objetivos a prosseguir, para escolher as estratégias e metodologias apropriadas para atuar em conformidade, para monitorar tanto os processos como os resultados.

Então, parte daí a importância de pesquisa e mudança constante na vida de um professor que visa um resultado brilhante de seu trabalho. Pois, ensinar exige a convicção de que a mudança é possível (FREIRE, 2002, p. 46). Acreditar nessa

mudança, significa que nós professores e professoras nunca devemos nos permitir perder o encanto por nossa profissão e não podemos deixar de acreditar no potencial dos nossos alunos.

Vale destacar que a literatura apesar de ser vista como poderosa, ela por se só não faz milagres na vida do aluno. Essa deve ser a ferramenta mais poderosa usado por todo professor de língua portuguesa, pois a transformação social por meio da literatura deve começar desde cedo e não deve se deixar ser rompida no meio do caminho. Embora isso seja necessário, nos documentos oficiais pouco se fala sobre o ensino de literatura. A BNCC de Língua Portuguesa está organizada em cinco “eixos organizadores”: oralidade, leitura, escrita, conhecimentos linguísticos e gramaticais e o eixo Educação Literária.

[...] o eixo Educação literária tem estreita relação com o eixo Leitura, mas se diferencia deste por seus objetivos: se, no eixo Leitura, predominam o desenvolvimento e a aprendizagem de habilidades de compreensão e interpretação de textos, no eixo Educação literária predomina a formação para conhecer e apreciar textos literários orais e escritos, de autores de língua portuguesa e de traduções de autores de clássicos da literatura internacional. Não se trata, pois, no eixo Educação literária, de ensinar literatura, mas de promover o contato com a literatura para a formação do leitor literário, capaz de apreender e apreciar o que há de singular em um texto cuja intencionalidade não é imediatamente prática, mas artística. O leitor descobre, assim, a literatura como possibilidade de fruição estética, alternativa de leitura prazerosa. Além disso, se a leitura literária possibilita a vivência de mundos ficcionais, possibilita também ampliação da visão de mundo, pela experiência vicária com outras épocas, outros espaços, outras culturas, outros modos de vida, outros seres humanos. Nesse eixo, e também no eixo Leitura, a escolha dos textos para leitura pelos alunos deve ser criteriosa, para não expô-los a mensagens impróprias ao seu entendimento, consoante determinam os Artigos 78 e 79 do Estatuto da Criança e do Adolescente (Lei nº 8.069/1990).

Percebe-se que a discussão a respeito do ensino de literatura é mínima. Os documentos oficiais da educação brasileira não dar muito crédito a importância do ensino da literatura para o aprendizado efetivo dos alunos. Pois, o que esses documentos discorrem sobre esse processo de ensino não contempla o necessário para que o seja intensificado dentro das escolas, inclusive tem escolas públicas que não trabalha a disciplina de literatura, ou seja, o ensino de literatura é deixado de lado porque os documentos não exigem como obrigatória para as instituições públicas educacionais.

Diante disso, não é porque os documentos oficiais da educação não dar relevância ao ensino de literatura na escola que devemos deixá-la de lado. Nós professores somos os únicos com o poder de mudar a realidade do ensino de literatura dentro da sala de aula. Porque, mesmo que não tenha nada direcionado a isso no Projeto Político Pedagógico da unidade, ainda assim, podemos e devemos levar para o nosso aluno esse saber, que é o estudo da literatura. Por meio da leitura de textos literários, devemos proporcionar ao estudante a vivência com esse instrumento artístico de análise do mundo e de compreensão do homem enquanto ser social.

Para Candido, (2004, p. 17) a literatura é indispensável de humanização e, sendo assim, confirma o homem na sua humanidade, inclusive porque atua em grande parte no subconsciente e no inconsciente. Nesse sentido, os alunos têm o direito de receber esse ensinamento na escola para poder viver bem conforme seus anseios individuais ou coletivos. Para o autor, as produções literárias, de todos os tipos e níveis, satisfazem as necessidades básicas do ser humano. Com isso, o reconhecimento por parte de todo docente da importância de se valorizar o ensino por meio da literatura, faz-se necessário e urgência no contexto escolar.

2.4 As práticas de leitura e de escrita no ensino de língua portuguesa

No contexto atual, professores das escolas públicas brasileiras podem e devem trabalhar a Língua Portuguesa de forma diferenciada com os alunos, fazendo o uso de uma ferramenta muito poderosa que pode fazer toda a diferença no resultado do ensino e aprendizado na sala de aula. Essa ferramenta é a Leitura de textos em seus diversos tipos e gêneros, uma vez que a leitura permite ao indivíduo ter o senso crítico perante as diversas situações existentes na sociedade onde vive e fora dela.

A leitura desenvolve a imaginação e a criatividade, permite a aquisição de novos vocábulos e facilita o aprendizado das diversas áreas e de valores. Lendo frequentemente, o aluno adquire novos conhecimentos e ganha familiaridade com o mundo da escrita. É fato que, quem não tem o hábito de ler nunca conseguirá escrever um bom texto.

Como afirma ANTUNES (2003, p. 70):

[...] para escrever bem, é preciso, antes de tudo, ter o que dizer, conhecer o objeto o qual vai discorrer. O grande tempo destinado à procura de dígrafos, dos encontros consonantais, à classificação das funções do QUE e outras questões semelhantes (pobres questões!) poderia ser muito mais aproveitadas com a leitura e análise (diária!) de textos interessantes, ricos em ideias ou imagens, sejam eles literários ou não.

Leitura e escrita complementam-se, uma vez que a leitura proporciona o conhecimento do objeto sobre o qual vai se discutir no texto escrito. Quando a prática de leitura é frequente, as dificuldades de escrita são sanadas e assim, sem dúvida alguma, os alunos conseqüentemente terão bons textos produzidos.

Diante disso, a escola tem um papel primordial no ensino da prática de leitura dos alunos, o professor de Língua portuguesa deve ser o mediador dessa prática, criando e recriando suas aulas de forma que se tornem prazerosas, deixando os alunos à vontade para conhecer o desconhecido. Proporcionar um ambiente de leitura agradável e atraente para os alunos se sentirem relaxados, com certeza eles aprenderão muito mais, ficarão estimulados a participar das aulas e conquistar autonomia para construção do seu próprio conhecimento.

A leitura deve ser trabalhada na sala de aula de forma motivadora desde os anos iniciais, com o intuito de desenvolver o hábito de ler no estudante. Para isso, existem diversas estratégias que o professor deve adotar na sua prática. Solé (2008) sugere estratégias de leitura, as quais definem como procedimentos que o leitor deve utilizar para ajudá-lo na compreensão do texto. As estratégias são técnicas que o leitor precisa utilizar para desvendar o significado e sentido dos elementos contidos no texto lido.

Vivemos numa cultura predominantemente escrita, num mundo permeado por diferentes objetos escritos, impressos ou virtuais, que exercem sobre nós uma constante interação através da ação leitora. No entanto, praticar o ato de ler cotidianamente é os trilhos para desenvolver a capacidade de escrita e produção de textos coerentes e de qualidade.

Diante dessa realidade, as estratégias de leitura e escrita na sala de aula fazem-se necessárias para efetivação do aprendizado da própria leitura e conseqüentemente da escrita. O professor de Língua Portuguesa tem a função de direcionar através das metodologias desenvolvidas em suas aulas. Solé afirma que o professor tem a função de guia, principalmente porque exerce o papel de mediador na construção do conhecimento. Este é um processo de construção conjunta,

denominado por Rogoff (1984, *apud* SOLÉ, 2008, p.75) como participação guiada. Esta guia vai conduzindo todo o estudo realizado na sala de aula, levando o estudante a uma reflexão do que está sendo aprendido e acompanhando todo processo de aquisição de conhecimento do aluno.

No ensino de Língua Portuguesa e demais áreas, a leitura é uma garantia de que a aprendizagem de fato acontecerá, pois, se tratando especificamente do ensino da nossa língua materna, a leitura de textos proporcionará o aprendizado da gramática de forma contextualizada garantindo uma aprendizagem significativa, uma vez que o aluno terá a oportunidade de fazer um cruzamento dos seus conhecimentos prévios com informações novas contidas no texto. Além de melhorar o aprendizado da própria leitura e da escrita. O professor deve sempre ensinar focando na preparação do aluno para a vida lá fora e a leitura é uma excelente ferramenta para esse processo de ensino.

O ideal é que o aluno consiga perceber que nenhum texto é neutro, que por trás das palavras simples, das afirmações mais triviais, existe uma visão de mundo, um modo de ver as coisas, uma crença. Qualquer texto reforça ideias já sedimentadas ou propõe visões novas. (ANTUNES, 2003, p. 81).

As escolas devem possibilitar aos estudantes por intermédio da leitura de textos, uma reflexão sobre sua própria língua e uma visão de mundo infinita. O aluno deve entender que todo texto está repleto de imposições de verdades, de crenças, de ideologias dominantes, e ele precisa ser capaz de identificá-las e refletir sobre cada uma dessas ideias, e a partir delas criar seus próprios conceitos.

A escrita é uma forma de expressão poderosa que tem grande influência na nossa vida cotidiana, exerce uma função importante que é de nos informar, entreter, conhecer e reconhecer a intenção do autor, pois todo texto escrito tem uma intenção. A escrita tem a função de transmitir conhecimento de tudo que nos cerca e pode suprir a oralidade, uma vez que ela necessita de organização específica de toda fala para haver entendimento da mensagem.

Como já foi citado acima uma complementa a outra, pois é através da leitura que compreendemos a escrita e é por meio da escrita que emitimos nossas ideias, imaginações e informações ao máximo de leitores possíveis.

Os PCNs (BRASIL, 1996, p. 40) ressaltam que

[...] é necessário que se compreenda que leitura e escrita são práticas complementares, fortemente relacionadas que se modificam mutuamente no processo de letramento - a escrita transforma a fala (a constituição da “fala letrada”) e a fala influencia a escrita (o aparecimento de “traços da oralidade” nos textos escritos). “São práticas que permitem ao aluno construir seus conhecimentos sobre os diferentes gêneros sobre os procedimentos mais adequados para lê-los e escrevê-los e sobre as circunstâncias de uso da escrita”.

A escrita é uma forma de registro da fala, de legitimar a autoria do discurso, de expressar ideias, as concepções e as percepções de mundo e da própria vida. Além disso, podemos, através dela, traduzir as representações do cotidiano das pessoas. A leitura e a escrita são competências valorizadas, que a pessoa enquanto ser social deve ter como bem cultural dentro da sociedade seja ela qual for. Ter posse dessas competências é uma forma de emancipação do sujeito, uma vez que se constitui um instrumento necessário para melhoria do ambiente social de qualquer comunidade. São processos encantadores, devem ser trabalhados de forma a encantar o indivíduo desde pequenos e a escola tem um papel essencial nesse processo.

Na concepção de **Ferreiro (1995, p. 42)**: “A leitura e a escrita têm sido tradicionalmente consideradas como objeto de uma instrução sistemática, como algo que deva ser ensinado e “cuja aprendizagem” suporia o exercício de uma série de habilidades específicas”. Essas habilidades são aprendidas na escola, deve ser trabalhadas na sala de aula, onde o professor é a peça chave para que esse aprendizado aconteça, e através do desenvolvimento da prática de leitura e escrita o aluno automaticamente ativa outras habilidades do seu cognitivo e do senso crítico.

Para isso, devem-se traçar as estratégias de leitura que consiste em determinar as etapas a ser percorrida durante a leitura do texto, quantidade de conhecimento a ser adquirido para poder ter segurança sobre o assunto estudado, e assim conseguir discernir sobre, na produção de um bom texto.

Essas táticas são aprendidas na sala de aula, por isso, o professor deve proporcionar ao estudante, esse aprendizado de forma clara e objetiva, para que o mesmo consiga desvendar através de procedimentos analíticos e reflexivos o próprio ato de ler e escrever. Quando o docente desenvolve uma prática sistemática e contínua centralizada no processo de ensino e aperfeiçoamento dessas estratégias, o aluno melhora o conhecimento declarativo, procedimental e

condicional na hora de escrever um texto e consegue alcançar uma produção de qualidade.

O professor tem de trabalhar com os diferentes tipos e gêneros textuais, escolhido um determinado gênero para ser trabalhado em sala, o docente deve apresentar aos alunos diversos textos daquele gênero selecionado para eles se familiarizem com o estilo do texto. Depois disso, propor uma dinâmica de leitura, e depois de realizada a atividade, vale solicitar aos alunos que conte o que leu para o restante dos colegas, e com a ajuda do professor fazer análise de cada texto que foi lido na sala discutindo as principais características e os elementos de fundamental importância para total compreensão e entendimento gênero.

Uma vez lido e analisado o gênero em discussão é hora da produção dos alunos. Para que o aluno escreva um bom texto, é necessário que, com a ajuda do professor montem um planejamento de escrita. Como por exemplo, se for um conto, destacar os elementos que devem estar presentes no conto; os detalhes do enredo; as etapas e sugestões para o encaminhamento do conto, e no final da escrita dar um título que instigue o desfecho da história. Isso é muito importante para a motivação do aluno, leva o a ir refletindo sobre como escreverá seu texto, a imaginação flui automaticamente e no final terão um resultado muito significativo no processo de aprendizagem dos alunos.

3. O CONTO

O conto surgiu em meados do século XIV com o aparecimento de alguns títulos como *As mil e uma noites*, *Contos de Cantuária* de Chaucere *O Decamerão*, de Giovanni Bocaccio, e até mesmo a *Bíblia*, que marcam sua história. Somente no século XIX, o gênero teve um grande desenvolvimento devido a ampliação acentuada da imprensa que permitiu a publicação de texto. Por volta de 1880, o conto apareceu pela primeira vez nos EUA e foi denominado Short Story. Gotlib, (2004, p. 10).

Posteriormente, o conto evoluiu de sua forma tradicional, na qual a ação e o conflito passam pelo desenvolvimento, até o desfecho com crise e resolução final, para as formas modernas de narrar, na qual a estrutura se fragmenta e subverte este esquema. Edgar Allan Poe, Guy Maupassant e Anton Tchekóv, são alguns dos contistas clássicos que influenciaram as formas modernas do conto. Para Poe, o conto tem uma relação entre sua extensão e o poder que tem sobre o comportamento do leitor diante da leitura. Em sua teoria, “quase todas as classes de composição, a unidade de efeito ou impressão é um ponto da maior importância”. Poe, (2004, p.19).

Em acordo com o citado, o conto deve ter um equilíbrio de sua extensão não devendo ser grande, nem pequeno demais e ter o poder de seduzir e provocar certo desequilíbrio no leitor, no sentido de atribuir um novo comportamento ao indivíduo em torno da sua compreensão de mundo. A leitura deve acontecer em um curto espaço de tempo, sendo capaz de mobilizar as emoções, em nível de transformação do comportamento do leitor diante da situação ocorrida na narrativa.

O conto tem sua origem no ato de transmissão oral de fatos, no ato de contar histórias que existiu antes da escrita e nos remete a tempos passados. Geralmente são casos passados de geração pra geração e que nunca perdem sua essência até que alguém os escreva e passe então, a pertencer a um gênero literário. Quando esses fatos narrados evoluem para o registro escrito da narrativa, o contador também deixa de ser um simples contador, ele passa a se preocupar com outros detalhes, como o aspecto criativo e estético da estrutura escrita.

A criatividade é fundamental no ato de contar histórias seja ela oral ou escrita. Porém, quando escrita a história precisa ser mais delineada e seguir uma ordem estética na sequência da narrativa. Para contar uma história necessita-se de

um repertório detalhado no seguimento dos fatos, como a entonação da voz, gestos, olhares, feição da face, sugestões do que pode acontecer. Gotlib (1990, p.9) afirma que

[...] estes recursos criativos também podem ser utilizados na passagem do conto oral para o escrito,[...]. Mas esta voz que fala ou escreve só se afirma enquanto contista quando existe um resultado de ordem estética, ou seja: quando consegue construir um conto que ressalte os seus próprios valores enquanto conto, nesta que já é, a esta altura, a arte do conto, do conto literário. Por isso, nem todo contador de história é um contista.

Existem muitos contadores de histórias que contam, mas não conseguem seguir uma ordem estética, nem escrever seus contos. Antigamente, as pessoas que contavam histórias não tinham a arte de transferir para o papel, se distribuíam em torno de uma fogueira ou na varanda de suas casas e começavam a contar, e ouvir as histórias de seus feitos, aventuras e desventuras de suas vidas. As histórias contadas ficavam gravadas na memória de quem as ouvia e, mais adiante, eram recontadas para outras pessoas e, assim sucessivamente passando de geração a geração.

Para ser um contista oficial o contador deve ser dotado de habilidades e estruturas que o conduzam a uma ordem estética do conto, a uma produção que apresente seus próprios valores de narrativa literária, e assim adquirir a arte do contar. “A marca constante do contador é sua intenção de prender a atenção dos ouvintes, a ponto de contagiá-los a uma participação apreciativa, durante a própria enunciação” (**Guimarães**, 2002, p. 86). Sendo assim, o narrador precisa de uma preparação antecipada para contar e impressionar seus ouvintes durante toda trama. Essa habilidade de seduzir o ouvinte e fazer com que se mantenha atento e interessado em ouvir a história é fundamental para o ato de contação de história. A dinâmica no ato de agrupar várias formas de contar histórias foi o que fez o conto se tornar um gênero literário.

O conto na sua estrutura tradicional tem um espaço que deve ser reduzido, em geral, uma sala ou mesmo um quarto de dormir basta para que se organize o enredo. No máximo, uma casa ou uma rua. Uma condução maior poderia ocasionar de a narrativa abandonar sua condição de conto e se deslocar para outro gênero ou sobrevém da necessidade imposta pelo conflito base do conto. Nesse caso, a ação gera o espaço da trama.

O tempo deve ser curto e pode ser classificado em tempo cronológico (exterior) e tempo psicológico (interior). No conto não importa o passado ou futuro das personagens. O contista pode até dilatar esse tempo para semanas, meses, etc., mas, nesse caso, deve se tratar de um tempo referido: “passaram-se semanas...”. Esse longo tempo referido aparece na forma de síntese dramática.

O conto é essencialmente objetivo e, por isso, costuma ser escrito na terceira pessoa, como por exemplo, o escritor como observador conta a história ou o escritor, como observador analítico ou onisciente, conta a história. Todavia, o conto também pode ser narrado na primeira pessoa, assim sendo, a personagem principal conta a história ou uma personagem secundária da personagem central.

Levando em conta as características de espaço e tempo, o conto deve ter um número reduzido de personagens, geralmente, duas ou três. Se existirem outras, desempenharão funções secundárias de ambiente ou cenário sociais. As personagens principais não possuem complexidade de caráter, isto é, suas ações são previsíveis, devido à brevidade do conto.

Quanto à linguagem do conto, esta também deve ser objetiva e utilizar metáforas de fácil compreensão para o leitor. O conto prefere a concisão na linguagem sem quantidade excessiva de palavras e fluências, principalmente para dizer coisas de pouca importância ou de pouco conteúdo. O discurso deve ser tanto quanto possível, dialogado, uma vez que, os conflitos residem na fala dos personagens. Sem diálogo, não há discórdia, desavenças ou mal entendidos e, sem isso, não pode existir conflito ou ação.

O clímax da história deve ser enigmático, imprescindível e abruptamente revelado para surpreender o leitor, pois é o momento mais prolixo do conto em que a personagem principal sofre a crise mais eminente da trama, sendo o ponto mais crucial do conflito, deixando o leitor na curiosidade de saber que rumo tomará a história. E o desfecho da narrativa é o período em que tudo se resolve matando a curiosidade do leitor, atendendo ou não suas expectativas.

3.1 O Conto como ferramenta para o desenvolvimento da leitura e da escrita

O objetivo aqui não é o estudo da origem do conto, mas a importância do seu uso para a formação leitora dos alunos na escola. Pois, o conto tem a flexibilidade de ser móvel e ser facilmente compreendido por todos. A proposta

desenvolvida nessa pesquisa nos mostra essa flexibilidade do gênero e a sua contribuição para o aprendizado não só da leitura, mas também da escrita dos alunos.

O conto deve ser utilizado como ferramenta pedagógica para o desenvolvimento da aprendizagem da leitura e da escrita. Pois, são textos baseados em histórias reais ou fictícias que têm em sua essência a função de despertar o imaginário além da realidade, transpor o mundo das ideias, viver as emoções dos personagens e conseqüentemente motivar a leitura de outros textos. Isso pode ocasionar o desenvolvimento da criatividade e do raciocínio, enriquecendo assim, o conhecimento do indivíduo que vem contribuir para o seu desenvolvimento social.

Sendo assim, o conto é um gênero textual que deve ser explorado na prática em sala de aula, também, por ser breve, este gênero textual quebra aquele dilema dos alunos de “preguiça” de ler. Esse gênero possui elementos importantes que buscam prender a atenção do leitor. Kiefer (2004, p. 19) afirma que

[...] o conto em prosa é o tipo de narrativa que possibilita ao escritor o exercício de seu *tour-de-force*, onde ele pode “melhor satisfazer as exigências de grande genialidade”. No conto breve, o autor pode levar a cabo a totalidade de sua intenção, seja qual for. Durante a hora de leitura, a alma do leitor está sob o controle do escritor.

Diante disso, deve-se usar esse poder que o escritor de contos tem para seduzir o aluno e, a partir disso, levá-lo a desenvolver o hábito de ler ativamente. A leitura de contos pode ser a flecha do cupido para provocar no aluno uma paixão inesquecível pelos textos, tornando-se, assim, protagonista do seu próprio saber. Concordando com o autor, “o conto oferece o melhor campo para o exercício do mais nobre talento” (KIEFER, 2004, p. 191).

Visto que a maioria dos estudantes tem uma resistência na prática de leitura, iniciar o processo a partir de roda de leitura de contos em sala de aula é muito importante para estimular o hábito de ler dos alunos, com isso, eles desenvolverão o desejo de ler textos maiores, como narrativas de aventuras, novelas, romances, etc. Pois, a curiosidade da descoberta vai surgindo no decorrer do desvendamento da história lida.

Proporcionar aos alunos, o contato com esse gênero pode ser uma forma viável para formar leitores ativos e contribuir para o desenvolvimento da capacidade crítica e reflexiva do estudante. Isso porque, pode-se investir nos aspectos que

constituem uma crítica da realidade levando o discente a refletir sobre a sua atuação no mundo no qual está inserido. Sendo assim, o trabalho com o conto na sala de aula pode contribuir para despertar não só o potencial leitor dos alunos, como também, a escrita e análise textual, levando-o a reconhecer as marcas linguísticas que possibilitam a compreensão e interpretação do texto lido, além de proporcionar ao indivíduo um olhar crítico sobre as ideias contidas no texto.

3.2 Conto popular

O conto popular trata-se de histórias contadas de geração em geração e que permite a modificação no seu contar, aumentando, reduzindo ou mesmo modificando as cenas, o enredo, etc., nas quais podem se destacar a oralidade como marca principal. São narrativas que se mantêm vivas pela memória dos contadores de histórias passadas de boca em boca, até que alguém as escreve, e passa então, a ser um texto redigido e tornando-se um livro.

Os contos populares podem acometer diversos temas da vida real, como alegria, tristeza, heróis e vilões, animais e seres mágicos entre outros. Podem dar bons exemplos, divertir ou mesmo explicar algo que as pessoas não entendem a razão de sua existência. Para Cortázar (2008, p. 158), o tema

[...], pode tratar-se de uma história perfeitamente trivial e cotidiana. O excepcional reside numa qualidade parecida à do ímã; um bom tema atrai todo um sistema de relações conexas, coagula no autor, e mais tarde no leitor, uma imensa quantidade de noções, entrevisões, sentimentos e até ideias que lhe flutuavam virtualmente na memória ou na sensibilidade; um bom tema é como um sol, um astro em torno do qual gira um sistema planetário de que muitas vezes não se tinha consciência até que o contista, astrônomo das palavras, nos revela sua existência.

O autor apresenta de forma bem poética a importância de um bom tema para se ter um bom conto, e isso pode partir de ideias simples que às vezes passam despercebidas em nossas mentes, mas que para o contista pode ser fisgada e recriada, tornando assim uma linda história pertencente a um gênero, nesse caso, o conto. Essas narrativas variam de acordo com a cultura de cada povo. Por exemplo, muitos contos populares brasileiros são originários dos índios ou dos escravos africanos como o conto do *saci*, do *curupira*, do *lara*, do *boto* e vários outros.

Camara Cascudo (1984) In: Guimarães distingue três itens como necessário para caracterizar a técnica da narrativa popular.

Primeiro o ambiente propício, capaz de oferecer atmosfera tranquila para a evocação do ouvinte, que quanto mais se esquece de si mesmo, mais profundamente grava o que é ouvido. Em seguida, cita o uso das formulas, sobretudo as iniciais, que ajudam a criar uma expectativa positiva para o que vai ser contado: “era uma vez”, “diz-se que aconteceu um dia”. [...] Em terceiro lugar, deve ser e apaixonada, com a voz materializando as sucessivas fases da história, contada na ordem linear psicológica. (2002, p. 87).

Diante disso, o conto popular está ligado diretamente ao contexto histórico cultural. O ato de contar deve ser muito bem alinhado ao ambiente, buscar atingir profundamente o ouvinte para que ele registre em sua memória a essência da narrativa. Logo no início da história deve-se criar uma expectativa marcante capaz de propiciar uma sensação de prazer no indivíduo. Para o autor o Conto popular tem dozes classificações, como podemos observar a seguir.

- a) **encantamento**: correspondem ao *Tales of magic*, contos de fadas em que se observa auxiliares mágicos. O elemento sobrenatural, os dons, varinhas de condão, virtudes além dos limites humanos e naturais, encantamentos são elementos que os caracterizam. Exemplos: “A princesa de Bambulúá”, “O Chapelinho Vermelho”, “A Moura Torta”, “A Bela e a Fera” etc.;
- b) **exemplo**: histórias exemplares. Com enredo de fácil e fabulação, o elemento natural fornece o conselho (e não os Santos, o Divino) para se evitar ou defender-se, a fim de se obter sucesso em uma empreitada, proteger a vida, a honra ou a tranquilidade social. Exemplos: “Joãozinho e Maria”, “Os Quatro Ladrões” etc.;
- c) **animais**: conhecidos também como fábulas, nas quais os animais representam seres humanos. Sua finalidade é educacional, contudo diferem dos imperativos cristãos e legais, pois privilegiam a esperteza, a sabedoria arteira, a habilidade dos mais fracos e humildes sobre os arrogantes e dominadores. Exemplos: “O Gato e a Raposa”, “O Macaco e a Negrinha de Cera” etc.;
- d) **facécias**: prevalecem as anedotas e piadas jocosas. Caracterizam-se pela constante psicológica da imprevisibilidade na palavra, na atitude de uma personagem e no desfecho. Trata-se, às vezes, de uma representação de costumes, clandestina, anônima, mas de espírito coletivo diante de uma situação opressora ou superior. Exemplos: “O menino e o Burrinho”, “A Roupa do Rei”, “A Gulosa Disfarçada”, “O cego e o dinheiro enterrado” etc.;
- e) **religiosos**: em que há intervenção divina. Aparecem anjos, santos, Nossa Senhora, entre outros elementos do imaginário cristão. Sua feição é moral, denunciam vestígios de ritual, de respeito ao emprego do sagrado. Exemplos: “Quem Tudo Quer, Tudo Perde”, “A Mãe de São Pedro” etc.;
- f) **etiológicos**: inventados para explicar a razão e o porquê do aspecto de um determinado ente natural. Por exemplo, o porquê

do casco da tartaruga ter aspecto de “remendado”, o porquê de girafas terem pescoços longos etc. Assim, em geral, espécies animais ou vegetais peculiares costumam integrar esses contos que os justificam de forma lógica, imprevista e curiosa. Exemplos: “A Causa das Secas no Ceará”, “A Festa no Céu”, “O urubu e o sapo” etc.;

- g) **demônio logrado**: o diabo intervém, mas perde a aposta e é derrotado. Esse personagem aparece também em contos populares portugueses, espanhóis, africanos e árabes. Contudo, sempre é logrado. No nordeste do Brasil, quando se atreve a cantar em desafios, perde logo para velhos cantadores astutos porque estes incluem, na cantoria, o Ofício de Nossa Senhora ou as Forças do Credo. Exemplos: “O Afilhado do Diabo”, “As Perguntas de Dom Lobo”, “O diabo na garrafa” etc.;
- h) **adivinhação**: a vitória de um determinado herói depende da resolução de um enigma, adivinhação etc. Provém do hábito de se apresentar enigmas que, durante as horas de convívio social, serão solucionados. Exemplos: “O Filho Feito sem Pecado”, “A Princesa Adivinhona” etc.;
- i) **natureza denunciante**: um ato criminoso é revelado com a ajuda de elementos naturais: ramos, pedras, ossos, flores, frutas, animais etc. Esses, geralmente, são transformados em instrumentos que denunciam o crime. “As Testemunhas de Valdivino”, “A Menina Enterrada Viva”;
- j) **acumulativos**: seus episódios são sucessivamente articulados, marcados pela retomada e acréscimo de um dado novo. Trata-se de histórias sem fim, trava-línguas em que determinados personagens realizam a mesma ação de forma contínua, como atravessar um rio ou uma ponte (CÂMARA CASCUDO, 1984). Exemplos: “O menino e a Avó Gulosa”, “O Macaco Perdeu a Banana”; “A formiga e a neve” etc.;
- k) **ciclo da morte**: um homem procura enganar a Morte, utilizando-se de artimanhas e astúcia, contudo, ela vence. A Morte é representada com ofiel ao pacto, mas insensível às argumentações das personagens bem como às suas ardilosas demoras. Exemplo: “O Compadre da Morte”; “A visita da comadre morte” etc.;
- l) **tradição**: retratam as tradições do local em que são constantemente narrados, seus motivos são essenciais, assim como seus ambientes, pormenores típicos, situações psicológicas. Exemplo: “A Música dos Chifres Ocos e Perfurados”. (apud ELIANE, 2015, P. 43)

Com todos esses elementos a narrativa popular torna-se riquíssima em detalhes que podem encantar o leitor ou ouvinte. Isso é que faz do conto popular um gênero literário perfeito e o mais interessante é que esse tipo de texto permite ao autor extrapolar sua criatividade, partir para o imaginário sem limites, sem se preocupar em ficar preso apenas ao que está ao alcance da sua visão ótica. Pois é um gênero que nos permite flutuar no universo dos elementos mágicos, incorporar a personagem e sentirmos suas emoções, o que nos torna sensível ao mundo real.

O conto o qual foi feito uma breve análise a seguir, “O pescador e sua esposa”, faz parte da coletânea de contos de fadas dos Irmãos Grimm que se caracteriza também, como conto popular e faz parte da cultura alemã.

A narrativa inicia-se com a forma típica do conto maravilhoso, mítica e atemporal: “Era uma vez”, um pescador que vivia com sua esposa em uma miserável choupana perto do mar. Certo dia, o pescador fisgou um grande peixe, para sua surpresa, um peixe falante que lhe contou que não era um peixe de verdade e sim um príncipe encantado. Logo no início da leitura pode-se imaginar que ao final da narrativa o peixe perde seu encanto e volta a sua forma humana como príncipe. Isso provavelmente se deve ao fato do conto maravilhoso ter sido difundido oralmente até século XIX quando começa as coletas.

O pescador devolve o peixe ao mar e volta para casa, ao ser interrogado pela esposa por causa da ausência de peixe, o homem contou lhe o acontecido. Ao contar a história, o marido foi logo incitado pela esposa a pedir algo em troca da liberdade do príncipe, a saber, uma casinha com mais conforto. O pescador volta à beira mar, a água estava toda amarela e verde e chama o peixe recitando a seguinte quintilha rimada a qual repete todas as vezes que retorna ao mar a mando da mulher:

“Salve habitante do mar!
Ouça o que tenho a falar,
Pois minha esposa é uma praga,
Que a vida toda me estraga,
Mandou-me um favor lhe rogar!”

O peixe aparece e realiza o desejo da mulher. Percebe-se, pelos versos recitados, o desgosto do pescador com sua esposa, “Minha esposa é uma praga, Que a vida toda me estraga”. Ele volta para casa e lá encontra a dita na porta de uma agradável casa, toda mobilhada, com lindo jardim, flores e frutos, um quintal cheio de animais. A ambiciosa mulher, no dia seguinte, exige que o marido volte ao mar e peça para o príncipe dá-lhe um castelo de pedra. Contra sua vontade o homem volta ao mar, que desta vez tinha uma aparência azul escuro embora estivesse calmo. O peixe aparece e concede-lhe o desejo da mulher.

Como pode ser observado no decorrer de toda a narrativa, o pescador não realiza outra atividade a não ser voltar ao mar cumprindo as exigências da mulher de

pedir ao peixe que realize seus desejos inusitados. O homem, mal dormia à noite sendo acordado logo cedo pelas tormentas esposa.

Na manhã seguinte o pobre pescador acorda cutucado com o cotovelo de Dona Alice, que o exigiu para ir novamente ao mar e pediu ao peixe que tornasse sua esposa rei de todo aquele lugar. Sem poder contra-argumentar, obedeceu, quando ele chegou ao mar encontrou a água colorida de cinza escuro, coberto de espuma, mais uma vez o príncipe aparece e realiza o desejo da mulher.

Ainda insatisfeita a mulher pede para se tornar imperador. O homem replicou dizendo que o peixe não podia transformar-lhe em imperador e que não queria ir fazer este pedido. “Sou rei, e você é meu escravo; vá imediatamente!” Disse Alice. Assim, o pescador foi obrigado a ir, no caminho ele começou a temer pelas transformações da natureza, pois havia ventos fortes e o mar estava negro e pesado, e um poderoso furacão soprava bolhas sobre ele, mesmo diante disso, chamou o peixe que prontamente o atendeu realizando outro desejo de sua mulher. Em seguida a companheira desejou se tornar papa. Embora o marido tentasse convencê-la do contrário, foi obrigado a ir ao mar enfrentando toda a tempestade, vento fatal que jogava terrivelmente os navios sobre as ondas. No meio do céu havia um rasgão azul, mas na direção Sul tudo estava vermelho com se uma pavorosa tormenta estivesse se formando. O homem, pessimamente assustado, externou o desejo da esposa ao príncipe encantado. Finalmente, o peixe efetivou-lhe mais uma vez o desejo da mulher.

Quando o pescador chegou a casa, ciente de que não havia mais nada superior ao título de papa que a infeliz pudesse querer, logo no dia seguinte, ele foi surpreendido com o desejo da dita cuja, de querer ser capaz de poder ordenar o nascer e o pôr do sol, mandou o ir pedir ao peixe que a tornasse tão poderosa quanto Deus. O marido fica horrorizado, porém não consegue negar e foi ao mar mais uma vez. A tempestade era tão forte que o pescador quase não conseguia ficar de pé. O mar estava muito escuro e ondas da altura de montanhas, raios e trovões caíam o tempo todo. O homem chamou o peixe e fez-lhe o pedido, sem poder ouvir as próprias o peixe o ordenou que voltasse para a sua cabana suja e fedida. E ali vivem felizes para sempre.

Pode-se inferir que o conto “O pescador e sua esposa” nos traz uma lição, de que a cobiça pode nos custar caro, apesar de nesta narrativa o castigo foi de forma moderada, pois apenas voltaram a ter a vida que já tinham antes. O conto foi

narrado na terceira pessoa e predomina o discurso direto marcado por aspas, apesar de se tratar de um casal de pessoas pobres, pescador, morarem em uma simples cabana, a história foi escrita na linguagem formal sem marcas da coloquialidade. Pois, como já foi dito, o conto envolve todo um contexto da realidade vivida pelos os personagens da época.

Com relação ao tempo físico, a história aconteceu no período de tempo de seis dias, visto que a sequência dos pedidos ocorrem sempre na manhã do dia seguinte. O tempo psicológico seria o fluxo de consciência que a personagem expõe seus sentimentos e emoções criando efeito de perturbações ao ter que sempre volta ao mar para realizar os desejos da esposa. O ambiente da trama é atmosférico, o clima vai oscilando de acordo com as sequências de desejos e o narrador vai construindo esse ambiente para representar cada situação ocorrida nas cenas da narrativa. O narrador é observador e vai descrevendo cada situação e ação das personagens.

Vale destacar também, a sequência dos pedidos da mulher, do mais simples, uma casa simples e confortável, ao mais majestoso, Deus na sua plenitude. Ao que chega o limite de seus desejos o príncipe encantado que continua sendo peixe no mar, devolve ao casal a vida que levavam antes do pescador fisgá-lo em uma de suas pescadas. Mediante tanta ambição da esposa, o conto também nos leva a refletir ainda, em como foi capaz de se conformar e ser feliz para sempre com seu esposo, como é afirmado ao final do texto. Afinal, era uma vida de muita pobreza, o homem era pescador, porém não tinha se quer um barco para pescar em alto mar e se beneficiar com grande quantidade de peixes, como pode se perceber ao início do conto, “[...], em que estava sentado na praia com a vara de pescar [...]”. (Grimm, 2005, p.29). Na classificação de Camara Cascudo a narrativa se classifica em encantamento, pois, possui um elemento sobre natural que é o príncipe encantado em forma de peixe.

Em uma perspectiva diacrônica, é possível haver alguns questionamentos por parte do leitor. Por exemplo, por que toda vez que pescador voltava ao mar, a água estava com a cor diferente? O que exatamente, as cores representava? Seria a representação do estado emocional e psicológico do marido, ou alguma manifestação do cosmo por causa da cobiça da esposa? Se a história acontece a partir do momento em que o pescador fisga um peixe que fala, e se diz um príncipe

encantado, por que no final da narrativa e diante de toda a tempestade, o príncipe não volta à sua forma humana?

Podemos pensar que talvez essas respostas não sejam possíveis, e isso se deve ao fato de ser um conto maravilhoso e o tipo de elemento existente nesses contos, não se explica, até mesmo porque é um gênero que nos permite tudo quanto real ou imaginário e englobar uma diversidade de tema.

4. METODOLOGIA

4.1 A pesquisa-ação

Hoje, o trabalho docente está cada vez mais exigente com relação à busca constante de meio para trabalhar de forma diferenciada como alunos com pouco interesse e sem compromisso com suas obrigações escolares. Com isso precisamos traçar técnicas atraentes para que eles queiram assistir às aulas. Então, com metodologias diferenciadas é possível impactá-los de forma significativa para o desenvolvimento do aprendizado.

Diante dessa necessidade, surge o PROFLETRAS com o intuito de contribuir para a melhoria da qualidade do ensino no País, capacitando docentes em nível de mestrado profissional para que estes venham atuar com novas práticas em sala de aula e possam de fato proporcionar ao estudante um aprendizado relevante para sua vida e, conseqüentemente, contribuir para a transformação da sociedade. O Programa leva o professor a refletir sobre sua prática em sala e, ainda no âmbito do curso, desenvolver uma proposta de intervenção pedagógica no ato do seu exercício de sala de aula.

A pesquisa-ação funciona como um processo de prática reflexiva em âmbito social que se investiga e modifica constantemente em forma de espiral de reflexão e ação, e em cada espiral compreende: diagnosticar uma determinada situação prática ou um problema prático que se pretende amenizar ou solucionar; formular estratégias de ação que implique em alcançar os objetivos desejados; desenvolver essas estratégias e avaliar sua eficiência na solução do problema; ampliar e compreender a nova situação e; proceder aos mesmos passos para a nova situação prática identificada.

Figura 1: Espirais da Pesquisa-ação



Fonte: <https://educador.brasilecola.uol.com.br/trabalho-docente/pesquisa-acao.htm>

Sendo assim, a metodologia que atende esse propósito é a pesquisa-ação, que busca aliar a prática à teoria. Esse modelo de pesquisa propõe ao docente a agir com técnicas inovadoras e junto ao discente desenvolver o que é chamado, hoje, de Cultura Maker, colocando-os diante de desafios capazes de transformar a forma de pensar o seu próprio saber e mostrando as possibilidades de fabricar, construir ou reparar objetos das mais variadas formas e funções com as próprias mãos num espaço de colaboração e interação entre grupos e pessoas. A pesquisa-ação, segundo Thiollent (1947, p. 24) possui dois objetivos:

Objetivo prático: contribuir para o melhor equacionamento possível do problema considerado como central na pesquisa, com levantamento de soluções e proposta de ações correspondentes às “soluções” para auxiliar o agente (ou autor) na sua atividade transformadora da situação. É claro que este tipo de objetivo deve ser visto com “realismo”, isto é, sem exagero na definição das soluções alcançáveis. Nem todos os problemas têm soluções a curto prazo.

Objetivo de conhecimento: obter informações que seria de difícil acesso por meio de outros procedimentos, aumentar nosso conhecimento de determinadas situações (reivindicações, representações, capacidades de ação ou de mobilização, etc.).

Com esses dois objetivos da pesquisa-ação é possível identificar na prática a real situação do problema e agir de forma a solucionar ou amenizar a situação em curto ou em longo prazo. Isso nos possibilita planejar ações adequadas para buscar a solução do problema de forma a conduzir todo o desenvolvimento das atividades propostas visando, um resultado promissor ao final da pesquisa.

Essa pesquisa foi realizada com alunos do 9º ano do ensino fundamental, tendo como instrumento de geração de dados questionários com o propósito de obter informações dos participantes com relação à importância da leitura literária para formação deles como leitores críticos-reflexivos, identificar as práticas de leitura em que eles participavam, assim como os comportamentos e as expectativas de aprendizagens com o uso desse recurso. Também foi realizada uma proposta de intervenção pedagógica com práticas de leituras literárias que seguiu uma sequência didática.

Essa sequência foi desenvolvida com o intuito de trabalhar com o gênero Conto, objetivando o reconhecimento do conteúdo pelos discentes e o desenvolvimento/despertar da literariedade por meios de aulas tanto expositivas, quanto aulas práticas a fim de contemplar nas atividades a oralidade, a leitura, a escrita e questões de gramática (a partir das produções textuais realizadas pelos alunos), aula campo (nas casas de moradores para roda de contação de histórias e captação de recursos para produções escritas de cada aluno). Veja seguir o espiral da pesquisa realizada nesta dissertação.

Figura 2: Espirais da Pesquisa Desenvolvida



Fonte: Elaborada pela autora

Essa pesquisa seguiu o círculo da pesquisa-ação como pode ser observado na imagem acima. Primeiramente foi identificado o problema, para depois ser elaborado um plano de ação visando amenizar o problema. O plano foi desenvolvido seguindo a sequência didática como estratégia e avaliado constantemente no decorrer das atividades realizadas. Após o resultado obtido foi apresentado para a comunidade e para finalizar, foi realizada a análise dos resultados do plano de ação. Isso pode ser comprovado a seguir com desenvolvimento de todo trabalho.

4.2 Linha do tempo

21-06-2019 - Aplicação do questionário para diagnóstico inicial com o intuito de averiguar a situação da turma com relação à leitura e sua prática na vida cotidiana de cada participante.

15-08-2019 - Apresentação do Projeto "A literatura sai da casca formando times de leitores. A apresentação ocorreu via data show, seguida de aula motivacional com exposição de vídeos e discussão sobre a importância da leitura literária para a vida enquanto ser social.

20-08-2019 - Leituras de textos dos gêneros contos, crônica, parábolas, discutindo e compreendendo as diferenças das características de cada um destacando principalmente, as características do gênero conto, que foi foco da proposta em desenvolvida.

22-08-2019 – Leitura dos contos Chapeuzinho vermelho; O pescador e sua esposa e; Os músicos ambulantes, para aprofundamento do estudo e análise.

28-08-2019 - Visita na casa do seu Joaquim, para a escuta e gravação de estórias como recurso para a produção de contos.

30-08-2019 - Foi convidado o senhor João, para nos visitar na sala de aula e contar estórias para serem usadas como recurso pra produção dos alunos. Logo em seguida foi servido um café da manhã para nosso convidado especial e toda a turma.

06-09-2019 - Mesa redonda para apresentação da primeira escrita e recontação das histórias na versão contada pelos contadores. Nessa etapa os alunos buscaram preservar todas as marcas da linguagem oral.

20-09-2019 – Apresentação da segunda escrita dos textos na versão aluno autor, usando a estruturação do gênero conto, corrigindo tempos verbais, concordância nominal e verbal, utilizando conectivos segundo a norma culta da Língua Portuguesa.

26-09-2019 - Reescrita dos textos seguindo as observações da professora, visando melhorar o texto final. Momento muito importante para a total compreensão dos alunos a respeito da estruturação e caracterização do conto.

25-10-2019 - Atendimento individual com cada aluno para releitura, análise de coerência e possíveis alterações na escrita do texto. Momento singular para versão final de cada conto.

07-11-2019 - Sarau de Contação de histórias para a culminância do projeto “A literatura sai da casca formando times de leitores”, no qual foi apresentado para toda comunidade escolar os textos produzidos pelos alunos (autores), com a participação especial de moradores que contribuíram com o recurso (histórias) para que todos os alunos escrevessem seus textos. Foi um momento muito significativo para a professora autora do projeto e todos os estudantes da turma do 9º ano do ensino fundamental. As apresentações foram realizadas em forma de jogral, contação com caracterização de personagens e vídeos produzidos no App Movavi

Vídeo Suite 18. Assim, cada alunos pode contar suas histórias de acordo com o grau de conforto de cada um durante a atividade.

15-11-2019 – Grupo de discussão para obtenção de depoimentos, avaliação e análise das apresentações e resultados de todos os trabalhos realizados pelos alunos e do projeto em si. Esse um momento foi primordial para colher dados de fechamento da pesquisa realizada.

4.3 Diagnóstico inicial

Antes de pensar neste plano de ação foi proposto aos estudantes que escolhessem uma obra de seu “agrado” para realização da leitura. Eles tinham uma semana para ler o livro na íntegra, seguindo um roteiro proposto pela professora, que sugeria o nome da obra e do autor, editora e ano de publicação, personagens principais e secundários, características físicas e psicológicas de cada uma das personagens, o que motivou o início da história, momento ápice da história e como finalizou a narrativa.

Na semana seguinte, eles precisavam socializar sua leitura para os colegas, mas a maioria não cumpriu seu compromisso, alguns alunos disseram que o livro era muito grande e que tinham muita preguiça de ler, outros falavam que, embora tivesse lido, não entenderam nada, entre outros comentários negativos sobre a prática de leitura. Após algumas tentativas sem êxito, foi pensada a estratégia de trabalhar com textos menores na tentativa de desenvolver o hábito de leitura nos alunos.

Aqui fica evidenciado o entrave do trabalho tradicional em sala de aula, assim como fica comprovado que o trabalho com enfoque no tradicionalismo não funciona para com o ensino contemporâneo. O aluno de hoje não é como os mesmos de 20, 30 anos atrás, da época em que se predominava o ensino tradicional, o contexto em que vivemos hoje, é outro radicalmente diferente dos tempos remotos. Com isso, percebi que embora eu tentasse, volta e meia eu estava caindo no tradicionalismo da sala de aula. Foi aí que, eu enquanto professora autora desse trabalho, entendi que, mesmo que eu tivesse condecorado um espaço para socialização das leituras, traçado um roteiro para que a leitura acontecesse, não sortiu efeito nenhum para a evolução do aprendizado dos alunos.

Vale destacar, que essas tentativas não fizeram parte do plano de ação, pois foi ao perceber que isso não dava certo de forma alguma, e depois de muito refletir sobre o que fazer para ajudar os meus alunos e melhorar a qualidade do meu trabalho em sala de aula, que surgiu a ideia de elaborar uma proposta de intervenção com textos menores. Visto que o PROFLETRAS também exigiu de mim como mestranda, a elaboração e desenvolvimento de uma proposta de intervenção pedagógica para a efetivação da minha pesquisa, o que gerou essa dissertação para trabalho de conclusão do curso. Isso foi muito significativo para minha prática em sala de aula.

Para um diagnóstico inicial foi realizado um questionário composto de seis questões para identificar a relação de 18 alunos, sujeitos da pesquisa, com a leitura. Entre esses alunos, as idades variavam de 14 a 16 anos. No grupo, havia 8 participantes do sexo feminino e 10 do sexo masculino. A maioria deles residia na zona urbana e alguns na zona rural. Por se tratar de uma cidade pequena, as famílias dos alunos eram todas conhecidas entre si, o que contribuiu muito para o andamento das atividades desenvolvidas por eles.

Os dados obtidos no questionário tiveram grande contribuição para o andamento das ações que foram projetadas para o desenvolvimento dessa pesquisa. Foi identificada a pouca relação que a maioria dos alunos tinha com leitura, além do gosto de cada um com relação ao gênero e reconhecimento da importância da leitura para a vida deles. Segue a análise do questionário.

Em relação à pergunta se o estudante gosta de ler; 83,3% dos dezoito alunos participantes responderam que sim e 16,6% disseram que não. Sobre quais tipos de textos eles gostavam de ler, com mais de uma resposta, 72,2% dos estudantes responderam que gostavam de ler contos; 22,2% responderam que gostam de ler entrevista; apenas 5,5% responderam que gostava de ler crônicas; 50% alunos gostam de história em quadrinhos; 22,2% de romance e, 0,36% responderam que gostavam de ler outros tipos de texto.

Perguntado se o aluno considerava que seu tempo dedicado à leitura era suficiente ou insuficiente, 77,7% alunos responderam que era insuficiente e, apenas, 22,2% responderam que era suficiente. Perguntado quais eram as maiores barreiras para sua frequência na leitura, 38,8% alunos responderam que eram a falta de tempo; 27,7% a dificuldade de acesso à biblioteca; 33,3% a lentidão na leitura; 33,3%

responderam que tinha preguiça, não gostavam de ler, nem tinha interesse por essa atividade; e não sabiam interpretar textos.

Em relação à importância da leitura na existência, 83,3% alunos responderam afirmativamente e, apenas, 16,6% responderam negativamente. Perguntado se o aluno gostaria de participar de atividades que lhe proporcionassem desenvolver o ato de ler, 94,4% dos alunos responderam que sim e apenas 5,5% responderam que não. Este foi o resultado do questionário para diagnóstico sobre a relação dos alunos participantes da pesquisa com a leitura.

Compreendi que os alunos não tinham o hábito de ler e que as dificuldades em ler e compreender textos extensos era muito maior. Diante da necessidade identificada, elaborei uma proposta de intervenção com o intuito de sanar essa situação e por meio desta estratégia proporcionar aos estudantes a possibilidade de desenvolver esse hábito e ampliar o nível de leitura para que assim, eles possam trilhar com mais facilidade, o caminho do conhecimento.

Com base nas respostas dos alunos ao questionário diagnóstico, identifiquei o gênero mais aceito por eles e que lhes proporcionou um melhor resultado referente a ampliação da leitura e uma escrita de sucesso ao final da proposta. “A escolha do gênero se faz em função da definição dos parâmetros da situação que guia a ação” Schneuwly, (2004, p. 27). O gênero textual escolhido para ser trabalhado nesta pesquisa foi o conto. Durante as discussões em sala, muitos alunos justificaram sua preferência pelo fato de ser um gênero curto e de certa forma, atrair a atenção deles. Comentários como:

Aluna A: “Conto é bom pra ler porque é pequeno e é divertido imaginara história que acontece e sempre tem um final feliz”.

Percebe-se na resposta da aluna que a preferência para ler contos se justifica pelo fato de não tomar muito tempo por ser um texto curto, ser divertido o desenrolar do conflito além de se configurar um final feliz. Com isso, compreende-se a necessidade de se trabalhar o hábito de leitura por meio do desenvolvimento da imaginação dos estudantes com a exploração do gênero conto e conseqüentemente avançar para textos mais complexos.

Aluna B: “Gosto de ler conto porque além de ser um texto curto a gente não abusa e porque a gente descobre logo o que acontece no final, não tem enrolação.”

A aluna B externou os mesmos motivos da aluna C, que é o fato de ser um texto curto e segundo ela, não chega a abusar a leitura porque não tem enrolação para se chegar ao final e descobrir logo o que acontece. Diante disso, pode-se compreender a grande falta do hábito de leitura da aluna, para ela a leitura tem que ser algo que comece e termine logo, ou seja, essa aluna assim como os outros, ainda não conseguiu sentir o encanto da leitura de um texto mais complexo, talvez pelo fato de ainda não conseguir ler com fluência, o que dificulta a compreensão do que está sendo lido.

Aluno C: “Gosto de ler contos porque é um texto curto e toda a história acontece por causa de alguma coisa que acontece com algum personagem e aí querem descobrir quem foi que aprontou aquilo, por isso, acho interessante ler, é um texto bom pra ler.”

O aluno C, apesar de compartilhar dos mesmos motivos dos depoimentos anteriores, ele cita ainda, que toda história ocorre por causa de alguma coisa que acontece com algum personagem. Isso se trata da motivação para que a narrativa seja construída, com toda sequência dos acontecimentos e consequentemente, prender a atenção do leitor.

O motivo da seleção do gênero conto como foco deste estudo, foi em razão das respostas ao questionário realizado e aos comentários dos alunos relacionados ao gênero textual citado. Isso foi de grande importância para o envolvimento deles nas atividades sugeridas na proposta. Quando buscamos a participação dos alunos na escolha de estratégias para trabalhar em sala, o resultado fluiu, uma vez que eles puderam dar suas opiniões de como queriam aprender determinado conteúdo, o resultado foi bem mais promissor.

A proposta de intervenção buscou solucionar ou amenizar a problemática identificada e direcioná-los para melhor convivência com a leitura, conquistando o hábito de ler a partir da leitura de textos curtos, característica do gênero conto. Com isso, essa proposta foi além da leitura de contos, tendo como produto final do estudo a produção de um texto de autoria própria de cada aluno.

Os aprendizes foram desafiados, a partir da leitura e compreensão de contos dos Irmãos Grimm, a produzirem contos baseados nas histórias narradas por moradores da comunidade local. Desafio este que provocou certo entusiasmo nos participantes e revelou resultado surpreendente nas produções textuais de cada um

que, com suas particularidades foram capazes produzir um conto usando como recurso base a história colhida.

4.4 Caracterização da escola

A Escola Estadual atende alunos do Ensino Fundamental II e Ensino Médio. Também, alunos especiais da sala de recursos no contraturno. A instituição recebe alunos provenientes da zona urbana e rural; povoados e assentamentos, como Cecilândia, São Pedro e Paciência. A maioria destes alunos pertence a classes desprestigiadas. A renda mensal da maioria era de um salário mínimo, complementada com o Bolsa-Família e a agricultura de subsistência familiar em pequenas propriedades. O grau de instrução dos pais dos alunos, em quase sua totalidade, é de nível fundamental.

A maioria dos alunos tinha acesso apenas à televisão e ao rádio, como meios de informação. Mas, nos últimos anos, os alunos têm procurado utilizar muito as redes sociais na internet para obter informações e conhecimentos, ainda com acesso bastante limitado.

A escola possui um público advindo de famílias carentes e alguns problemas consideráveis relacionados à desestrutura familiar e ao uso de substâncias entorpecentes. O serviço da direção, orientação e coordenação pedagógica trabalha combatendo fortemente essa prática dentro do ambiente escolar, por meio de palestras, monitoramento do recreio, aconselhamento individualizado de alunos e responsáveis.

Com toda essa problemática, se entende as causas da deficiência no aprendizado dos alunos, no que tange a leitura que é o centro de toda aprendizagem escolar, esse problema é ainda mais preocupante. Pois a escola recebe alunos para o sexto ano do Ensino fundamental II com a maioria sem estarem de fato alfabetizados. Isso é um problema agravante para o processo de ensino e aprendizagem dentro da escola.

Eu enquanto professora desta instituição, busco diariamente contribuir junto à equipe para que esses impasses existentes dentro do espaço escolar e especificamente dentro da sala de aula venham ser extintos, e assim, melhorar a qualidade do nosso trabalho e conseqüentemente cumprirmos com a nossa missão

de transformar a sociedade. Responsabilidade esta que é muito pesada sobre o professor.

Vejo a escola, como um espaço onde o aluno aprende mais do que os conteúdos dos componentes curriculares tão necessários ao dia adia. Nela, ele exerce a cidadania e solidifica seus valores pessoais. Por isso, é necessário que este seja um ambiente agradável, em que os estudantes possam se sentir bem para adquirir conhecimentos e praticá-los. É nesse sentido que esta Escola procura caracterizar seu trabalho pautado nas características de: clima favorável à aprendizagem (um ambiente emocional favorável para que haja um bom relacionamento entre professor e aluno); bom currículo (além do escolar, o material pedagógico e as avaliações também são desenvolvidos com atenção); qualificação do docente (incentivamos a formação continuada para aprimoramento); professores e gestores líderes (profissionais que buscam manter a sintonia, ter uma boa comunicação, proporcionar formar uma equipe organizada, responsável, comprometida e unida.)

A partir desta realidade da U. E¹, procuramos nortear nossa atuação e buscar ações administrativas e pedagógicas eficazes, voltadas para a melhoria do quadro apresentado. Com o esforço e dedicação de cada membro da equipe esse trabalho será possível. A proposta de intervenção aqui detalhada faz parte desse trabalho de resgatar nossos alunos para o mundo do conhecimento e libertá-los dos usos de substâncias que possam proporcionar problemas a se próprios e para a sociedade.

4.5 Desenvolvimento da Proposta de intervenção pedagógica

Essa proposta de intervenção pedagógica foi realizada com o intuito de tentar desenvolver o potencial leitor dos alunos envolvido; possibilitar o desenvolvimento da capacidade crítica reflexiva de cada aluno. Através da prática de leitura de contos, foi apresentada aos estudantes a possibilidade de ampliar o contato deles com a leitura e conseqüentemente desenvolver sua capacidade de escrita de textos usando os diversos conteúdos do currículo escolar, uma vez que a proposta em questão engloba vários assuntos do referencial curricular da escola.

¹ U.E. Unidade Escolar

A proposta foi pensada e discutida junto aos alunos, o que proporcionou melhor êxito nos resultados. Acredita-se que, quando o estudante participa da criação de projetos que serão desenvolvidos, o resultado é sempre promissor. Durante a discussão realizada na sala de aula, os alunos mostraram grande entusiasmo na participação das atividades propostas, o que foi muito positivo para a efetivação dos trabalhos com leitura e produção de contos.

Embora o trabalho com a Literatura no Ensino Fundamental II seja importante, notou-se que as atividades deixavam muito a desejar quando se referiam à leitura e produção de texto. Diante dessa necessidade, foi realizado um trabalho voltado para o desenvolvimento da aprendizagem da leitura e da escrita na prática. Para isso, buscamos valorizar o conhecimento do senso comum dos moradores mais antigos da comunidade como recurso para sanar essas dificuldades e despertar o potencial dos alunos de uma forma prática e objetiva. Essa proposta, além de despertar a consciência da importância de se adquirir e valorizar conhecimentos da cultura local para preservar as raízes culturais da comunidade, contemplou significativamente o currículo pedagógico da escola, oferecendo momentos de reflexão e valorização da leitura e escrita na vida do educando.

Toda proposta pedagógica a ser trabalhada em sala de aula deve ser pensada com base em leitura de textos, especificamente textos do gênero a ser estudado. “Por isso que um projeto pedagógico para produção escrita deve sempre ser iniciado por um módulo didático de leitura para que os alunos se apropriem das características típicas do gênero a ser produzido.” (Lopes-Rossi, 2011, p. 72). Nesse sentido, a proposta de intervenção desenvolvida nessa pesquisa foi realizada em torno do gênero conto a qual teve como produto final, textos produzidos pelos alunos.

Esse trabalho envolveu a integração dos jovens, que são nativos do mundo tecnológico, com a cultura dos moradores mais vividos que nasceram em um tempo passado, visando a um aprofundamento de conhecimento e valorização da cultura local. Para finalizar os trabalhos, fizemos uma aula de campo em busca de recurso para a produção final de contos baseados em histórias contadas por moradores da comunidade local.

Os estudantes tiveram momentos de reflexão sobre a identidade linguística cultural da comunidade onde vivem, assim como a oportunidade de reconhecer e valorizar as variações linguísticas, tais como: a informal, usada pelos indivíduos

pouco letrados e destacada na oralidade nas histórias contadas; e a linguagem formal, usada no andamento da produção escrita, sem deixar que uma superasse a outra, sempre respeitando as variantes e prevalecendo as marcas da originalidade.

Durante o desenvolvimento das atividades, as condições de produção do gênero conto foram constantemente discutidas, com o intuito de fazer com que o estudante tivesse a preocupação de enriquecer sua produção com elementos alegóricos, tomasse consciência sobre a importância de valorizar essas histórias, tornando-as visíveis e reconhecidas a toda comunidade, preservando assim, a identidade linguística local. A identidade linguística é aquela usada por uma determinada comunidade falante da sua língua natural, que permite o indivíduo aprender seus valores dentro dela e reconhecer e defender ela dentro dos valores.

O trabalho com as variações linguísticas foi realizado através de articulação em sala de aula, proporcionando aos alunos conhecimento linguístico necessário para o momento da produção escrita dos textos do gênero conto, pautando sempre no que tange a versão original da história ouvida, sem fugir ao protótipo da realidade identificada pelos educandos.

Durante as aulas foram aprofundados os estudos para compreensão das diferenças entre linguagem oral e escrita. Entende-se aqui como linguagem oral aquela usada para conversa, diálogo, apresentação como no caso de uma aula ou reunião, telefonemas entre outros. Essa linguagem permite um contato mais próximo entre locutor e interlocutor e é mais informal do que a escrita. Ela exige dos participantes da comunicação, além da oralidade verbal, outras articulações como expressão facial, gestos e outros movimentos físicos. Tudo isso, são necessários para poder haver uma compreensão completa da mensagem transmitida.

Com relação à linguagem escrita, entendem-se tudo que é transcrito por meio de signos alfabético e exigem mais cuidado na organização das ideias para que haja total entendimento da mensagem que se quer transmitir. É a linguagem que se caracteriza por haver um maior distanciamento do emissor e receptor, é mais formal e exigem planejamento no momento da exposição verbal escrita. Essa linguagem é usada para comunicação via carta, e-mails, jornais, revistas, livros entre vários outros gêneros. Tanto a linguagem oral com a escrita possui suas complexidades e uma está sempre relacionada a outra, seja de modo direto ou indiretamente.

Os contos produzidos nessa prática de letramento² foram desenvolvidos na linguagem verbal, modalidade oral e escrita, e linguagem não verbal. Com o avanço tecnológico, a leitura ganha uma nova significação, pois não se trata mais só da leitura de textos escrito, mas sim, do uso das distintas modalidades textuais que aparecem nas formas de comunicação via texto. O texto ganha outros elementos como cor, forma, imagens, som, animação, com isso a leitura se torna mais atraente e envolvente.

A multimodalidade pode ser entendida como um reflexo do modo como as pessoas que nasceram no contexto das tecnologias de informação interagem com as outras. Em geral, em um mesmo espaço de tempo, elas conseguem se comunicar por meio das mais diversas formas, como afirma Melo, Oliveira e Valezi (2012, p. 151).

Hodiernamente, quando pensamos em desenvolver uma proposta de prática de letramento da escrita, devemos nos atentar para as diversas formas de transmitir a mensagem escrita ou até mesmo oral para o nosso ouvinte. Conforme Dionisio (2011, p. 39), necessitamos de falar em letramentos, no plural mesmo, pois a multimodalidade é um traço constitutivo do discurso oral e escrito. Com o desenvolvimento da tecnologia, a forma de produzir um texto mudou radicalmente, existem sistemas próprios capaz de inserir os mais variados recursos de forma a chamar a atenção do leitor. Para a autora,

[...], os gêneros textuais falados e escritos são também multimodais porque, quando falamos ou escrevemos um texto, estamos usando no mínimo dois modos de representação: palavras e gestos, palavras e entonações, palavras e imagens, palavras e tipográficas, palavras e sorrisos, palavras e animações etc.

A multimodalidade, portanto, compreende a fala, a escrita, a imagem e todos os gestos utilizados para a comunicação. Ela proporciona os múltiplos e mais diversificados recursos de produção de sentido para a construção de um texto visando chamar e prender a atenção do público. Um exemplo bem típico de textos multimodais são as propagandas e anúncios entre muitos.

Pensando nisso, este trabalho não pôde deixar de oferecer aos alunos as diversas possibilidades de criar e recriar seus textos, acrescentando diferentes

² Letramento, entre os vários conceitos de Soares é descobrir a si mesmo pela leitura e pela escrita, é entender-se, lendo ou escrevendo e é descobrir alternativas e possibilidades, descobrir o que você pode ser. Soares, (2016, p. 43).

elementos para proporcionar aos seus leitores uma leitura mais agradável e interessante. Na proposta de produção escrita foram apresentados, via Data show, textos multimodais como um gênero secundários, lendo e conversando sobre cada um deles, deixando o aluno livre para usar toda sua criatividade para incrementar seu texto.

O trabalho interdisciplinar proporcionou, possibilitou a integração entre outras disciplinas para sua efetivação e finalização em forma de evento, que foi realizado para apresentação dos resultados à comunidade:

1. Redação: auxiliou no processo de produção escrita dos textos, e contribuiu no momento de correção e organização estrutural dos contos produzidos.

2. Arte: contribuiu com o processo de encerramento e exposição dos resultados finais, em forma de teatro, contação de história com fantoches, etc. O professor de arte auxiliou na criação dos figurinos dos personagens, cenário e de toda articulação das apresentações.

O encerramento aconteceu por meio de um grande evento que trouxe toda comunidade à escola (alunos, pais de aluno, amigos e conhecidos), com participação especial dos contribuintes das histórias orais recolhidas, para que os estudantes escrevessem seus textos finais. Nesta atividade, a prática de letramento desenvolvida na comunidade onde todos se tornaram protagonistas e agentes das histórias que foram contadas de forma atraente e envolvente.

Este trabalho promoveu a apresentação de uma prática de letramento dentro do espaço escolar, possibilitando a reflexão de tantas outras práticas que as pessoas exercitam e nem se dão conta de que se trata de Práticas de Letramento que devem ser valorizadas e trabalhadas pelas escolas, que precisam se tornar conhecidas e apreciadas de forma significativa, pois aborda a valorização da cultura local, artefato de fundamental importância para a formação do indivíduo, que deve sempre ser trazido para o conhecimento de todos.

As oficinas que fizeram parte da sequência didática foram realizadas de forma coletiva, sob orientação da professora, visando a um bom andamento das atividades, espaço em que houve a participação do professor de Arte para orientar os alunos nas apresentações que foram realizadas na culminância do projeto. Portanto, foi necessária a participação ativa dos estudantes, tendo como foco a ampliação do domínio linguístico e visão de mundo, proporcionando uma

aprendizagem significava que contribuiu de fato para a vida social e cotidiana do aluno.

O processo de avaliação aconteceu durante todo desenvolvimento do trabalho pela professora que observou a participação e entrosamento dos alunos com os trabalhos realizados, por meio de momentos para discussões e avaliações coletivas das atividades desenvolvidas, trocas de textos entre duplas para leitura do conto do colega e possíveis intervenções, além de atendimento individual com cada aluno para os ajustes finais da produção textual.

Os trabalhos foram avaliados durante o evento da apresentação do resultado final, em que alguns membros da comunidade tiveram a oportunidade de julgar cada conto apresentado conforme os critérios: Enredo apresentado em cada conto; Se foi criado um conflito; Encenação de cada conto (no caso de encenação teatral); Articulação de cada contador de história (fantoques); Como se dar o desfecho da narrativa.

E assim aconteceu o processo avaliativo de todo trabalho. Vale lembrar que os moradores contribuintes com suas histórias para o resultado final deste trabalho participaram e deram seus vereditos finais sobre as produções dos alunos. Seguiremos agora para o detalhamento das atividades desenvolvidas nesta proposta.

Os trabalhos com o gênero Conto desenvolvidos nesta proposta foram realizados visando ao reconhecimento do conteúdo pelos discentes e ao desenvolvimento/despertar da literariedade, por meio de aulas tanto expositivas, quanto práticas, a fim de contemplar nas atividades a oralidade, a leitura, a escrita e as questões de gramática (a partir das produções textuais produzidas pelos alunos), aula campo (nas casas de moradores para roda de contação de histórias e captação de recursos para produções escritas de cada aluno).

4.5.1 Atividade 1 – Oralidade

No momento inicial da atividade foram realizadas indagações sobre o que os alunos entendiam do gênero conto e se sabiam a diferença entre o gênero em questão e as demais narrativas, como fábula, crônicas, novelas. Em seguida, foram feitas leituras de textos dos gêneros conto, fábula, crônica discutindo e compreendendo as diferenças das características de cada um, destacando

principalmente, as características do gênero conto. O foco do projeto é a leitura e a escrita de contos baseados em histórias contadas pelos moradores da comunidade, e assim, mostrar aos estudantes a importância da valorização da cultura local e das práticas de letramentos que faz parte do nosso dia a dia e que às vezes, passam despercebidas aos nossos olhos.

As práticas de letramento estão presentes desde um simples diálogo entre amigos, uma ação no caixa eletrônico etc. Muitas delas podem e devem ser trazidas para a sala de aula e virar uma proposta pedagógica de trabalho com os alunos, isso faz parte da vida deles e, sem dúvida, os manterão interessados e motivados para as atividades sugeridas, incluindo os conteúdos previstos no currículo escolar.

Foi realizada uma averiguação sobre quais contos eles já tinham ouvido e quem os contou. A maioria dos alunos relatou já terem ouvido histórias contadas pelos seus familiares. O que foi muito interessante, pois era exatamente o que queríamos, histórias contadas pela comunidade. Indagados se já leram algum conto, muitos disseram já ter lido alguns contos de fadas dos Irmãos Grimm, como Cinderela, Chapeuzinho vermelho, ainda nas séries iniciais, assim como também contos que apareceram no livro didático, quando a leitura era solicitada pela professora na escola.

Essa primeira atividade teve o intuito de provocar indagações e ouvir os alunos para, em um segundo momento, explicar por meio de aulas expositivas sobre o conto, a estrutura e seus tipos, o que foi feito em aulas seguintes para enriquecer o repertório dos estudantes acerca do gênero em estudo e haver possível afunilamento para o tipo de conto que foram produzidos como resultado final desta proposta.

A respeito da oralidade, é uma atividade que aconteceu com frequência após todas as atividades realizadas, para discussão dos problemas/dificuldades que surgiram e os pontos positivos no culminar de todo trabalho desenvolvido. Foram momentos muito importantes para a escuta dos alunos, ver e sentir o que eles estavam sentindo ao participar das atividades sugeridas no decorrer de todo o estudo realizado.

4.5.2 Atividade 2 – Leitura

Nesta atividade de leitura, a sala foi dividida em três grupos, cada grupo recebeu um conto diferente e as orientações para a realização da leitura. No primeiro momento, foi feita a leitura prévia, uma releitura do conto e, em seguida, aconteceu a contação oral da narrativa lida por dois integrantes de cada grupo para os demais colegas da turma. Durante a atividade foi percebido o interesse dos alunos em ouvir a história que o colega tinha para contar.

Os contos selecionados pertencem à coletânea “Contos de Fadas”, recolhido pelos irmãos Grimm e Jacob na Alemanha (1785-1863). Os três contos selecionados foram: “Os Músicos Ambulantes” (p. 19), “O Pescador e sua Esposa” (p. 29), e “Chapeuzinho Vermelho” (p. 267). Os alunos tiveram a oportunidade de realizar a leitura e análise desses contos, e compartilhar com toda a turma a interpretação de suas leituras.

O Primeiro grupo leu e analisou o conto “Chapeuzinho Vermelho” (p. 267). Após a leitura e contação do enredo em grupo, chegou o momento da discussão e análise dos alunos acerca da história lida. Eles destacaram a questão da menina desobedecer à mãe e desviar do caminho indicado por ela. Foi interessante perceber a discussão acerca do conflito da narrativa, eles mesmos ficaram falando que os colegas não devem desobedecer a suas mães, pois sempre acontece algo ruim e que mães sempre sabem o que é melhor para os filhos. Os alunos perceberam que a garota nessa história desobedeceu à mãe por duas vezes, pois além de mudar o percurso indicado por ela, pôs-se a conversar com estranhos (o lobo) o que pode ser perigoso para a criança.

Após a discussão em sala, os alunos foram orientados a aprofundar o estudo sobre a história lida por meio de pesquisa, o resultado foi apresentado em outro momento para toda a turma. A apresentação do resultado da análise foi feita com exposição de cartazes, textos escritos e orais. Os estudantes, seguindo um roteiro de estudo proposto pela professora e a análise realizada no material pesquisado, puderam conhecer as duas versões da narrativa.

A primeira, publicada por Charles Perrault em 1697, apesar de apresentar uma moral da história ao final do conto, não foi muito aceita pelos pais que se negavam a contar a história aos filhos por se tratar de uma narrativa violenta e sem final feliz, pois o lobo devora a Chapeuzinho Vermelho e sua avozinha. A segunda

foi escrita e publicada pelos Irmãos Grimm que deram um tom mais suave à narrativa, inserindo a personagem do caçador que, ao final da narrativa, salva as duas figuras dramáticas engolidas pelo lobo. Esta por sua vez, foi mais bem aceita pelos pais e até hoje faz parte do universo infantil.

Seguindo o roteiro criado pela professora e pelos estudantes na sala de aula, o grupo identificou o conflito gerador da narrativa, momento em que a chapeuzinho desobedece a mãe e opta pelo caminho mais curto para chegar à casa da avó. A garota infringe a ordem recebida da pessoa que ela mais ama quando encontra com o lobo no meio da floresta, este usa de todas as tramóias para descobrir onde a menina está indo. Ela, por causa da inocência, se deixa enganar pela fera, desviando do seu caminho e acaba dando tempo ao lobo mau de chegar à casa da velhinha antes dela.

Quanto à personagem principal, Chapeuzinho Vermelho, os alunos destacaram suas características físicas e psicológicas, como uma garota de estrutura pequena, olhos castanhos, que usa uma capa vermelha, meiga, feliz, pelo fato de sair cantando pela mata, e ingênua por se deixar enganar facilmente pelo lobo mau.

Foi discutida ainda a questão da figura masculina presente na narrativa representada apenas pelo lobo e os caçadores na versão dos irmãos Grimm e, na versão de Perrault, a única figura masculina é a do criminoso. Os alunos observaram que, nessa versão, existe apenas um lado da personagem masculina aquele que pratica o mal, já na versão dos Irmãos Grimm, há dois lados: o que comete o crime e que salva a garota e a avó do perigo. O único formato de família contida no conto é representado pela família de Chapeuzinho Vermelho, constituída pela garota, a mãe e a avó.

Foi interessante no momento desta discussão, quando uma aluna levantou a questão sobre a figura masculina representada pelo lobo, na possibilidade de se tratar de um homem que abusa da menina e da avó, e os caçadores chegarem no momento da agressão e as salvarem. Isso gerou uma reflexão interessante para todos os presentes na aula. A mesma aluna ainda discorreu sobre a questão de se tratar de histórias contadas por pessoas da época e os autores pegarem a narrativa contada e escrever de forma camuflada, usando elementos que, de certa forma, suavizam o caso, tornando-se um conto infantil como a versão dos irmãos Grimm.

Os alunos ainda discorreram sobre a história dos Irmãos Grimm de percorrerem pela Alemanha em busca de histórias contadas pelos camponeses para

reproduzirem na escrita. O que resultou em belíssimos contos de fadas e histórias fantásticas, que conquistaram muitos leitores, principalmente o público infantil. Isso foi muito interessante para o andamento desta pesquisa, que tem como resultado final a produção escrita de textos do gênero conto, textos estes baseados em histórias contadas pelos moradores da comunidade local.

Com relação à última questão do roteiro para a pesquisa dos alunos sobre o final da história de Chapeuzinho Vermelho, o grupo destacou as duas versões: a de Perraut, cujo final da narrativa não agradou muito ao público devido a atos violentos e a versão mais aceita até os dias de hoje no universo infantil, a dos irmãos Grimm que é agradável às crianças por apresentar uma narrativa com o final de conto de fadas, felizes para sempre.

Após a leitura e análise do conto “Chapeuzinho Vermelho”, os alunos realizaram a dramatização teatral da peça que foi apresentada para toda a comunidade escolar. Isso possibilitou aos alunos irem além do proposto em sala de aula, demonstrando um grande engajamento de todos os envolvidos. Pois, os alunos personagens participaram ativamente em suas funções para proporcionar um resultado brilhante ao público, o que conseguiram com êxito.

O segundo grupo de alunos trabalhou com o conto “O Pescador e sua Esposa” (p. 29). No primeiro momento, assim como o grupo anterior, foi feita uma leitura prévia, em seguida, foi realizada a leitura completa do conto e, depois, a contação oral da narrativa aos colegas de turma que, por sinal, ficaram intrigados com tanta ambição da esposa do pescador.

Logo após a classe conhecer a história contada, chegou o momento da análise prévia do conto. Os alunos observaram a questão fantasiosa do conto que é o peixe mágico, anjo dos deuses do mar, capaz de realizar os sonhos do pescador. Destacaram também a ambição da mulher que quanto mais tem, mais queria ter, o servilismo do homem à sua alma e ainda a possibilidade de o pescador e sua dona serem felizes com o pouco que tinham, pois a riqueza não traz felicidades.

Em seguida, os alunos foram orientados a fazer uma pesquisa e aprofundar a análise da narrativa, para em outro momento apresentar o resultado do estudo aos colegas. Então, seguindo o roteiro criado pela professora e pelos alunos na sala de aula, foi realizada a atividade e organizado o material de apresentação com cartazes, textos orais e escritos para exposição para toda classe.

O grupo iniciou a apresentação do resultado do estudo feito, citando e discutindo o conflito que gerou a narrativa. A história começou com apresentação do casal e a humilde situação em que vivia. Um simples pescador que depende dos poucos peixes que pega para sobreviver. O casal alimentava um sonho de um dia poder ter a sorte de encontrar um grande cardume ou um tesouro, para assim melhorar de vida e ter uma casinha azul.

Certo dia, o humilde pescador sai para pescar como de costume, quando fisga um peixe prateado que, para sua surpresa do homem começou a falar: “Deixe-me viver, por favor. Não sou um peixe de verdade; sou um príncipe encantado; coloque-me de novo na água e deixe-me partir” (p. 29). O que seria o exato momento do conflito gerador de toda a narrativa. O homem acreditou no peixe, imediatamente se pôs a pensar no que pediria ao animal mágico. Então, ele contou o sonho que ele e sua mulher tinham o sonho da casinha azul com algumas galinhas e vestidos novos para sua mulher. O pescador devolveu o peixe ao mar, olhou em direção a sua casa e viu uma casinha de janelas azuis.

O pescador ficou muito emocionado e correu para abraçar a mulher que logo lhe pediu uma explicação, ele explicou tudo o que o peixe falou que lhe concederia o que desejasse. A dona não se conformou com o pouco que o marido pediu ao peixe, se ele poderia ter pedido uma casa maior, mais bonita, com três quartos e dois banheiros. Chamou-o de tolo e exigiu que ele voltasse ao mar e fizesse outro pedido ao peixe mágico.

O pobre pescador envergonhado voltou imediatamente ao mar e chamou o peixe que logo apareceu, então, fez lhe o pedido de sua esposa. O peixe sem hesitar realizou seu pedido, o homem voltou novamente para sua esposa e a encontrou com o rosto transtornado, chamando-o de tolo: “Pois se ele podia pedir o que quisesse, então que pedisse um palacete com vários andares, banheiros, piscina e jardim em um condomínio” (p. 30). Mais uma vez o marido retorna ao mar, que já estava muito agitado e chama o peixe, explica o pedido novo de sua esposa e o peixe diz que será concedido.

E assim sucessivamente, a ambição da mulher era infinita, cada vez que seu desejo se tornava realidade, ela mandava o marido voltar ao mar e pedir mais, até chegar ao ponto de querer ter o poder de controlar a chuva que estava lhe impedindo de desfrutar do seu palacete. Então, ela exigiu que o pobre homem

voltasse ao mar e pedisse ao peixe prateado que desse à sua esposa o poder dos deuses.

Dessa vez, quando o humilde homem explicou o pedido da mulher o peixe lembrou-se do seu pedido inicial, que era apenas ser feliz. Assim, o peixe mágico mandou o pescador voltar à sua casa onde encontrou sua antiga casa e sua esposa colhendo verduras que quando o viu correu para abraçá-lo, dizendo-lhe que ia fazer uma salada para comer. Tudo isso como se nada tivesse acontecido e, então, foram felizes para sempre.

Os alunos destacaram a situação em que o casal vivia à espera de algum dia mudar de vida. Situação comum entre a maioria dos casais, terem a esperança de que tudo vai mudar para melhor em algum momento de suas vidas. No caso do pescador e sua esposa, a sorte mudou de repente. Mas a ambição da mulher era tanta que, no final da história, tudo voltou como era antes, e os dois perceberam que não precisavam de muito para serem felizes. Nesse sentido, os estudantes concluíram que a fortuna não trouxe felicidade ao casal e que, na vida real, não deve ser diferente.

Com relação à tolice do protagonista, os aprendizes relacionaram ao litígio o homem fazer tudo que sua esposa pedia sem hesitar. Trazendo para a realidade, eles citaram que existem muitas pessoas que, por algum motivo, vivem na mesma situação do pescador submissas a outra pessoa.

Sobre as características do protagonista, os alunos descreveram-no, como um homem pobre que andava maltrapilho e tinha uma vida infeliz. O pescador vivia apenas da pouca pesca que conseguia, pois não tinha condições de realizar uma boa pescaria, já que não tinha um grande barco para seguir um grande cardume em alto mar. Ainda se sentia envergonhado toda vez que sua esposa o mandava de voltar para fazer novo pedido ao peixe mágico.

Sobre o elemento fantástico da narrativa, os estudantes destacaram o peixe mágico de barbatanas douradas. Por ser um peixe falante, senhor dos deuses e capaz de realizar todos os desejos do pescador e sua esposa, artefato imaginário que foge da realidade, algo impossível de acontecer. Elemento esse, fruto da imaginação e criatividade do autor, típico do gênero conto, usado para entreter e provocar a hesitação entre a realidade e imaginação do leitor.

Com relação ao final da narrativa os estudantes concluíram que, devido à ambição da mulher, o casal não pôde ficar com a riqueza que o peixe lhes

proporcionou. O anseio de querer sempre mais levou o pescador ao seu nível de pobreza inicial com o diferencial dos momentos de felicidade que foi seu primeiro desejo, burlado com as pretensões da esposa. O pescador se deixou levar pela cobiça e expansão da sua alma até o ponto de precisar que o peixe de barbatanas douradas o lembrasse do que realmente importava para ele, que eram os sonhos e os momentos de felicidades com sua esposa.

O terceiro grupo de estudantes trabalhou com o conto “Os músicos de Bremem” (p. 19), também conhecido como “Os músicos Ambulantes”. O conto narra a história de quatro animais que já estavam cansados de servir a seus donos e que por estarem velhos foram desprezados e ameaçados de mortes por eles. Então, os quatro bichos resolveram fugir para cidade de Bremem com o sonho de se tornarem músicos famosos.

No primeiro momento, assim como os grupos anteriores, foi feita uma leitura prévia, em seguida, foi realizada a leitura integral do conto e, depois, a contação oral da narrativa aos colegas da classe. Após esta primeira parte, os alunos foram orientados a seguir com a pesquisa para obter aprofundamento no conhecimento do conto lido e, posteriormente, o resultado foi apresentado na sala de aula para toda turma.

Os alunos fizeram um breve resumo da história, contando que tudo começou quando o burro cansado de ser maltratado pelo seu dono resolveu fugir e consigo carregava um sonho de ser músico e que só teria esta oportunidade na cidade grande. Então, segue viagem rumo à cidade de Bremem, no caminho encontrou um cachorro que passava pela mesma situação de maus tratos, pois já estava velho e não tinha mais as qualidades que agradavam a sua dona. Então, o burro o convidou para seguirem viagem juntos com o intuito de se tornarem músicos famosos, o cachorro sem hesitar aceitou o convite.

Mais adiante, o burro e o cachorro avistaram uma gata infeliz e abatida, também ameaçada de morte por não conseguir mais ficar correndo dentro de casa atrás dos camundongos. Os bichos a convidaram para compor a banda que se formava, nada poderia ser melhor que música. Os três animais seguiram em direção aos seus destinos. Pouco depois, ao passarem pelo pátio de uma fazenda, viram o galo empoleirado no portão que também estava com seus dias contados. Viraria uma bela canja para alimentar os convidados de sua dona. Uniram-se os quatro animais e junto foram para Bremem.

O caminho seria muito arriscado, os bichos não imaginavam que encontrariam uma gangue de perigosos ladrões teriam que se unirem para juntos colocarem os embusteiros para correr e desocupar a casa para eles se alimentarem e descansar. Assim fizeram os animais, conseguiram se livrar da emboscada e ali mesmo os músicos resolveram ficar morando até os dias de hoje.

Os estudantes refletiram sobre a questão do texto não apresentar muitos momentos da banda, mas se divertiram com o final da história quando cada bicho, usando sua técnica específica, botou o ladrão para correr desesperado e contando aos seus compassas que na casa havia uma bruxa horripilante que tinha lhe cuspidado e arranhado seu rosto com dedos longos e ossudos; um homem com uma faca na mão escondido atrás da porta e que esfaqueara sua perna; um monstro odioso no pátio que lhe acertara uma porretada; e um demônio pousado no alto da casa gritando “Atirem o tratante p’ ra cá!” (p. 21).

Sobre as características dos personagens, os alunos citaram um jumento desempregado, um cão meio velho, um galo sem esperança e uma gata velha, e cansada. Todos considerados inúteis pelos seus donos, mas foram motivados pelo burro a serem músicos. Os bichos demonstram persistência e coragem, pois foram capazes de vencer obstáculos e realizar seus sonhos na vida.

A respeito do elemento fantástico da narrativa, o grupo falou dos animais capazes de pensar, falar, agir e lutar como humanos para realização de seus sonhos na vida. A narrativa apresenta quatro personagens distintos e heróicos que vencem as dificuldades, são de lugares diferentes, fazem amizades e vencem juntos às dificuldades. O conto possui artefatos que entretém e diverte o leitor, principalmente, o público infantil.

Instigados sobre o que mudaria no final da narrativa o grupo por unanimidade disse que finalizaria a história com um momento em que os músicos se apresentassem em um show para toda bicharada, onde houvesse de fato a efetivação da realização dos sonhos dos animais fantásticos, pois na história não há num momento em que eles se apresentam como músico não se sabe se realmente se tornaram músicos.

Todas as atividades foram realizadas com ênfase nas quais os alunos demonstraram interesse e dedicação no envolvimento e participação nos trabalhos propostos o que foi muito proveitoso e enriquecedor para o conhecimento de todos os envolvidos. Dentre todos os alunos, alguns dos componentes dos grupos não se

dedicaram muito nas pesquisas extraclasse, mas a maioria não deixou a desejar, e mesmo não participando efetivamente das investigações, instigados na sala de aula durante as apresentações, esses alunos participaram ativamente das discussões.

As discussões geradas acerca dos textos lidos deixaram os alunos desinibidos para contar sobre o que leram e também para ouvir os colegas, dessa forma, eles puderam relatar suas experiências, interagindo com os outros grupos e com os próprios textos. Depois da leitura e do reconto, os alunos foram instigados a identificar nos contos, o tipo de linguagem, qual a finalidade do gênero, elementos da narrativa, entre outros.

A participação dos estudantes nas atividades propostas foi usada como objeto de avaliação dos trabalhos cumpridos. Isso ocorreu de forma individual e coletiva, proporcionando aos próprios alunos a oportunidade de se autoavaliar e avaliar o desempenho do colega de forma dinâmica.

Figura 3: Roda de contação



Fonte: Elaborada pela autora

4.5.3 Atividade 3 – Roda de escuta das histórias contadas pelos moradores da comunidade

Em posse de conhecimentos sobre a coleta feita pelos Irmãos Grimm, de relatos de camponeses da Alemanha, propôs-se aos alunos que também colhessem histórias contadas por moradores da comunidade local e as usassem como recurso para suas produções escritas. Isso foi fundamental para a efetivação dessa proposta. Ao final da pesquisa, cada aluno tinha que apresentar uma produção escrita de sua autoria que adaptasse um conto proveniente da oralidade.

Nessa atividade foi possível perceber o grande interesse dos alunos na participação nas ações desenvolvidas na proposta. Os aprendizes foram levados à casa de um senhor, conhecido por todos pelas suas histórias baseadas em suas experiências e em elementos imaginários. Este homem inclusive é tachado de “O grande mentiroso”, por causa da criatividade em acrescentar elementos fantásticos às histórias durante uma conversa com outra pessoa. E assim foram organizadas rodas de escuta das histórias do senhor “mentiroso”.

Em outro momento, mais um senhor que gostava muito de contar suas aventuras foi convidado para ir até a escola e compartilhar com a turma suas peripécias da juventude. Essa ação de sair do espaço escolar para ir até a casa do morador e depois trazer para esse mesmo espaço outro morador foi muito motivadora e divertida para os alunos. Além das narrativas contadas pelos dois senhores citados anteriormente, os alunos também puderam captar outras histórias de seus parentes ou conhecidos, o que rendeu recursos excepcionais para o desenvolvimento desta proposta em sala de aula.

Essa atividade foi realizada com o intuito de conseguir recursos orais para a efetivação da atividade de produção escrita dos estudantes. Para isso foram criadas possibilidades para que o aluno encontrasse um objeto significativo para sua obra. Durante a escuta, os ouvintes puderam gravar ou escrever a essência das narrativas contadas para depois trabalharem na composição dos textos. Na ocasião, foram contadas várias histórias, entre elas foi escolhida aquela que mais agradava cada um para ser usada como recurso na sua produção final.

Figura 4: Roda de contação



Fonte: Elaborada pela autora

4.5.4 Atividade 4 - Escrita

Na atividade de produção escrita foi solicitado aos alunos para escrever, individualmente, um conto baseado na história colhida na roda de escuta com os moradores da comunidade. No entanto, antes da produção final, cada aluno escreveu a história da forma que ouviu, conservando todas as marcas da oralidade dos contadores, marcas estas de pessoas pouco instruídas.

Essa primeira escrita teve o objetivo de leva o aluno a perceber a diferença entre a oralidade e a escrita; entre a linguagem coloquial (informal) e a dita culta, que segue as normas da língua padrão (formal). Com isso, os estudantes puderam compreender que a linguagem informal é composta de marcas de oralidade, como gíria, abreviações, erros de concordâncias e expressões pouco prestigiadas entre os letrados. Enquanto a linguagem formal é usada nas produções escolares, em textos acadêmicos, científicos, documentos oficiais, etc.

Após essa primeira escrita, foi realizada uma mesa redonda para apresentação e leitura das histórias conforme foram relatadas, preservando todos os

detalhes da linguagem usada pelo contador. Foi um momento de muita interação, aprendizado e diversão para os alunos, pois as histórias eram muito engraçadas. Nesta atividade, os aprendizes demonstraram interesse e motivação para escreverem seus contos para produção final.

Figura 5: Mesa redonda



Fonte: Elaborada pela autora

Antes de partir para produção final, os alunos tiveram toda a orientação sobre os elementos textuais necessários em um texto. Como exemplo, coesão, coerência, conectivos, pontuação, assim como os elementos específicos do gênero conto, início, desenvolvimento, clímax e desfecho, além do tempo, espaço, personagens, cenário da trama etc. Contemplando assim, os conteúdos da grade curricular exigidos pelo sistema educacional do qual os alunos fazem parte.

Durante a orientação desta atividade foram esclarecidos alguns aspectos na produção de um texto a que os alunos precisariam se atentar: quem escreve o texto, para quem está escrevendo (qual público será alvo dessa leitura), sobre qual assunto e com que objetivo. Isso foi muito importante para levar o aluno a pensar na sua escrita, antes, durante e depois. Assim, os estudantes tiveram a oportunidade de aprender a planejar seu texto antes de escrevê-lo, pois para se ter um bom resultado, o planejamento faz-se necessário em qualquer atividade.

No decorrer da produção escrita dos textos, foram organizados momentos de tirar dúvidas com relação à estruturação do texto, à pontuação, ortografia, concordância e às questões gramaticais de forma geral. Com isso, os alunos puderam ampliar de forma expressiva seus conhecimentos relacionados ao uso da língua na construção de texto os orais e escritos. Houve ainda, espaço para atendimento individual com cada aluno para releitura, análise de coerência e possíveis alterações na escrita do texto. Momento singular para versão final de cada texto. Veja fotos abaixo.

Figura 6: Atendimento individual



Fonte: Elaborada pela autora

Figura 7: Atendimento individual



Fonte: Elaborada pela autora

Após a escrita do texto, foi proporcionado um momento para que todos os estudantes lessem para os colegas o conto produzido por eles e depois dessa atividade, o texto foi entregue à professora. Dessa forma, toda a turma teve a oportunidade de ouvir e conhecer todas as histórias produzidas por cada um. A turma era composta por 18 alunos, ao final, tivemos 19 textos produzidos, pois a empolgação era tamanha que uma aluna escreveu dois textos que ficaram ótimos, assim como todos os outros contos. Contudo, os trabalhos finais foram um sucesso.

A avaliação dos trabalhos ocorreu com base na participação e no empenho de cada aluno nas atividades desenvolvidas em todas as etapas da proposta. E também no resultado de cada produção, observando a estrutura, conforme a de um conto, presença de um início, um desenvolvimento, clímax e desfecho, na coesão e coerência na escrita, ortografia, na criatividade e originalidade de cada texto. Segue abaixo três textos produzidos pelos alunos.

Texto I

O menino e o Padre

Em uma fazenda que tinha como proprietários um Padre, morava um casal com dois filhos. Seu Juvenal era vaqueiro da fazenda há muito tempo, cuidava do gado e de toda criação.

Certo dia sumiu uma vaca branca do pasto da fazenda, ou melhor, o seu Juvenal e dona Amélia sua esposa a mataram para dar comida a seus filhos. Pegaram a vaca e mataram na beira de um córrego, levaram toda a carne pra casa. Os dois meninos não sabiam de nada, pois eles haviam ficado em casa. Joãozinho, o filho mais velho, ficava sempre prestando atenção às conversas dos pais.

Dias depois o Padre chegou na fazenda e logo sentiu falta vaca branca. Curioso pra saber o que tinha acontecido com a vaca perguntou:

- Seu Juvenal cadê aquela vaca branca?

- Seu Padre, já faz uns dias que não a vejo, eu acho que a onça comeu ela.

Disse seu Juvenal.

O padre ficou desconfiado e dormiu na fazenda naquele dia. Logo que anoiteceu todos foram jantar e depois se acomodaram pra dormir. O casal mandou o filho mais velho colocar o outro mais novo pra dormir. O menino deitou o irmão na rede e com sua inocência começou a cantar:

“A vaca branca que papai matou, matou no mato e lá mesmo tratou, nós estava com fome e ela acabou.”

O Padre ouviu toda a cantoria do garoto. No dia seguinte foi falar com o menino:

- Joãozinho você pode cantar essa música bonita na missa de ação de graça que irei celebrar hoje no final do dia?

- Sim seu Padre, eu posso.

Então o Padre passou o dia todo andando e convidando a vizinhança para a missa que ia acontecer na sua fazenda. Joãozinho ficou preocupado, sua mãe desconfiou e conversou com o menino antes da celebração.

O Padre fez a reza, antes das bênçãos finais, o padre anunciou:

- O filho do meu vaqueiro irá cantar uma música, quero pedir que todos prestem atenção, e acreditem crianças não mentem.

O menino começou a cantar:

“Seu Padre deitou com mamãe, Papai não pode nem sonhar, se não a pisa é pra danar.”

Quando o Padre começou a ouvi a música ficou de toda cor. Logo disse:

- Mentira, seu filho da peste!

E o menino respondeu:

- Mentiroso é o senhor que falou que criança não mente.

Autora: Aluna L

Profª. Ironeide Lopes Cavalcante

Nesse texto a autora consegue retrata a vivência de um casal que aparenta não ter fartura para alimentar seus dois filhos e acaba cometendo um delito ao matar a vaca do patrão sem permissão e tenta esconder a verdade sobre o caso, o que depois é denunciado pelo filho mais velho, pela música de “ninar” ao colocar o irmão para dormir.

O texto nos revela a cultura local do espaço onde vivem a família. Com a presença da religiosidade representada pela a figura do padre, pode-se compreender que se trata de uma comunidade que tem o hábito religioso. Porém, no decorrer da narrativa o padre se coloca em uma situação de constrangimento ao usar a criança para expor em público, durante a missa o feito do casal, momento que fica evidente que a criança ao observar os hábitos da mãe e do pai, desenvolveu a mesma característica de ser mentiroso.

Embora a linguagem predominante na narrativa seja a formal, é possível perceber que existem marcas da oralidade em alguns trechos, como por exemplo, nos trechos seguintes: “eu acho que a onça comeu ela”, fala do pai ao querer justificar o sumiço da vaca, “a pisa é pra danar”, expressão do menino na música inventada por ele par denegrir a imagem do sacerdote durante a missa, “Seu filho da peste!”, fala do padre ao se surpreender com a música do garoto cantada na Igreja. A história se passa na fazenda, que tem como proprietário o padre e no segundo momento, na Igreja durante uma missa. O narrador é observador e o texto é marcado também pelo discurso direto entre os personagens destacado pelo uso de travessões. O conto se classifica como facécias, pois existe uma constante psicológica na imprevisibilidade na fala da personagem do menino.

Figura 8: O grito misterioso



Fonte: Elaborada pelo autor

Texto II

O grito misterioso

Em uma floresta á beira do Rio pau seco, havia uma casinha de palha que morava uma senhora chamada Susan, que tinha um casal de filhos, Marcos e Cláudia. Em um dia pela manhã, Susan chamou seus filhos e disse:

_Marcos e Cláudia, hoje nós vamos á uma missa do outro lado do rio, quero vocês dois prontos às 6 horas da tarde.

_Mãe, como vamos atravessar com o cavalo é o jumento? Perguntou Cláudia.

_Minha filha, o Rio é estreito, e está raso, vamos passar sem problemas. Disse Susan.

Marcos não questionou nada naquele momento.

Quando chegou o fim da tarde, saíram pra ir à missa. Claudia como era a mais velha foi sozinha no cavalo, Susan e Marcos no jumento. Pararam para abrir um colchete, logo quando passaram já viram o Rio, de repente Susan escuta um grito estranho distante, mas continuou. Quando estavam no meio do Rio, Susan escuta o grito novamente mais alto e bem próximo, os animais começaram a ficar assustados, Susan desce do jumento e disse:

_Fiquem perto de mim crianças.

_Mãe o que foi isso? Que grito é esse? Perguntou Marcos.

Meio abalada com que escutou, respondeu Susan:

_Deve ser um corujão filho. Vamos voltar pra casa agora.

Susan e as crianças deram meia volta, quando chegaram perto do colchete novamente para abri-lo, o grito voltou a assustá-los, parecia estar bem próximo, o jumento começou a berrar, Marcos o mais novo se apavora, dizendo:

_Mamãe, Socorro o bicho vai me pegar!

Susan já nervosa acalma seus filhos, montaram nos animal e saíram rapidamente.

Chegaram em casa, por volta das 9 horas da noite, as crianças muita curiosas e nervosas, perguntaram Susan o que era aquilo, ela responde:

_ Crianças, aquele grito não era um corujão, eu e outras pessoas já havíamos escutado o grito. Porém, meus pais, avós de vocês, já tinha me contado que aquele grito misterioso é de um tipo de lobisomem, mas que atrás de muitos pelos existe um índio velho.

_Ó Deus, nunca mais quero andar por esses matos. Disse Marcos.

_E eu também Não. Disse Claudia.

No dia seguinte Susan sai bem cedo pra ir até o colchete ver até onde aquele bicho os seguiu. Quando chegou lá, ver as pegadas no pé do colchete e suspira fundo, quando ela vira pra voltar pra casa, dar de cara do o bicho peludo misterioso,naquele momento ela se apavora, não sabia o que fazer,de repente o animal seguiu em direção a ela. Susan ficou sem reação, começou a gritar e o bicho também gritava. Quanto mais ela gritava, mais bicho gritava junto com ela, parecia uma competição de grito mais feio, ele foi se aproximando cada vez mais e ela parada sem reação, foi aí que ela percebeu que bicho era um ser inofensivo á procurar de seu hábitat natural, pois aquele em que vivia, era perseguido por caçadores.

Autora: Aluna S

Profª. Ironeide Lopes Cavalcante

A narrativa começa situando o local onde vive os personagens, Susan e seus dois filhos. Na primeira fala mãe se percebe o espaço de tempo em que ocorrem as cenas, a menina demonstra preocupação na travessia dos animais ao Rio. O narrador vai situando os fatos ocorridos, durante a viagem. No meio do

percurso acontece algo inusitado, o grito misterioso, que se repete deixando a família muito assustada a ponto de interromper a ida e resolvem voltar para a casa. O grito vai ficando cada vez mais perto o que provocou o desespero do filho mais novo, expressado no pedido de socorro, a mãe tentou acalmar os filhos até que conseguiram chegar à casa, sem identificarem o que estava produzindo os gritos.

Somente quando chegaram à casa, Susan resolve contar aos filhos o que, segundo seus antepassados lhes tinham contado, o que seria de fato, o que estava gritando no meio da floresta. No dia seguinte, a mulher resolveu ir até o colchete ver até onde o bicho tinha os seguido, quando chegou ao local foi surpreendida pelo monstro peludo, mas que ao final de toda a situação ali vivida ela descobriu que o bicho era apenas um ser inofensivo e assustado com medo de caçadores.

Como podemos observar, há na narrativa a presença de elemento mágico que provoca toda uma situação de medo vivido pela família. Embora, predomina a linguagem formal, há marcas da oralidade nas falas das personagens. O narrador é observador e progressivamente vai contando os fatos ocorridos na trama, o que nos remete o entendimento do predomínio do discurso livre, embora percebe-se também a presença do discurso direto marcado pelos travessões destacando a fala das figuras notáveis. Por possuir um ser encantado no figura do bicho grande e peludo, o conto pode ser classificado como facécias.

Texto III

História de pescador

Naquele tempo eu tinha 12 anos de idade, fiz uma viagem com o senhor Ananias lá para Babaçulândia, nós lanchamos na barra do corrente, uns homens foram pescar e voltaram correndo, disseram que tinha aparecido uma visagem e correu atrás deles, coisa e tal...

Ananias virou pra mim e disse:

__ Rapaz vamos lá ver esse bicho?

__ Vamos. Eu afirmei

Então fomos pescar no mesmo remanso, preparamos uma linha com isca e jogamos na água. Veio um velho morador e disse:

__ Vocês pescando neste remanso? Aqui tem um peixe que todo pescador que vem aqui ele come, agarra na linha e arrasta o pescador pra água e engole-o,

esse peixe é muito grande, ninguém nem pesca mais aqui! Vocês não são daqui, pois eu não conheço vocês...

___ Não, nós não somos daqui. Eu disse.

___ Então, saiam fora daí, se não o peixe come vocês! Exclamou o homem.

___ Mas eu não vou entrar na água!

O homem continuou:

___ 15 dias atrás tinha um pessoal fazendo uma mudança da Barra do Corrente para a Barra das Arraias, e quando estavam atravessando o rio de uma Barra pra outra, o peixe os atacou no meio do rio. Eles iam levando o resto da mudança, então pegaram algumas cadeiras e jogaram na água e o peixe engoliu, jogaram um cacho de banana o peixe engoliu, jogaram um porco o peixe engoliu, iam levando um bebo com um saco de pinga, jogaram o saco de pinga o peixe engoliu, jogaram uma mesa peixe engoliu, a canoa alagou o peixe engoliu os dois homens e o bêbado.

Então eu perguntei:

___ E esses homens não apareceram mais?

___ Não, o peixe engoliu tudo. Afirmou ele.

Então Ananias falou:

___ Vamos pegar esse peixe!

Nós fomos ao Estreito, chegamos lá, fomos a um ferro velho, conseguimos 20 quilos de ferro e mandamos fazer um anzol, encastoar num cabo de aço colocamos na canoa e pegamos os remos. Passamos em uma fazenda, nos encontramos um cavalo velho magro estava preso, nos compramos o cavalo, quando chegamos e Ananias disse:

___ Segura o cavalo!

Segurei e disse:

___ Pode iscar o cavalo.

Ele enfiou um anzol bem na sangria dele que a ponta saiu bem no pé do rabo, empurrou o cavalo velho na água, e veio o banzeiro de lá de pra cá, amarrou o cabo de aço numa árvore muito antiga, então saímos de perto e fomos para a fazenda. De manhã chegamos na beira do rio o peixe estava morto boiando.

Eu disse:

___ E agora? Um peixe desse tamanho como vamos puxar para fora?

O Antônio disse:

__ Vai buscar aqueles homens na fazenda pra nós ver se damos conta!

Chamei os camaradas, chegaram aquele magote de homens, um deles disse:

__ Um peixe desse tamanho precisa partir pra tirar as roletas pra rola pra fora se não ninguém consegue tirar.

Quando partiram o peixe, estavam os três cabras dentro sentados na mesa bebendo pinga, tirando gosto com banana e jogando as cascas para o porco.

Autor: Aluno G

Profª. Ironeide Lopes Cavalcante

No **início** da narrativa o autor personagem identificou sua idade, a viagem que realizou na companhia de seu Ananias, falou ainda o que fizera na beira Rio o que nos leva a entender que como se trata de uma história de pescador, a viagem aconteceu de barcos. Embora, seja um parágrafo muito vago nas colocações do personagem, ele apresenta um acontecido extraordinário que é o aparecimento da visagem vista pelos pescadores.

Os dois viajantes, demonstrando muita coragem, resolveram ir pescar no mesmo local para ver o bicho que assustou os outros pecadores. Quando estavam no remanso com a linha na água, aparece um senhor de idade avançada, certamente na margem do Rio, e admira a coragem dos dois, advertem do perigo que ali existe e lhes contou o motivo. Os dois pescadores insistiram em continuar ali.

O velho senhor começou a contar o havia acontecido no exato local há 15 dias. Com o relato do homem, os dois desafiaram a pegar o peixe gigante, foram a uma cidade mais próxima e conseguiram tudo que precisavam para pegá-lo, Retornaram para o local do perigo e montaram a armadilha. Imagina-se que isso aconteceu no final da tarde, logo no dia seguinte pela manhã, eles voltaram à beira do Rio e avistaram o grande peixe fisdado no cabo de aço, o animal era tão enorme que precisaram de muita ajuda para abatê-lo. Quando conseguem, têm a surpresa que revelada ao final da trama.

Nesse texto, percebe-se a predominância da linguagem informal nas falas dos personagens marcadas por expressões como: “coisa e tal...”, “Rapaz vamos lá ver esse bicho?”, “os três cabras”, dentre varias outras expressões contidas na narrativa. Assim como também, as reticências e toda a pontuação que marca a oralidade na fala das figuras dramáticas. Nesse conto, temos a presença de um narrador personagem que participa de toda a trama, tendo como foco narrativo a

primeira pessoa. Essa narrativa também se classifica como fábulas por existir um ser sobrenatural na figura do peixe gigante devorador de tudo.

Todos esses textos são frutos da recolha de histórias contadas pelos moradores da comunidade, realizada pelos alunos que são os autores dos mesmos, assim como os demais textos que seguem em anexos nesta dissertação. São textos que enquadram dentro do gênero Conto Popular, com temáticas referentes a cultura local e de cada contador. Embora, alguns dos textos não se caracterizem totalmente ao gênero trabalhado nessa proposta, todos foram de suma importância para o aprendizado de cada aluno participante da pesquisa. Pois, sabemos que a totalidade com excelência é impossível diante do contexto de todas as escolas, em decorrência da cultura e a desigualdade de classes sociais das quais os estudantes fazem parte, principalmente os de escolas públicas.

4.5.5. Atividade 5 – Gramática

Na parte gramatical foram trabalhados os conteúdos compostos na grade curricular da escola. Dentro da proposta foram ministradas aulas explicativas sobre concordância verbal e nominal; o uso dos conectivos utilizados como elementos produtores de sentidos. Nessa oportunidade, foi solicitado que os alunos relessem o conto escrito e identificassem os conectivos usados por eles no texto e que os substituíssem por outros, a fim de o sentido permanecer o mesmo, haja vista que a realização deste critério incitava que a professora reconhecessem se os alunos entenderam o que são os conectivos e, principalmente, sua função no texto.

Além disso, foi bastante trabalhada a questão da pontuação e sua importância na produção de textos tanto orais, como escritos. Para aprenderem na prática foi solicitada aos alunos a escrita de uma narrativa curta sem concordância, sem uso de conectivos e sem pontuação, para mostrar a eles que o texto ficará com o entendimento comprometido sem o uso destes recursos. Após essa técnica foram utilizadas também as narrativas escritas na versão de cada contador da forma que o aluno escrevera, sem concordância, sem uso de conectivos, sem pontuação adequada e expressivamente a repetição do famoso “Ai”.

Com esse trabalho, os estudantes puderam entender de forma prática e proveitosa todos os conteúdos estudados e utilizados nas produções de seus textos. Aprendizados estes que carregarão por toda vida e, sem dúvida, se tornarão

melhores que antes, pois, quando a nossa prática em sala de aula é voltada para aquilo que interessa ao aluno, também se torna mais fácil atraí-lo para a participação ativa nas atividades desenvolvidas.

4.5.6 Atividade 6 – Dinâmica (Dramatização)

Nessa atividade os alunos demonstraram ansiedade, pois teriam que apresentar o resultado de seu esforço nas atividades desenvolvidas na proposta, para toda comunidade escolar. Este foi o momento de cada aluno trabalhar individualmente na preparação da dramatização do seu conto. Devido ao fato de alguns estudantes apresentarem muitas dificuldades em dramatizar ao vivo, foram sugeridas duas formas de apresentação; assim, poderiam gravar vídeos, e áudios ou dramatizar para o público presente.

Muitos preferiram fazer os vídeos e outros apresentaram diretamente à plateia. Então, os alunos que decidiram fazer vídeos, gravaram áudios, alguns fizeram os próprios desenhos para representar suas histórias, selecionaram imagens da internet etc. Os vídeos foram criados pelos alunos com aplicativos e apoio da professora e de uma coordenadora da escola. Os que resolveram fazer a dramatização prepararam-se como manda o figurino, organizaram suas fantasias e prepararam a verbalização e tudo a caráter de contação de história, realizaram um trabalho lindo. Veja abaixo fotos das apresentações.

Figura 9: Apresentação



Fonte: Elaborada pela autora

Figura 10: Apresentações



Fonte: Elaborada pela autora

Antes das apresentações foi realizado um trabalho para estudo sobre como trabalhar a fala, as expressões corporais, entonação e altura da voz, postura etc. Foi exibido o vídeo “Coletânea de dramatizações – A desejada das gentes e outros contos – Machado de Assis” (Youtube), para os alunos entrarem no clima e pensarem em como iriam dramatizar. Ainda foi sugerido que eles assistissem a outros vídeos de interpretação/dramatização. Isso fez com que cada estudante melhorasse seu comportamento na hora das exposições.

Foram confeccionadas vestimentas dos personagens contadores de histórias (aluno), e marcados ensaios extraclasse para todos se prepararem antes da apresentação no pátio da escola para comunidade escolar, incluindo os contadores das histórias da comunidade que contribuíram para a realização das escritas dos alunos. Estes foram convidados não somente para assistirem às apresentações dos alunos, mas também, para comentar a reprodução de suas histórias e contribuir para o processo avaliativo final de todos os textos escritos.

5. ANÁLISE DOS RESULTADOS E CONSIDERAÇÕES FINAIS

No discurso da proposta de intervenção desenvolvida a partir do mês de agosto do ano de 2019, com a turma do 9º ano do Ensino Fundamental, obtivemos um resultado muito promissor. Essa proposta buscou oferecer possibilidades aos participantes de desenvolver suas habilidades de leitura por meio de leitura e escrita de contos. Isso mostrou que a literatura infantojuvenil no ensino de leitura e escrita no processo de ensino e aprendizagem de Língua Portuguesa é essencial para a aquisição do saber dentro do espaço escolar.

Durante o desenvolvimento da proposta foi observada a evolução de cada aluno. Eles foram submetidos o tempo todo à leitura de textos em roda de conversa na sala de aula ou extraclasse. Além dos contos que foram estudados e analisados pelos grupos de alunos, todos os outros contos do livro “Contos de fada dos irmãos Grimm” (Grimm e Jacob, 2005) foram lidos pela turma, além de outros.

No início do estudo, alguns alunos demonstraram resistência para as atividades de leitura, de escrita dos textos e exposição dos trabalhos. Eles alegavam que não davam conta de falar na frente dos colegas e não conseguiam escrever um texto como estava sendo sugerido. Isso foi percebido em comentários como o seguinte:

Aluno D “Não adianta professora eu não consigo ir à frente falar para os outros”.

Esse aluno realmente quando ia para frente travava e não conseguia falar, começava ficar vermelho, suando e agoniado, tinha que voltar para sua carteira para se acalmar. Então, comecei solicitar que falasse de sua carteira, percebi que ele não ficava tão nervoso quando não o chamava para frente, mesmo assim no meio de sua fala, ele parava e não dava conta de continuar, tínhamos que deixá-lo se acalmar e ajudá-lo com a continuação. Houve ainda outros comentários como:

Aluno F: “Eu não vou fazer esse texto vou ficar sem nota e não estou nem aí!”

Aluno G: “Professora tem como eu não participar desse projeto?”

A partir daí, comecei a organizar as apresentações com a turma em forma de mesa redonda, todos sentados em suas carteiras em volta da mesa, na tentativa de deixá-los mais confortáveis. Depois de muitas práticas de leitura e compartilhamento

do que foi lido entre os colegas, muito diálogo com esses alunos, eles começaram a desenvolver seus potenciais e melhoraram radicalmente o comportamento, e a forma de agir com relação às atividades aplicadas. Mesmo com dificuldades, eles demonstraram interesse em participar dos trabalhos. Foi um trabalho árduo, mas gratificante.

Pudemos perceber este resultado nos comentários seguintes obtidos com os depoimentos finais dos alunos depois da conclusão das atividades:

Aluna A: "Com esse projeto eu consegui aprender muito, melhorei minha leitura e principalmente a escrita fui capaz de escrever um conto. Aprendi a questão das concordâncias verbais, aprendi a usar os conectivos pra ligar as partes do texto, porque eu só usava o aí, entendi que isso a gente só deve usar na linguagem falada, na escrita não. Percebi que a leitura dos vários textos que li me ajudou muito na escrita do meu conto, porque eu fui observando a diferença da fala do narrador e dos personagens."

Com a declaração desta aluna, constatamos que houve aprendizado sobre os conteúdos do currículo escolar. Também o nível de leitura e escrita foi aperfeiçoado por meio das atividades realizadas com a turma. Os alunos deram depoimentos positivos com relação ao enriquecimento do conhecimento depois dos trabalhos desempenhados. Vejamos outros depoimentos.

Aluno B: "Professora, essa forma que senhora trabalhou com nós foi muito boa porque eu conseguir superar um pouco do meu medo de falar na frente para os colegas, eu consegui escrever um conto, pensei que não seria capaz. Aprendi que em um conto nós temos que usar verbos no passado porque é uma historia que já aconteceu."

Esse aluno, assim como outros, no início das atividades apresentava muita dificuldade para se expressar em público e lia com muita lentidão, ele demonstrou um aperfeiçoamento significativo na leitura e produziu um texto muito bom.

Por sua vez, a aluna C tinha muito dificuldade de leitura, lia soletrando e tinha de muita vergonha de compartilhar leitura com medo do que os colegas iriam falar.

Aluna C: "Eu tinha muita dificuldade pra ler um texto, mas depois que li os textos que foram passados pra nós ler aqui na sala e em casa eu consegui melhorar muito. E o texto, professora, que escrevi? No começo sinceramente, eu achei que nuca ia dar conta, mas com suas orientações eu consegui. Muito obrigado professora!"

Durante o desenvolvimento da proposta ela chegou a dizer que queria e precisava melhorar e pediu indicação de livros para ler em casa. Então, eu fiz Xerox de todos os contos do livro “Contos de fada dos irmãos Grimm” (Grimm e Jacob, 2005) e dei para ela. Em mais ou menos dois meses ela nos surpreendeu com a velocidade da leitura que fez em uma roda de leitura. Ela estava lendo muito bem, os colegas ficaram impressionados e ela se encheu de orgulho. Depois disso, ela nunca mais teve vergonha de ler para os colegas, começou a pegar livros na biblioteca, constantemente. Isso foi muito gratificante. A respeito da aluna D

Aluna D: “Foi muito bom participar das atividades do projeto, ler um monte de textos bons, ir à casa dos moradores ouvir um monte histórias engraçadas e o melhor escrever um conto baseado nessas histórias, deu até vontade de escrever mais, por isso escrevi dois contos e acho que vou escrever mais.”

Podemos perceber pelo depoimento a empolgação da aluna com seu processo de escrita. Ao final das atividades, ela apresentou dois contos, além do texto das histórias selecionadas na sala, ela colheu outra com seu avô e, seguindo o mesmo roteiro, escreveu a outra narrativa que juntamos à coleção, e o que foi mais interessante foi que outros alunos ficaram um pouco enciumados com comentários do tipo: “Nossa professora, e só ela vai ter dois textos?”. Então, eles foram orientados a não parar de escrever e continuar criando narrativas e, de repente, no futuro, publicarem um livro de textos próprios. Ficaram empolgados com ideias.

Aluna E: “Professora só quero te agradecer por tudo, por você ter me ajudado a vencer minhas dificuldades, eu não imaginava que ia conseguir escrever esse texto, eu acho que ficou bom, eu aprendi muito com esse projeto que a senhora fez com nossa turma.”

Aluna F: “No começo eu não queria participar desse projeto, mas não teve jeito, a professora não desistiu de me ajudar a ler os textos e me ajudou a escrever um texto, depois comecei gostar de participar das atividades, foi muito bom!”

Percebemos no depoimento destes alunos o quanto eles estavam necessitados de um trabalho diferenciado na sala aula para que houvesse motivação para participar das atividades escolares, eram alunos que não queriam participar de suas obrigações como estudantes, que não se preocupavam em realizar as atividades nem mesmo em ficar sem notas. Alunos estes, que só estavam precisando de um olhar diferenciado por parte do professor. Não foi fácil conseguir

que se interessassem pelas atividades, mas como envolvia sair da sala para ir à casa dos moradores, bem como trazer convidados para contar histórias, entre outras ações, como encontros, no pátio da escola, sentados em círculo para avaliar o andamento dos trabalhos, momentos de diálogos com lanches especiais, tudo isso contribuiu para a conquista desses alunos.

Aluno G: “Foi muito bom participar das leituras, mesmo eu tendo dificuldade gostei muito porque eu melhorei pra ler e também conseguir escrever um texto com a ajuda da minha professora. Ela foi muito boa, não me deixou ficar sem fazer. Obrigado professora!”

Depoimentos como estes permitem perceber que houve transformação na vida dos alunos, falaremos mais sobre isso nas considerações finais. O aluno G não queria participar no início das atividades sugeridas, ele precisou de um olhar diferenciado para evoluir na produção dos trabalhos e ter um resultado de sucesso. Sucesso este, que podemos perceber no seu relato anterior. Seguiremos com o depoimento da aluna H.

Aluna H: “Eu gostei muito de participar do projeto porque é uma forma de aprendermos mais sobre os conteúdos da escola de forma diferente que não esquecemos mais, como as concordâncias dos verbos que usamos nos contos, a pontuação, os conectivos do texto, os tipos de discursos e também como escrever um conto.”

Mais um depoimento que nos mostrou a eficiência da leitura de textos literários na contribuição para ensino de Língua Portuguesa, neste caso, efetivado com o estudo aprofundado do gênero conto. Os relatos dos alunos foram unânimes quanto à satisfação em ter participado das atividades aplicadas na proposta de intervenção pedagógica desenvolvida nesta pesquisa.

A proposta de trabalho com o uso da literatura infantil foi desenvolvida com os alunos de 9º ano do Ensino Fundamental e concluída com um resultado satisfatório. Como podemos perceber, há eficácia de se desenvolver trabalhos voltados para o estudo com textos literários na prática em sala de aula. Pois é uma forma de potencializarmos nossa prática pedagógica e obtermos resultados mais promissores nos nossos trabalhos do dia a dia com alunos.

Estimular os alunos a desenvolverem seu potencial leitor, por meio da prática de leituras literárias na sala de aula é possível e rende implicações incríveis no processo de aprendizado, pois a leitura é a ponte entre o aluno e o

conhecimento. Podemos dizer que ela une o indivíduo a seus objetivos de aprendizagem necessários para uma boa convivência em sociedade. Diante deste contexto, podemos aqui citar Vygotsky (1984), com sua teoria da zona de desenvolvimento proximal que caracteriza o desenvolvimento mental prospectivamente. Para ele, há uma diferença entre aquilo que aluno já sabe e o que ele ainda pode saber. Então, podemos afirmar que a leitura promove o avanço cognitivo para que ele consiga atingir o nível de conhecimento mais avançado possível.

O processo de dramatização dos textos lidos na sala de aula foi muito importante para ajudar o aluno a aprender controlar seus medos e ansiedades na hora de se expressar em público. Tendo em vista que, inicialmente, os estudantes tinham receio de falar para os colegas, conseguiram superar por meio da exposição dos trabalhos, seus medos e conseguiram se expressaram nas apresentações das histórias para toda comunidade escolar. Percebemos o potencial do trabalho com a literatura no processo de ensino da leitura e da escrita da língua materna.

O reconhecimento da importância da Literatura na sala de aula e respectivamente dentro da escola é de extrema importância. Isso porque a literatura é a única forma de inclusão social em plenitude, só quem participa do contato com a leitura ativa pode ter essa dádiva de viver e conviver de forma a contribuir para o desenvolvimento de uma sociedade melhor.

Então, quando colocamos o aluno em contato com textos literários dos mais diversos gêneros estamos proporcionando a ele uma vida melhor. Por isso, mesmo diante da resistência deles, devemos buscar uma forma de cativá-los. É nesse momento que precisamos lutar com todas as armas do conhecimento para atingir o nosso alvo, o aluno, e trazê-lo para o nosso campo de batalha que é o contexto da sala de aula.

Nessa pesquisa uma das estratégias fundamentais foi a proposta de produção de conto baseado em histórias contadas por moradores. Esse foi um dos motivos que contribuiu para que os alunos participassem com entusiasmo de todas as atividades sugeridas no projeto. Nessa ação, eles além de aprenderem muito, puderam se divertir e reconhecer a importância da valorização da cultura local da qual fazem parte e, às vezes, nem percebem o tamanho da riqueza desses valores.

Portanto, estimular o aluno a partir da leitura de textos literários começando por textos curtos como o conto, dar a ele a oportunidade de dramatizar os textos

lidos em sala de aula, e de forma cativante fazê-lo reconhecer a importância disso para sua vida é essencial para evolução do ensino e aprendizado. Por isso, o docente exerce um papel muito importante no contexto escolar, pois, este deve buscar sempre inovar sua prática em sala, trabalhar sempre com proposta inovadora elaborada junto com os alunos, identificar a partir das angústias deles o que melhor os auxiliará no seu processo de aprendizagem. Doravante, entrar em ação com propostas reais e estratégias de fácil aceitação da turma para facilitar o desenvolvimento e obter o resultado esperado.

Eu, enquanto autora dessa pesquisa, posso afirmar com convicção que isso enriqueceu grandemente a minha experiência na sala de aula. Posso dizer que hoje, sou uma professora com uma versão melhorada para enfrentar e lidar com os desafios encontrados no contexto do meu espaço de trabalho. Pois, com esse trabalho pude repensar e ampliar a minha prática pedagógica e construir outra visão acerca do contexto da sala de aula, reconhecendo a minha responsabilidade enquanto transformadora e construtora de um futuro menos obsoleto da sociedade.

REFERÊNCIAS

- AGUIAR, Vanda T. O leitor competente à luz da teoria da literatura. **Revista Tempo Brasileiro**, Rio de Janeiro, 1996, p.23-34.
- ANTUNES, Irandé. **Aula de português: encontro e interação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.
- BARTHES, R. As manifestações artísticas. In: Samuel, R. (Org.) **Manual de teoria literária**. 9ª ed. Petrópolis: Vazes, 1997, p. 28.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. B823p **Parâmetros curriculares nacionais: língua portuguesa/ Secretaria de Educação Fundamental**. Brasília: 1996, p. 144.
- BRASIL. Secretaria de Educação. **Base Nacional Comum Curricular língua portuguesa / Ministério da Educação**. Brasília: 2018.
- CASCUDO, Câmara (2001; 1984).
- CORTÁZAR, Júlio, 1914-1984. **Valise de cronópio / Julio Cortázar**; [tradução Davi Arrigueti Jr. e João Alexandre Barbosa; organização Haroldo de Campos e Davi Arrigueti Jr.]. – São Paulo: Perspectivas, 2008. – (Debates; 104 / dirigida por J. Guinsburg). 2008, p. 154.
- COUTINHO, F.; AZEVEDO, F. **A importância do ensino básico na criação de hábitos de leitura: O papel da escola**. In: AZEVEDO, F. (Coord.). **Formar leitores: Das teorias às Práticas**. Lisboa: Lidel 2007. P. 35-44.
- DIONISIO, A. P. Gêneros Textuais e Multimodalidade. In: KARWOSKI, A. M.; GAYDECZKA, B.; BRITO, K. S. (Org.). **Gêneros textuais: reflexões e ensino**. São Paulo: Parábola Editorial, 2011. - CREDITO: CAMPO GRANDE NEWS
- DIONISIO, M. L. **A construção escolar de comunidade de leitores: Leitura do Manual de Português**. Coimbra: Almedina, 2000.
- EDUCADOR BRASIL ESCOLA. **Pesquisa-ação**. Disponível em <<https://educador.brasilecola.uol.com.br/trabalho-docente/pesquisa-acao.htm>> acessado em: 24/12/2020.
- FERREIRA, E. A. G.; LUZ, F. T.; REMENCHE, M. L. R. GÊNEROS TEXTUAIS E LETRAMENTO LITERÁRIO: uma proposta inicial de trabalho em sala de aula. In: JÚNIOR, J. Z.; FERRIRA, A. G. R. **Leitura na Escola: reflexões e estratégias para mediadores**. Cultura Acadêmica ANEP. 2015
- FERREIRO, E. **Reflexões sobre alfabetização**. Tradução Horácio Gonzalez (et. al.). 24ª ed. São Paulo: Cortez Editora, 1995.

Formação de mediadores de Leitura: Cadernocomplementar 1 / Eliane Aparecida Galvão Ribeiro Ferreira et. al. (Organizadores). Assis: ANEP – AssociaçãoNúcleo Editorial Pro-leitura, 2015, p. 43.

FREIRE, Paulo, 1921-1997. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam** / Paulo Freire. 49a ed. São Paulo, Cortez, 2008, p. 11-12.

GOTLIB, Nádía Battella. **A Teoria do Conto**. Digitalização: 2004, Publicação 1990.

GRIMM, Jacob, 1785-1863. **Contos de fadas** / Irmãos Grimm; tradução Celso M. Paciornik; apresentação Silvia Oberg. 5ª ed. São Paulo: Iluminuras, 2005

GUIMARÃES, M. F. O conto popular. In: BRANDÃO, H. N. (Coord.) **Gênero do discurso na escola: mito, conto, cordel, discurso político, divulgação científica**- 3. Ed. – São Paulo: Cortez, 2002. – (Coleção aprender e ensinar com textos; v. 5) p. 87.

KIEFER, Charles. **A poética do conto**/ Charles Kiefer. Porto Alegre: Nova Prova, 2004, p. 19 – 191.

LIMA, L. R. Texto e discurso no ensino de inglês como língua estrangeira. In: LIMA, D. C. de. (Org). **Ensino e aprendizagem de língua inglesa: conversa com especialistas**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

LOPES-RESSI, M. A. G. Gêneros Discursivos no Ensino de Leitura e Produção de Textos In: KARWOSKI, A. M.; GAYDECZKA, B.; BRITO, K. S. (Org.). **Gêneros textuais: reflexões e ensino**. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.CREDITO: CAMPO GRANDE NEWS

MARTINS, H. M. **O que é leitura**. Maria Helena Martins. São Paulo: Brasiliense, 2007.

MELO, E. S. O, Oliveira, P. W. M, Valezi, S. C. L. Gêneros poéticos em interface com Gêneros multimodais. In: ROJO, R. H. R.; MOURA, E. **Multiletramentos na escola**. São Paulo: Parábola, 2012, 151.

NUNES, G. C; LUZ, M. A. C. A. **Investigação Participativa como Processo de Melhoria da Práxis Docente**. Id onLineRevista Multidisciplinar e de Psicologia. V.10, N. 30. Supl. 1. Julho, 2016. ISSN 1981-1179. Edição eletrônica disponível em <http://idonline.emnuvens.com.br/id>

POE, Edgar Allan. **Poemas e Ensaio**s. (Trad. Oscar Mendes e Milton Amado). São Paulo: Globo, 1999. 3. ed. revista.

ROJO, R. H. R. **Pedagogia dos multiletramentos**: diversidade cultural e de linguagens na escola In: ROJO, R. H. R.; MOURA, E. Multiletramentos na escola. São Paulo: Parábola, 2012.

SARAIVA, J. A., MUGGE, E. **Literatura na escola**: proposta para o ensino fundamental / Juracy Assmann Saraiva, Ernani Mugge ... [et. al.]. Porto Alegre: Artmed, 2006, p. 39, 40.

SCHNEUWLY, B. **Gêneros e tipos de Discurso**: Considerações Psicológicas e Antogenética. In: Schneuwly, B.; Dolz, J e Colaboradores. Gêneros Orais e escritos na Escola / tradução e organização Roxane Rojo e Gláís Sales Cordeiro. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2004, p. 27.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. **Leitura na escola e na biblioteca**. 3º ed. São Paulo: Papyrus, 1948.

SOLÈ, Isabel. **Estratégia de leitura**. Trad. Claudia Schilling. 6a ed. Porto Alegre: Artmed, 2008, p. 75.

THIOLLENT, Michel, 1947 – **Metodologia da pesquisa-ação**. Michel Thiollent. 18ª ed. São Paulo: Cortez, 2011.

VYGOTSKY, L. S. **A Formação Social da Mente**: O Desenvolvimento dos Processos Psicológicos Superiores. São Paulo: Ed. Martins, 1984.

YUNES, E. PELO AVESSO: **A leitura e o Leitor**. Eliane Yunes / Letras Curitiba, nº 44, p. 185-196. 1995, Editora da UFPR.

APÊNDICES**Nome:** _____**Questionário para diagnóstico de leitura**

1. Você gosta de ler?
 Sim Não
2. Quais tipos de textos você gosta de ler?
 contos
 notícias
 crônicas
 histórias em quadrinhos
 romance
 histórias de aventura
 história de terror
 outros: _____
3. Você ler diariamente?
 Sim Não
4. Você considera que seu tempo dedicado à leitura é:
 Suficiente Insuficiente
5. Quais são as maiores barreiras para sua frequência na leitura?
 tempo
 condições financeiras
 dificuldade de acesso à biblioteca
 lentidão na leitura
 preguiça
 outro: _____
6. Você acha que a leitura é importante na sua vida?
 Sim Não
7. Você gostaria de participar de atividades que te proporcione desenvolver ato de ler?
 Sim Não

ANEXOS

ANEXO A

Depoimento final dos alunos

Depoimento da B

Professora, essa forma que senhora trabalhou com nós foi muito boa porque eu consegui superar um pouco do meu medo de falar na frente para os colegas, eu consegui escrever um conto, pensei que não seria capaz. Aprendi que em um conto nós temos que usar verbos no passado porque é uma história que foi acontecer.

Depoimento do aluno F

No começo eu não queria participar desse projeto, mas não tive jeito, a professora não desistiu de me ajudar a ler os textos e me ajudou a escrever um texto, depois comecei gostar de participar das atividades, foi muito bom!

Depoimento do aluno C

Eu tinha muita dificuldade pra ler um texto, mas depois que li os textos que foram passados pra nós ler aqui e em casa eu consegui melhorar muito. É o texto, professora, que escrevi? No começo sinceramente, eu achei ruim o do conto, mas com suas orientações eu consegui. Muito obrigada professora!

Depoimento da aluna A

Com esse projeto eu consegui aprender muito, melhorei minha leitura e principalmente a ~~escrita~~ escrita fui capaz de escrever um conto. Aprendi as questões das concordâncias verbais, aprendi a usar os conectivos para ligar as partes do ~~texto~~ texto, porque eu só usava o ~~oi~~ ~~ai~~ entendi que isso a gente só deve usar na linguagem falada, na escrita não. Percebi que a leitura dos vários textos que li me ajudou na escrita do meu conto, por eu fui observando a diferença da fala do narrador e dos personagens.

Depoimento da aluna H

Eu gostei muito de participar do projeto porque é uma forma de aprendermos mais sobre os conteúdos da escola de forma diferente que não esqueçamos mais, como as concordâncias dos verbos que usamos nos contos, a pontuação, os conectivos do texto, os tipos de discursos e também como escrever um conto.

Depoimento da aluna D

Foi muito bom participar das atividades do projeto, ler um monte de textos bons, ir na casa dos moradores ouvir um monte de histórias engraçadas, e o melhor escrever um conto baseado nessas histórias, deu até vontade de escrever mais, por isso escrevi dois contos e acho que vou escrever mais.

ANEXO B

Texto I

O menino e o Padre

Em uma fazenda que tinha como proprietários um Padre, morava um casal com dois filhos. Seu Juvenal era vaqueiro da fazenda há muito tempo, cuidava do gado e de toda criação.

Certo dia sumiu uma vaca branca do pasto da fazenda, ou melhor, o seu Juvenal e dona Amélia sua esposa a mataram para dar comida a seus filhos. Pegaram a vaca e mataram na beira de um córrego, levaram toda a carne pra casa. Os dois meninos não sabiam de nada, pois eles haviam ficado em casa. Joãozinho, o filho mais velho, ficava sempre prestando atenção às conversas dos pais.

Dias depois o Padre chega na fazenda e logo sente falta vaca branca. Curioso pra saber o que tinha acontecido com a vaca perguntou:

- Seu Juvenal cadê aquela vaca branca?

- Seu Padre, já faz uns dias que não a vejo, eu acho que a onça comeu ela.

Disse seu Juvenal.

O padre ficou desconfiado e dormiu na fazenda naquele dia. Logo que anoiteceu todos foram jantar e depois se acomodaram pra dormir. O casal mandou o filho mais velho colocar o outro mais novo pra dormir. O menino deitou o irmão na rede e com sua inocência começou a cantar:

“A vaca branca que papai matou, matou no mato e lá mesmo tratou, nós estava com fome e ela acabou.”

O Padre ouviu toda a cantoria do garoto. No dia seguinte foi falar com o menino:

- Joãozinho você pode cantar essa musica bonita na missa de ação de graça que irei celebrar hoje no final do dia?

- Sim seu Padre, eu posso.

Então o Padre passou o dia todo andando e convidando a vizinhança para a missa que ia acontecer na sua fazenda. Joãozinho ficou preocupado, sua mãe desconfiou e conversou com menino antes da celebração.

O Padre fez a reza, antes das bênçãos finais, o padre anunciou:

- O filho do meu vaqueiro irá cantar uma música, quero pedir que todos prestem atenção, e acreditem crianças não mentem.

O menino começou a cantar:

“Seu Padre deitou com mamãe, Papai não pode nem sonhar, se não a pisa é pra danar.”

Quando o Padre começou a ouvi a música ficou de toda cor. Logo disse:

- Mentira, seu filha da peste!

E o menino respondeu:

- Mentiroso é o senhor que falou que criança não mente.

Autora: Aluna L

Profª. Ironeide Lopes Cavalcante

ANEXO C

Texto II

O grito misterioso

Em uma floresta á beira do Rio pau seco, havia uma casinha de palha que morava uma senhora chamada Susan, que tinha um casal de filhos, Marcos e Cláudia. Em um dia pela manhã, Susan chamou seus filhos e disse:

_ Marcos e Cláudia, hoje nós vamos á uma missa do outro lado do rio, quero vocês dois prontos a 6 horas da tarde.

_ Mãe, como vamos atravessar com o cavalo é o jumento? Perguntou Cláudia.

_ Minha filha, o Rio é estreito, e está raso, vamos passar sem problemas. Disse Susan.

Marcos não questionou nada naquele momento.

Quando chegou o fim da tarde, saíram pra ir à missa. Claudia como era a mais velha foi sozinha no cavalo, Susan e Marcos no jumento. Pararam para abrir um colchete, logo quando passaram já viram o Rio, de repente Susan escuta um grito estranho distante, mas continuou. Quando estavam no meio do Rio, Susan escuta o grito novamente mais alto e bem próximo, os animais começaram a ficar assustados, Susan desce do jumento e disse:

_ Fiquem perto de mim crianças.

_ Mãe o que foi isso? Que grito é esse? Perguntou Marcos.

Meio abalada com que escutou, respondeu Susan:

_ Deve ser um corujão filho. Vamos voltar pra casa agora.

Susan e as crianças deram meia volta, quando chegaram perto do colchete novamente para abri-lo, o grito voltou a assustá-los, parecia está bem próximo, o jumento começou a berrar, Marcos o mais novo se apavora, dizendo :

_ Mamãe, Socorro o bicho vai me pegar!

Susan já nervosa acalma seus filhos, montam nos animal e saem rapidamente. Chegaram em casa, por volta das 9 horas da noite, as crianças muita curiosas e nervosas, perguntaram Susan o que era aquilo, ela responde:

_ Crianças, aquele grito não era um corujão, eu e outras pessoas já havíamos escutado o grito, porém, meus país avós de vocês, já tinha me contado que

aquele grito misterioso é de um tipo de lobisomem, mas que atrás de muitos pelos existe um índio velho.

_Ó Deus, nunca mais quero andar por esses matos. Disse Marcos.

_E eu também Não. Disse Claudia.

No dia seguinte Susan sai bem cedo pra ir até o colchete ver até onde aquele bicho os seguiu. Quando chegou lá, ver as pegadas no pé do colchete e suspira fundo, quando ela vira pra voltar pra casa, dar de cara do o bicho peludo misterioso,naquele momento ela se apavora, não sabia o que fazer,de repente o animal seguiu em direção a ela. Susan ficou sem reação, começou a gritar e o bicho também gritava. Quanto mais ela gritava, mais bicho gritava junto com ela, parecia uma competição de grito mais feio,ele foi se aproximando cada vez mais e ela parada sem reação, foi aí que ela percebeu que bicho era um ser inofensivo á procurar de seu hábitat natural, pois aquele em que vivia, era perseguido por caçadores.

Aluna: Aluna S

Prof^a.: Ironeide Lopes Cavalcante

ANEXO D

Texto III

História de pescador

Naquele tempo eu tinha 12 anos de idade, fiz uma viagem com o senhor Ananias lá para Babaçulândia, nós lanchamos na barra do corrente, uns homens foram pescar e voltaram correndo, disseram que tinha aparecido uma visagem e correu atrás deles, coisa e tal...

Ananias virou pra mim e disse:

__ Rapaz vamos lá ver esse bicho?

__Vamos. Eu afirmei

Então fomos pescar no mesmo remanso, preparamos uma linha com isca e jogamos na água. Veio um velho morador e disse:

__ Vocês pescando neste remanso? Aqui tem um peixe que todo pescador que vem aqui ele come, agarra na linha e arrasta o pescador pra água e engole-o, esse peixe é muito grande, ninguém nem pesca mais aqui! Vocês não são daqui, pois eu não conheço vocês...

__ Não, nós não somos daqui. Eu disse.

__ Então, saiam fora daí, se não o peixe come vocês! Exclamou o homem.

__ Mas eu não vou entrar na água!

O homem continuou:

__ 15 dias atrás tinha um pessoal fazendo uma mudança da Barra do Corrente para a Barra das Arraias, e quando estavam atravessando o rio de uma Barra pra outra, o peixe os atacou no meio do rio. Eles iam levando o resto da mudança, então pegaram algumas cadeiras e jogaram na água e o peixe engoliu, jogaram um cacho de banana o peixe engoliu, jogaram um porco o peixe engoliu, iam levando um bebo com um saco de pinga, jogaram o saco de pinga o peixe engoliu, jogaram uma mesa peixe engoliu, a canoa alagou o peixe engoliu os dois homens e o bêbado.

Então eu perguntei:

__ E esses homens não apareceram mais?

__ Não, o peixe engoliu tudo. Afirmou ele.

Então Ananias falou:

__ Vamos pegar esse peixe!

Nós fomos ao Estreito, chegamos lá, fomos a um ferro velho, conseguimos 20 quilos de ferro e mandamos fazer um anzol, encastoar num cabo de aço colocamos na canoa e pegamos os remos. Passamos em uma fazenda, nos encontramos um cavalo velho magro estava preso, nos compramos o cavalo, quando chegamos e Ananias disse:

__ Segura o cavalo!

Segurei e disse:

__ Pode iscar o cavalo.

Ele enfiou um anzol bem na sangria dele que a ponta saiu bem no pé do rabo, empurrou o cavalo velho na água, e veio o banzeiro de lá de pra cá, amarrou o cabo de aço numa árvore muito antiga, então saímos de perto e fomos para a fazenda. De manhã chegamos na beira do rio o peixe estava morto boiando.

Eu disse:

__ E agora? Um peixe desse tamanho como vamos puxar para fora?

O Antônio disse:

__ Vai buscar aqueles homens na fazenda pra nós ver se damos conta!

Chamei os camaradas, chegaram aquele magote de homens, um deles disse:

__ Um peixe desse tamanho precisa partir pra tirar as roletas pra rolar pra fora se não ninguém consegue tirar.

Quando partiram o peixe, estavam os três cabras dentro sentados na mesa bebendo pinga, tirando gosto com banana e jogando as cascas para o porco.

Autor: Aluno G

Profª. Ironeide Lopes Cavalcante

ANEXO E

Texto VI

O bêbado e a estrela

Havia um cara, amigo do meu pai, que gostava muito de beber cachaça. Sempre ia para o bar na sua bicicleta, sai pela manhã e só voltava à noite. Pela segunda vez seguida ele chegou com o pneu seco e cama de ar pra fora, bêbado e apavorado. Sem entender o motivo de ele andar assustado, seus amigos perguntaram o que estava acontecendo. Ainda muito assustado contou que saia do bar, montava na sua bicicleta e algo bem pesado montava na garupa batendo em suas costas, mas quando ele olhava, não conseguia ver nada devido uma o intenso reflexo de uma luz. Para ele era uma estrela malvada. Ninguém acreditou na história.

Ele dizia que quanto mais pedalavam mais a estrela batia nele, e assim ia até chegar em casa. Chegava com as costas vermelha de tanto apanhar da tal estrela. E a cama de ar toda enrolada no pneu da bicicleta.

O clarão que ele afirmava ser uma estrela vinha batendo nele e falando:

_ Tu ainda vai beber cachaça cabra safado?

_ Não, eu não bebo nunca mais! Dizia ele.

Mas, ele queria descobrir o estava acontecendo. Foi então, que ele teve a ideia, pediu que todos ficassem na beira da estrada escondidos esperando ele passar.

No dia seguinte, todos foram para a estrada. Quando anoiteceu, ouviram um barulho, logo apareceu um clarão e lá vem ele na bicicleta, apavorado. Descobriram que a estrela na verdade era o farol de um carro que vinha atrás dele, e que o pneu da bicicleta seco com a cama de ar pra fora vinha dando chicotadas em suas costas, e quanto mais ele pedalava, mais o pneu girava e mais a cama de ar o batia e a voz que ele afirmou ter escutado não passava de fruto da sua imaginação. Quem secava o pneu da bicicleta? Meninos traquinos filhos do dono do bar ou de algum vizinho talvez... Nunca mais ele voltou a beber cachaça.

Autor: Aluno M

Prof^a. Ironeide Lopes Cavalcante

ANEXO F

Texto V

Meu pai e o feixe de lenha

Todos os dias meu pai era obrigado a carregar um enorme feixe de lenha. Isso mesmo, ele era obrigado e não gostava nem um pouco de fazer isso, ele reclamava o tempo todo, fraquejava, chutava o feixe de lenha antes de colocar nas costas, inconformado sem outra saída carregava a lenha.

Certo dia, decidido acaba com aquela situação, apertado achou que deveria morrer.

Então gritou:

— Vem morte, vem me buscar! Ingrata tu andas pelo mundo, assusta criancinhas inocentes, em vez de fazer isso venha e me leve!

E continuou falando:

— Leve logo esse velho que está cansado de viver e que não quer mais trabalhar!

Eu acho que ele disse tudo aquilo, sem ter a menor intenção de que a morte realmente viesse. Só que para a surpresa dele a morte apareceu.

Estralando as asas, acendendo os olhos com faísca parecendo brasas a morte apareceu...

— Chamastes-me? Pois aqui estou. Disse ela.

Ao ouvir a voz trêmula e assustadora da morte, meu pai sentiu um ligeiro tremor no corpo, um calafrio, na verdade ele se sentiu como uma geladeira de tão frio.

Porém, depois de certo tempo, encheu-se de coragem, estufou-se o peito e recompôs-se de suas fraquezas, olhou com suavidade para a caveira trêmula que estava à sua frente e disse:

— Te chamei sim dona morte, para me ajudar a colocar esse feixe de lenha nas minhas costas.

Autor: Aluno T

Prof^a. Ironeide Lopes Cavalcante

ANEXO G

Texto VI

A caçada dos meus sonhos

Quando eu era criança, meu pai me chamou para irmos trabalhar na roça. Quando voltamos pra casa meio dia, minha mãe falou:

- Lá na panela tem arroz pra vocês comerem, mas não tem mistura. Então eu falei:

- Pois eu não quero!

Meu pai falou:

- Como que nós vamos fazer, temos que ter pelo menos uma mistura, meu filho. Vamos dar uma volta no mato, ver se conseguimos matar um jacu!

Ele pegou a espingarda velha e colocou nas costas, andamos, andamos e não vimos nada. Já voltando pra casa, meu pai disse:

- Meu filho bem ali tem um pé de mirindiba, será se tem frutas? Se tiver caindo a paca deve está comendo e a noite eu mato uma.

Nós fomos chegando próximo ao pé de mirindiba e logo percebemos que estava preta de jacu. Meu pai foi chegando mais perto para atirar nas aves, de repente ouviu mexer embaixo do pau quando olhou era um mateiro. Então ele falou aos cochichos:

- Como é que eu faço, eu quero o mateiro e quero os jacus?

A espingarda estava carregada de com chumbos e balas. Quando ele atirou no veado que caiu no chão e virou a boca da espingarda pra cima, começou cair vários pássaros mortos no chão.

Eu comecei juntá-los perto de uma pedra pintada, fui colocando as aves, e a pedra lá. Logo depois olhei e a tal pedra tinha sumido. Eu falei:

- Pai eu estava colocando os jacus perto de uma pedra, mas parece que a pedra sumiu porque não está mais ali!

- Então não era pedra, porque pedra não anda. Disse meu pai.

Escutei estralar nas folhas secas, fui ver era um jabuti e meu pai o matou.

- Aqui dá um almoço, coloque lá junto com os jacus. Disse ele.

- Pai nós estamos com as mãos sujas de sangue como vamos lavá-las? Eu perguntei.

- Bem ali tem uma gruta, deve ter água.

Então fomos pra grotta lavar as mãos, quando chegamos lá percebemos que a bala que furou o mateiro, saiu do outro lado, entrou no oco do pau que deu em uma tiúba com tanto mel, que estava escorrendo no chão. Meu pai foi verificar e disse:

- É mel meu filho!

Eu comi mel até encher.

Meu pai foi limpar as mãos na bananeira, quando mexeu nas folhas um bicho pulou e eu bati a mão encima:

- Pai é um tatu!

Ele veio quebrou o pescoço do bicho.

- Pai que caçada boa essa?

- É meu filho temos que agradecer a Deus. Disse meu pai.

Então, ele foi logo colocando os joelhos no chão e fechando as mão em gesto de oração foi quando veio uma jaó passando entre suas mãos e ele a pegou. Voltamos em casa pegamos um cavalo velho e colocamos a cangaia com a carga de jacáe retornamos pra buscar as caças, quando chegamos lá, ele disse:

- Agora vamos colocar o mateiro num dos jacas e no outro colocamos os outros bichos.

E assim fizemos, quando a carga estava completa o cavalo não aguentou de tanto peso, caiu e ainda cagou dentro do jacá.

Autor: Aluno E

Professora: Ironeide Lopes Cavalcante

ANEXO H

Texto VII

A palha de piaçaba

Quando eu era jovem, eu tinha uma namorada e todos os dias à noite eu ia para sua casa. Quando foi um dia, meu pai tocou fogo no varjão e eu vinha à noite montado num burro, atravessei um córrego, olhei para frente e vi algo estranho parecia uma alma e ao seu lado havia três objetos estranhos olhando me olhando.

O burro cismou e não queria seguir. Então eu descii do animal e o amarrei em uma árvore ali perto. Eu estava com tanto medo, que pra todos os lados que olhava via coisas estranhas, eu corri e me escondi atrás de uma pedra. Tirei o revolver e falei:

___ Se for gente fala, porque se não lá vai bala!

Isso era porque eu estava muito apavorado, e a coisa branca só dançando. Então eu ouvi um barulho ao meu lado, virei e atirei desesperado, descarreguei todas as balas do meu revolver só de medo, depois fui me afastando e escorreguei, bati a cabeça em uma pedra e desmaie, fiquei desacordado por algum tempo, acordei meio tonto, levantei e sai correndo pra perto do burro, peguei uma lanterna que estava no saco e alumiei para todos os lados e não vir nada estranho. Percebi que a coisa branca que vi dançando era apenas uma palha de piaçaba sapecada da metade pra cima e as outras coisas estranhas que me aparecia eram somente frutos da minha imaginação.

Autor: Aluno M

Professora: Ironeide Lopes Cavalcante

ANEXO I

Texto VIII

A caça na luz da lanterna

Em uma noite de lua cheia João e Matheus saíram para esperar na mata. Quando chegaram no local da caça, tinha muitos macacos fazendo macaquice, Matheus disse:

- Com esses macacos fazendo barulhos não vem nada!

João acendeu a lanterna pra atirar no macaco, de repente o macaco jogou a palha de coco e veio na luz da lanterna em direção a minha rede. Quando chegou ao meio da água, ele apagou a lanterna e o macaco caiu dentro da água.

Depois João e Matheus partiram para outro lugar eles acamparam na beira do rio. Apagaram as luzes e ficaram acordados esperando alguma caça aparecer. João percebeu algo mexer próximos a eles. Logo Matheus fala:

- Atira, atira!

- Calma vou alumiar pra eu ver o que é. Disse João.

Quando viu era uma baita capivara. Não pensou muito, deu lhe um tiro e a matou.

Logo depois atravessaram o rio pra irem embora, chegaram do outro lado, João que estava com a lanterna alumiou de volta para onde estavam e avistaram outra capivara à beira da água, quando a bicha viu a luz, veio na luz da lanterna, chegou perto deles João apagou a luz e a capivara caiu na água, no mesmo instante o homem deu lhe um tiro e a matou, mergulharam na água e pegara o animal. Então foram pra casa com as duas capivaras.

Autor: Aluno L2

Professora: Ironeide Lopes Cavalcante

ANEXO J

Texto IX

Dois Reais

Antes de eu começar a contar a história eu queria dizer que eu sou muito benzido, nada de ruim acontece comigo. Quando eu nasci me batizaram porque quiseram, mas, eu já nasci batizado.

Em um dia normal como os outros, amanheceu e eu fui trabalhar. Depois de trabalhar bastante, voltando para casa eu resolvi parar em um boteco para beber uma cachaça, só que eu não estava com o dinheiro na hora, mas mesmo assim fui lá. Cheguei ao bar e disse:

- Moço eu queria R\$ 2,00 de cachaça, mas eu pago depois porque eu estou chegando do serviço agora, não fui em casa ainda.

- Tudo bem! Disse o dono do boteco, eme serviu a bebida.

Tomei a cachaça e fui pra casa, logo na chegada, encontrei o Zé pequeno peguei o dinheiro e disse:

- Zé pequeno, vai ao boteco do seu Carlos e entrega esses R\$ 2,00 pra ele!

- Estou indo lá! Disse o Zé pequeno.

Depois de uns 15 dias eu estava voltando do serviço e o dono do boteco me gritou.

- Pedro, cadê meu dinheiro?

- Eu mandei na mesma hora pelo Zé pequeno, ele não te entregou?

- Seu filho de uma égua, você quer me passar as pernas!

Filho de uma égua mais fácil ser você!

Ele veio de lá pra cá e eu fui daqui pra lá, ele topou em mim, tirou uma arma e apontou pra mim e começou a atirar ele deu 6 tiros e nenhuma pegou em mim simplesmente as 6 balas caíram todas amassadas no chão. Ele com olhar de encabulado, disse:

- Tu ainda me paga!

Depois com raiva fui atrás do Zé pequeno e quando cheguei em casa ele estava lá. E eu perguntei:

- Zé pequeno, você lembra aquele dia que te entreguei R\$ 2,00 pra você pagar o boteco pra mim?

Ele todo desconfiado e nervoso, responde:

- Lembro sim por quê?

- Você entregou como te pedi?

- Então, na hora que eu estava indo pagar passou por mim um rapaz vendendo um geladinho e eu estava com calor e eu pensei, vou compra com esse dinheiro e depois eu pago a cachaça que o Pedro me pediu. Só que acabei esquecendo.

Eu com muita raiva, perguntei:

- Como você faz um negócio desse comigo, filho de uma mãe? Eu podia ter morrido por sua causa, mais graças a Deus sou muito protegido. E agora?

- Me desculpa Pedro prometo pagar.

- Faz assim Zé pequeno, você arruma o dinheiro e traz pra mim que vou lá pagar o Carlos.

Um pouco mais de 1 hora, Zé pequeno chega e me entrega os malditos R\$ 2,00. Então, sem perda de tempo fui ao boteco. Chegando lá Carlos me olha com uma cara ruim e na mesma hora me manda ir embora, eu disse:

- Calma Carlos, só vim acertar as coisas.

- Que conversa de calma, rapaz? Tu quer me passar as pernas e ainda me pede calma? Vamos aqui resolver essa conversa como homem.

E ele mais uma vez tentou atirar em mim e a cena se repetiu, novamente as balas simplesmente caíram no chão todas amassadas. Eu comecei a sorrir e entreguei os R\$ 2,00 pra ele. Voltei pra casa agradecido e sorrindo de tudo que aconteceu. E nunca pensei que um simples R\$ 2,00 poderia gerar tanta confusão.

Autora: Aluna S2

Professora: Ironeide Lopes Cavalcante

ANEXO K

Texto X

O metido a caçador

Quando eu tinha 18 anos, aconteceu uma coisa comigo. Nós morávamos na ponte das Candeias, meu tio José gostava de caçar todos os dias, mesmo que não matasse nada. Certo dia ele foi caçar numa floresta na qual todo mundo dizia que quem entrava lá voltava assombrado, mais ele não acreditava nessa história. Subiu em um pé de pequi bem alto e lá fico a espera dos veados. Por voltadas 10 horas da noite, ele viu dois veados, então logo ele começou a meter bala, e cada tiro que ele dava, os veados dizia:

- Errou compadre, errou de novo.

Ele começou a ficar com muito medo e desceu bem rápido da árvore e saiu correndo assombrado. Então, quando chegou em casa, não parava de falar:

- Eu nunca mais volto lá, as pessoas tinham razão sobre essa floresta mal assombrada!

Mas, como eu era metido a caçador, logo falei:

- Que nada, isso não passa de invenção, pois, eu vou lá amanhã mesmo, quero ver com meus próprios olhos, se isso é verdade mesmo!

No dia seguinte às 5 horas da tarde, arrumei minha trouxa, botei minha espingarda nas costas e fui pra floresta. Cheguei lá subi no mesmo pau, armei minha redinha e deitei, quando foi meia noite, eu estava começando a cochilar, quando sentir algo balançar minha rede. Então peguei a lanterna para ver o que estava me balançando, tomei coragem e alumiei, quando vir era um macaco, Eufrespirei aliviado, pois, era apenas um macaco. Fui logo falando:

- Nossa que alívio, sai daqui macaquinho estou esperando uns veados, você vai me atrapalhar!

Eu falei aquilo como se ele não fosse me responder, para minha surpresa ele olhou para mim e falou:

- Osh caçador! Você num vai conseguir matar nada hoje, porque os veados e o resto dos animais foram para aniversário da Dona Anta do outro lado da floresta.

Na hora em que ele terminou de falar, não pensei duas vezes, pulei no chão, fui embora correndo, cheguei em casa, que nem eu vir de tão rápido, e falei:

- Tio, não conseguir matar nada!

- Oxente, e os veados que eu vir? – Perguntou ele.

- Um macaco veio me falar que eles e o resto dos animais tinham ido para o aniversário da Dona Anta do outro lado da floresta.

Como assim? Como pode um macaco falar com você?

- Uai tio, eu não sei, fiz um comentário pensando que ele não falava, mas como se fosse uma pessoa, ele falou comigo, sai logo correndo. Nunca tinha visto animais falar.

- E por que você saiu correndo seu tolo? Por que não perguntou onde era o aniversário e passava lá e matava os veados.

- Jamais, quem sabe o que me esperava lá nesse aniversário? Imagine tio, se todos os animais falam. Ave Maria não dormiria mais a noite de tanto medo! Nunca mais irei caçar!

Autora: Aluna K

Professora: Ironeide Lopes Cavalcante

ANEXO L

Texto XI

O tiro mágico

Um dia eu e o Tadeu fomos pescar na barra do Rio Manelavo, chegamos lá organizamos o acampamento e eu falei:

- Tadeu vai buscar umas lenhas; ele então pegou uma espingarda que ele tinha e saiu.

Quando ele andou um pouco viu um veado bebendo água do outro lado do rio. Ele então deu-lhe um tiro e, quando ele atirou um tucunaré pulou para cima e o tiro acertou nele e o matou. Quando Tadeu olhou para o outro lado do rio viu o veado morto, pois o tiro pegou no tucunaré e ainda acertou no veado, logo depois ele pegou os dois, e colocou nas costas e levou para o acampamento.

Quando ele chegou com esses bichos nas costas! Eu falei:

- Moço, mais eu estou precisando de lenha!

- Não, vou buscar agora é que houve um imprevisto. Disse Tadeu:

Pegou a espingarda novamente e saiu...

Quando Tadeu estava trazendo as lenhas nas costas, ouviu um zum zum em suas orelhas, então ele jogou o monte de lenha no chão, e saiu de dentro do oco do pau uma paca e ele atirou nela e a matou, o pau abriu as bandas e ele descobriu um favo de abelha e ainda tirou 7 litros de mel.

Autora: Aluna K2

Professora: Ironeide Lopes Cavalcante

ANEXO M

Texto XII

A vingança

Certo dia, na época em que trabalhamos na roça eu e o compadre Sebastião, nós estávamos fazendo a colheita do plantio. Depois de cortar todo arroz fomos carregá-lo para o pano pra bater, ele ia juntando e eu carregando. O Compadre encontrou um formigueiro de formiga de fogo e juntou o arroz bem encima do formigueiro, do jeito que eu cheguei empurrei o cipó e joguei a gajoba de arroz nas costas, não demorou muito as formigas me pegaram e ele pegou um cipó e me obrigou a levar o arroz até o pano. As formigas me mordendo, eu dizia:

__ Compadrezinho de Nossa Senhora, a formiga está me acabando!

__ Não tem conversa, você tem que jogar o arroz lá no pano! Dizia ele.

E assim eu corri até chegar ao pano e joguei a gajoba de arroz. As formigas estavam grudadas no pé da minha orelha que estava vermelho. Quase morri de tantas mordidas. Logo depois fomos almoçar.

Depois do almoço, eu estava como muita preguiça de ir trabalhar e todo mordido de formiga, estava com muita raiva e vontade de me vingar do compadre Sebastião. Então fomos novamente pra lida. Eu falei:

__ Não vou mais carregar as gajobas de arroz, agora vou juntar e você vai carregar!

__ Tá bom, dessa vez eu carrego. Afirmou ele.

Então nós fomos trabalhar, eu juntava o arroz e ele carregava. De repente vi uma casa de maribondos asa branca. Falei só pra mim:

__ Agora você me pagar sem vergonha!

Arrumei a gajoba bem embaixo da casa de maribondo, coloquei um pedaço de pau pra quando ele pega o arroz mexer na caixa dos maribondos. E assim aconteceu.

Quando ele levantou a gajoba, o pau bateu bem na caixa dos bichinhos que começaram a voar e ferrear o compadre Sebastião... Eu tinha me escondido, lógico, para os maribondos não me pegar.

Ele gritava:

__ Compadrezinho de Nossa Senhora, me ajude!

__ Não, agora você tem que jogar o arroz lá no pano! Disse eu.

E assim ele fez, por cima dele estava preto de maribondos, ele levou tantas ferroadas, que no dia seguinte ele estava parecendo uma bola de tão inchado que ficou. E assim minha vingança aconteceu.

Autora: LC

Professora: Ironeide Lopes Cavalcante

ANEXO N

Texto XIII

O mistério dos anzóis

No dia 17 de Novembro de 1978 dois irmãos foram caçar, o senhor Antônio Salles e a senhora Bet Salles. Eles gostavam muito de acampar pra caçar e pescar. Nesse dia os dois chegaram num lugar na beira do rio e fizeram acampamento e se acomodaram pra dormir.

No dia seguinte, depois da noite cansativa e mal dormida, continuaram a descansar durante toda a manhã. Na parte da tarde foram pescar. Na canoa, com a linha na água, Bet sentiu um puxão. Quando puxou a linha da água não tinha mais o anzol, Antônio sente a mesma coisa, puxou a linha, sem anzol também. Eles passaram a tarde pescando mais não conseguiram pegar nada.

Bet já cansada falou:

_ Eita irmão, tem um danado de um peixe só comendo nossas iscas com anzol e tudo.

_ Calma minha irmã, amanhã mesmo vamos pegar peixe! Respondeu Antônio.

Os dois resolveram voltar para o acampamento e descansar, não conseguiram. Passaram a noite toda desinquietos imaginando o que teria levado aqueles anzóis com apenas um pequeno puxão. Na manhã seguinte, eles foram novamente pescar de canoa.

_ Não é possível que dessa vez não vamos pegar nada! Disse Bet.

Antônio fez um gesto desanimado com a cabeça. Nas linhas os puxões eram os mesmos.

_ Vou colocar um anzol maior. Disse Bet.

Antônio respondeu:

_ E eu vou colocar um menor.

E assim, passaram mais um dia sem pegar nem um peixe.

No outro dia, eles resolveram ir pescar de arpão. Durante o mergulho à procura de peixes entraram numa caverna e se depararam com uma bela coleção de anzóis, de repente apareceu um peixe assustador com um anzol enorme e pendurou na parede da caverna junto com os outros. Os dois irmãos ficaram muito assustados, mas descobriram quem era o ladrão de anzóis.

Antônio e Bet saíram rapidamente da água e voltaram para o acampamento, pegaram suas bagagens, foram embora e nunca mais voltaram lá. Pois acreditavam ter visto um lugar mágico no fundo do rio.

No caminho de volta pra casa, Bet pergunta:

_Sabia que aquele era meu anzol grande?

Autora: Aluna B

Professora: Ironeide Lopes Cavalcante

ANEXO O

Texto XIV

Gato Branco

Eu tinha um burro mansinho, só eu montava nele, era o burro que eu ia para as festas. Certa vez, eu fui pegá-lo no pasto para eu ir numa festa, quando cheguei lá, parece que o burro estava adivinhando, esse burro me deu tanto trabalho pra eu poder amarrá-lo que só não desisti porque eu queria muito ir à festa. Então peleei com esse burro até que consegui amarrá-lo. Já era tarde, base de 6 horas da tarde. Trajei o burro, peguei um litro de água e sai. Na metade do caminho o burro amuou comigo o que me atrasou mais ainda. Parecia que não era pra eu ir naquela festa. Quando eu cheguei no local da festa já era bem tarde da noite. Arrochei no forró.

Altas horas da madrugada eu resolvi ir embora, peguei meu burro, depois de andar bastante, avistei um vulto branco atravessando a estrada, e começou a vim na minha direção, o burro disparou na carreira e aquela coisa estranha nos acompanhou até quando chegou numa grota, atravessei e o vulto ficou lá na beira da água, fui embora e dormir pensando naquela coisa.

Amanheceu o dia e voltei lá na grota pra descobrir o que era aquele vulto branco que me seguiu, cheguei lá olhei e não vir nada, eu dei uma volta beirando a água, logo vir um gato branco do mato. Quando ele me viu, correu atrás de mim e, rapidamente eu saltei a grota, fui em casa, peguei minha espingarda, voltei e dei lhe um tiro. Matei o maldito gato e tive 7 anos de azar.

Autor: Aluno N

Prof^a.: Ironeide Lopes Cavalcante

ANEXO P

Texto XV

O balão vai e volta

Certo dia eu chamei o Marcos para irmos a Cristalândia na casa do João que é muito bom pra contar história. Fique sabendo que tinha chegado de uma viagem que tinha feito para São Paulo. Então fomos visitá-lo. Chegamos lá, perguntei:

_ Maria cadê seu João?

_ Ele está no trabalho em Porto Nacional. Disse ela.

Ficamos lá conversando, logo o Tio João chegou. Eu falei:

_ Tio eu vim aqui porque fiquei sabendo que o senhor estava na cidade, passei para lhe vê.

_ Mas estou apressado porque estou com uns homens no serviço, tenho que voltar logo. Disse Tio João.

_ Não vai contar nem uma história não tio daquelas que o senhor gosta de contar? Perguntei.

_ Não tenho tempo estou com pressa!

_ E a viagem como foi?

_ Quando eu estava vindo de São Paulo, o avião deu um problema a bordo.

Então o piloto desesperado disse:

_ O avião esta com problema, vamos todos morrer!

Todos começaram a pegar os para quedas e saltavam do avião. Não encontrei nem um pra eu me salvar, já tinha acabado. Encontrei um balão daqueles grandes, enchi o rapidamente e pulei. Passei pelos outros que descia no para quedas e segui viagem. Quando o balão bateu no chão, com impacto voltou pra cima novamente, passei de volta pelos outros sobreviventes. Eles perguntaram:

_ Pra onde você vai?

_ Vou buscar minhas bagagem que ficou lá encima no avião?

Autor: Aluno A

Prof^a.: Ironeide Lopes Cavalcante

ANEXO Q

Texto XVI

Brincadeira de mau gosto

Quando eu era criança, morava numa fazenda chamada Morro grande com meu irmão Felipe, minha mãe meu pai. Certo dia quando eu e meu irmão chegamos da escola, minha mãe fazendo o almoço, nós estávamos muito cansados. Meu pai falou:

- Meus filhos vão buscar os cavalos no pasto e levar na represa pra bebe água!

Mesmo cansados fomos, pegamos os cavalos e levamos para a represa. Tiramos as roupa pra tomar banho, eu fiquei de cueca, meu irmão não gostava de molhar a cueca pra não molhar o short depois, então ficou pelado.

Lavamos os cavalos, tomamos banho. Eu falei só comigo mesmo.

- Vou já aprontar uma com o Felipe!

Sai da água enquanto ele distraído tomando banho, peguei sua roupa, coloquei na sacola, montei no cavalo e sai pra ir embora, de repente ele gritou:

- Ei, me espera, me espera!

Eu coloquei o cavalo pra correr e fui embora pra casa com a roupa dele. Quando cheguei em casa, meu pai perguntou:

- Cadê seu irmão?

- Vem vindo atrás. Eu respondi.

Quando olhei pra estrada, lá vem Felipe pelado com um pedaço de pau na mão pra bater em mim. Ele falou chorando:

- Pai esse moleque me deixou sozinho no açude e ainda pegou minha roupa e me deixou pelado!

Meu pai me deu uma surra de chicote que nunca mais quis aprontar com meu irmão.

Autora: Aluna MP

Prof^a.: Ironeide Lopes Cavalcante

ANEXO R

Texto XVII

A surra que ninguém quer levar

Eu já trabalhei muito na roça tangendo periquito na plantação de arroz eu e minha irmã, nós sempre tangemos periquito. Certo dia de manhã cedo, a mãe fritou uns ovos e fez uma farofa, fomos para roça e a maninha disse:

- Só vou trabalhar quando quebra o jejum!

Eu disse:

- Então vou tanger logo do meu lado. Eu disse:

No arroz tinha muito orvalho, eu entrei lá dentro e sai todo molhado, naquela época a gente usava um short que caia pra dentro sem cueca.

Entre na roça de arroz era tanto periquito que tampava a luz do sol. Quando eu voltei, a maninha estava tranquila comendo a farofa, por baixo de uma caixa de marimbondo.

Eu Perguntei:

- Maninha tu não vai trabalhar?

Depois os marimbondos se mexeram na caixa. Eu falei:

- Tu não vai não?

- Eu não vou não! Disse ela.

Eu taquei uma pedra nos marimbondos que ficaram muito bravos e começou a esporá-la!

Ela caminhou no facão e caminhou em minha pra cima de mim.

Ela gritou zangada:

- Seu moleque sem vergonha eu vou te matar.

Eu corri pra dentro do arroz e ela atrás de mim, até ela desistiu e foi pra casa, gritando

_ Mamãe do céu!

E eu disse:

- Maninha, maninha!

Ela respondeu:

- O que é moleque?

E seguiu caminhando. Chegou em casa, eu já cansado e ela também. A mãe saiu lá fora e disse:

- O que é menino?

A maninha falou:

_Mamãe, mamãe, esse sem vergonha fez os marimbondos me esporar!

_Como foi isso menina? Perguntou mamãe.

Eu fiquei pensando, agora eu arrumei para as costas ainda vou levar uma pisa grande. Porque a velhinha batia mesmo sem dó, meu pai não me batia não, mais minha mãe era cruel eu voltei pra roça. Meio dia meu foi á onde eu estava e perguntou:

_ Porque fez os marimbondos esporar sua irmã?

Comecei logo a chorar.

_vamos pra casa! Disse papai!

_ Não, minha mãe vai me bater!

Ele insistiu até que fui. Cheguei lá, ela olhou pra mim e fez:

_Rum, rum!

Quando ela fazia isso, podia ter certeza que era surra grande.

Anoiteceu. Eu dormia numa rede. Naquela noite e deitei só de lado da rede, qualquer coisinha eu pulava no chão, pensando que era minha mãe. E assim eu passei a noite, logo ao amanhecer eu fui pra roça. O tempo passou e ela não me bateu.

Em outro dia, minha estava para a fonte. Ela tinha um pilãozinho de pisar café, nos colocava pra pisar café até ficar bem fininho. Nós lá pisando o tal café e tinha uma galinha com pintos no pé do pilão. Minha irmã muito ingênuua... Eu falei:

_Maninha se a gente colocar um pintinho dentro do pilão e bater a mão de pilão com toda força, ele não morre, dá só um choque na gente!

Ela tão sem noção disse:

_ Vou fazer isso maninho...

E eu disse:

_ Pois faça e veja o que acontece!

E assim ela fez, pegou o pintinho e colocou dentro do pilão e mandou a mão de pilão no pobrezinho dentro do pilão, o fato foi todo no rosto dela. Ela começou a chorar. Nesse momento minha mãe vinha chegando da fonte.

O que foi isso menino? Ela perguntou.

Logo maninha contou toda história. Minha caminhou na minha direção, eu corri. Ela pegou um cacete de quebrar coco e jogou no meu pé e eu cair.

_ Mamãe do céu! A senhora quebrou minha perna!

Ela pegou no meu mocotó e começou a me bater com um cipó de mato verde sem folha.

_ Essa aqui é pelo pinto. Agora, vou lhe dá a pisa do marimbondo daquele dia, você lembra?

_ Não mamãezinha, não me bate mais!

E ela continuou. Sabe aquela surra conversada? Pois é. Nunca mais eu quis aprontar com minha irmã.

Autor: Aluno MW

Prof^a.: Ironeide Lopes Cavalcante

ANEXO S

Texto XVIII

A pesca

Uma vez fui pescar na beira da gameleira, com minha prima Júlia e um amigo chamado Lazinho. Era final da tarde , quando de repente veio um temporal daqueles com trovões e relâmpagos, logo escureceu tudo. Então saímos às pressas pra irmos pra casa, nós estávamos em um lugar muito escuro e fechado de matos.

Pegamos a estradinha para sair do mato, por incrível que pareça nós pegamos a estrada certa, mas quando pensávamos que estávamos saindo de dentro da mata, nos deparávamos no mesmo lugar de onde a gente tinha saído da beira do rio. Ficamos andando até anoitecer dentro da mata sem conseguir sair.

Eu e minha prima choramos muito pedimos ajuda a Deus, nós estávamos com muito medo de não conseguir mais sair de dentro daquela mata. O doidinho da Lazinho, era muito estressado, ele ficava o tempo todo xingando, falando que mulher só prestava pra dar trabalho e ser medrosa.

Vendo que eu e Júlia estávamos com medo, Lazinho resolveu fazer uma brincadeira com nós, subiu pra cima de uma árvore, achando que seu plano de nos assustar ia dar certo... Quando de repente ele se deparou com uma casa de maribondos, ele arregalou os olhos, e disse:

__ Estou lascado!

Ele gritou socorro, os maribondos subiu tudo nele, Lazinho desceu desesperado.

Eu e Júlia começamos a sorrir, e ele começou a chorar falando que nós não gostávamos dele. Assentou-se em uma pedra distante de nós.

Eu disse:

__ E agora prima, como sair daqui?

Eu fui até Lazinho chama-lo pra tentarmos sair da mata. Ele olhou pra mim, se levantou e disse:

__ vamos suas chatas!

Andamos, andamos até que conseguimos sair da mata, dei um grito de alegria. Então conseguimos ir pra casa, já era muito tarde, o Lazinho estava com o rosto enorme por causa das esporadas dos maribondos.

Nossa pesca foi uma aventura, apesar de passarmos muito medo, foi muito divertido, o ruim é que não pegamos nada de peixe, só o nosso amigo que pegou muitas esporadas de marimbondos. Êêêh tempo bom que não volta mais!!!

Autora: SO

Prof^a.: Ironeide Lopes Cavalcante

ANEXO T

Jogral de apresentação do projeto

Aluna A: Práticas de letramento em sala de aula

Todos: Projeto “Enxergando além do visível”

Aluna A: Esse projeto surgiu na seguinte ideia:

Todos: moramos em uma cidade pequena,

Todos: conhecendo todos moradores da comunidade.

Aluna C: em especial um senhor

Todos: Tachado de “O mentiroso”,

Todos: inventa e conta histórias legais.

Aluna A: Durante discussões em sala de aula

Todos: entendemos que se trata de estórias criativas, não de mentiras.

Aluno B: Esse projeto foi muito importante para o nosso conhecimento

Todos: sobre produção de texto.

Todos: Concordâncias verbais.

Todos: conectivos usados no texto, eliminando o famoso *Alí*

Aluna C: aprendemos diferenciar a linguagem oral da escrita.

Aluna A: Aprendemos a valorizar a cultura local

Todos: escrevemos estas histórias e hoje vamos contar pra vocês.

Todos: Esperamos que essa sementinha seja regada para brotar mais conhecimentos em Nossas vidas!

Todos: Obrigado, Tia Ironeide!